

RAFAEL C. DE C. BELTRAMI

DA POESIA NA CIÊNCIA

**Fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Parana, uma história
de suas idéias. Curitiba, 1900.**

Dissertação apresentada como
requisito parcial à obtenção do grau
de Mestre, ao Programa de Pós-
Graduação do Departamento de
História, Faculdade de Ciências
Humanas, Letras e Artes,
Universidade Federal do Paraná.
Orientador: Prof.a Dra. Ana Maria de
O. Burmester

CURITIBA
2002

RAFAEL C. DE C. BELTRAMI

DA POESIA NA CIÊNCIA

**Fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Parana, uma história
de suas idéias. Curitiba, 1900.**

**CURITIBA
2002**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua General Carneiro, 460 6º andar fone 360-5086 FAX 264-2791

PARECER

Os Membros da Comissão Examinadora designados pelo Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História para realizar a arguição da Dissertação do candidato Rafael Caminha de Carvalho Beltrami, sob o título "Da Poesia na Ciência. Fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, uma história de suas idéias. Curitiba, 1900", para obtenção do grau de **Mestre em História**, após haver realizado a atribuição de notas, são de Parecer pela *Aprouve* com conceito "A", sendo-lhe conferidos os créditos previstos na regulamentação dos Cursos de Pós-Graduação em História, completando assim todos os requisitos necessários para receber o grau de **Mestre**.

Curitiba, 12 de setembro de 2002.

Prof. Dr. *A. M. J. Beltrami*
Presidente

Profª. Dr. *Marcelina Filizola*
1º Examinador

Prof. Dr. *Antônio*
2º Examinador

Para Arye, Sofia e Gabriel
Pelo apoio, paciência e sobretudo, pelo amor.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Vera, cujo apoio, em todas as esferas, tornou este trabalho possível, e a meus irmãos Luciana e ao Lucas, por toda a ajuda durante essa caminhada.

À Arye, Sofia e Gabriel, companheiros de viagem, por abrirem mão da minha atenção, como marido e pai, respectivamente, para que pudesse concluir este trabalho. Espero poder recuperar um pouco desse tempo que já se foi.

À minha comadre, Mônia, que como historiadora partilhou de minhas descobertas e me ofereceu tantas outras, e como madrinha de meus filhos proporcionou-me alguns descansos mais silenciosos

A todos meus colegas e professores da graduação, que tornaram a convivência mais alegre nos momentos de descontração.

Aos colegas do PET, pela recepção sempre festiva e pelo ambiente de amizade sempre presente.

À Luci, da Secretaria da Pós-Graduação em História, por fazer o possível e o impossível no intuito de ajudar os alunos do Curso.

Aos professores Etelvina Trindade e Magnus Pereira, pelas sugestões que nos possibilitaram pensar outros caminhos para esse trabalho.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa Científica, CNPq, pelo apoio financeiro, em forma de bolsa, durante quase dois anos.

Ao "grupo da Aninha", Vidal, Clóvis, Flávio, Marcos, Erivan, Sandra, Katiucya, Marlene, pelos encontros mensais que se tornaram "tradição".

À minha orientadora, Ana Maria Burmester, com quem aprendi a paixão pela História e suas possibilidades. Mais do que isso, através de uma orientação tranqüila e segura, mostrou que a relação entre duas pessoas deve ser sempre pautada pelo respeito mútuo e tolerância, nos bons e maus momentos. À ela, minha total admiração e carinho.

SUMÁRIO

Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
Introdução.....	01
1 O "incançavel" Romário Martins.....	14
1.1. Para um Instituto modelo, fundadores exemplares.....	19
1.2. A palavra escrita: jornais, revistas e seus homens de letras.....	35
1.3. A sociabilidade dos cafés, clubes e agremiações literárias.....	42
2. Entre o abismo e as torres de marfim: o movimento simbolista no Paraná	46
2.1. O espetacular retorno de Jean Itiberé.....	46
2.1.1. O Simbolismo em Paris.....	47
2.2. O Simbolismo no Brasil.....	61
2.3. A revolução Federalista.....	63
2.4. As Revoluções do Pensamento através das revistas simbolistas.....	66
3. As Comemorações do 4º Centenário.....	78
3.1. As Letras no Paraná.....	84
3.1.1. Rocha Pombo e a geração do Instituto Paranaense.....	84
3.1.2. A <i>Revista</i> e "a arte escripta" no Paraná.....	88
3.2. Novo presente, novo passado: ciência, história e as tradições "inventadas".....	92
Considerações finais.....	105
Fontes e Referências Bibliográficas.....	109

RESUMO

Este trabalho procurou analisar, do ponto de vista de uma história das idéias, o percurso intelectual dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, na virada do século XIX para o XX em Curitiba, para recuperar, em um momento de celebração nacional, propostas de criação de uma identidade paranaense para um Estado com uma história oficial recente. Através do conceito de *configuração*, de Norbert Elias, procura recuperar as diferentes relações estabelecidas pelos fundadores no seio da sociedade curitibana, procurando apreender o surgimento de uma intelectualidade comprometida com os novos ideais republicanos. Através do conceito de *língua*, de Sérgio Paulo Rouanet, procura pensar a circulação de várias correntes de pensamento próprias da época, através do exame dos periódicos e diários da capital de cuja produção participaram os fundadores. Através do conceito de *invenção das tradições*, de Eric Hobsbawn, procura explicar a necessidade de se criar uma identidade para o povo paranaense. Por fim, procura mostrar como a interpenetração das várias configurações surgidas, em especial, na última década do século XIX, possibilitou o surgimento de um discurso que ganharia caráter oficial, com a fundação do Instituto Histórico sendo um dos primeiros passos na criação do Movimento Paranista, que viria a dominar o cenário paranaense da I República.

ABSTRACT

This work sought to analyze, from the standpoint of a history of ideas, the intellectual path of the founders of the Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, at the turn of the 19th to the 20th century in Curitiba, in order to recapture, at a moment of national celebration, proposals for the creation of an identity for the people of Paraná, a state with a short official existence. Through the concept of *configuration*, proposed by Norbert Elias, it seeks to recapture the different relationships established by the founders within the local society, trying to comprehend the emergence of an intellectual group committed to the new republican ideals. Through the concept of *language*, as proposed by Sérgio Paulo Rouanet, it seeks to analyze the circulation of several currents of thought, through the examination of the daily newspapers and other periodicals whose production can be linked to the founders. Through the concept of *invention of traditions*, proposed by Eric Hobsbawn, it seeks to explain the need for the creation of an identity for the people of the State. Finally, it aims to show how the interpenetration of the several configurations that arose, specially during the last decade of the 19th century, made it possible for an official discourse to emerge; the foundation of the Instituto Histórico being one of the first steps taken in the direction towards the creation of the Movimento Paranista, which would eventually be the dominant form of thought in the first decades of the Republic.

1. Introdução

De nau a pior

A caravela pifou, Greca foi demitido, índio apanhou no dia de sua festa. Nem carnavalesco teria imaginação para esse enredo.

A festa dos 500 anos acabou em samba-enredo. Para comemorar a chegada de Pedro Álvares Cabral a Porto Seguro, programou-se a aparição de um navio-abre-alas, uma réplica da nau *Capitânia*, aquela que conduziu a frota portuguesa na travessia do Atlântico. Quando zarpou para o local da festa, o barco ficou cheio de água e interrompeu a viagem antes que afundasse com toda a tripulação. Os índios esperados na festa de 22 de abril, capitaneada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso e seu colega português Jorge Sampaio, pertenciam a diversas tribos e usavam seus trajes rituais: penachos, colares, bermudas e sandálias havaianas. Não satisfeito com o uniforme de praxe, o Ministério do Esporte e Turismo mandou confeccionar sungas e maiôs cor da pele, para que os moradores originais do Brasil escondessem suas vergonhas caso resolvessem aparecer na festa com os balangandãs de fora. Havia uns 3 000 sem-terra nas imediações, ameaçando melar a comemoração oficial com um protesto. Quando os indígenas e os sem-terra decidiram aproximar-se da ala das autoridades, entrou em ação a ala da Polícia Militar baiana, integrada por 5 000 rapazes bem nutridos. O resultado foi o que se viu na TV. Os índios, que apanham dos brancos desde os tempos de Cabral, apanharam novamente, desta vez em companhia dos sem-terra.

(...) De acordo com a polícia e as autoridades federais envolvidas na segurança do presidente, empregou-se apenas a força necessária para evitar o pior. "O gás lacrimogêneo foi lançado para impedir o contato físico, o confronto com os índios", afirma o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso. Como diz a citação famosa, a história se repete – da primeira vez, como tragédia; da segunda, como farsa. Quando aqui desembarcaram há 500 anos, os portugueses não evitaram o contato físico com os índios. E com as índias, principalmente. Cinco séculos depois, as autoridades de Brasília jogam gás lacrimogêneo na turma da tanga para mantê-la a distância.

(...) O presidente Fernando Henrique Cardoso arrumou por fim um pretexto inamovível para derrubar o ministro que organizou a festa dos 500 anos, o paranaense Rafael Greca, do Esporte e Turismo, demitido na quinta-feira passada. É obrigatório lembrar que Greca estava marcado para a demissão havia meses, desde que começaram os rumores sobre aqueles negócios esquisitos com bingos. A festa do Descobrimento só forneceu a gota d'água que faltava.

Amante dos detalhes, o ministro fez questão de colocar a insígnia dourada de deputado na lapela do paletó antes de conversar com o presidente FHC sobre sua saída. "Desde a minha posse como ministro, ela estava guardada na gaveta da mesa de cabeceira", diz Greca. Depois da demissão, para relaxar, Greca ouvia concerto de Bach para flauta no seu gabinete decorado com as cores da bandeira nacional, enquanto sua mulher, Margarita, andava pela sala com uma máquina fotográfica. "Margarita, a bênção da minha vida, está fotografando o gabinete para nós levarmos de lembrança", explicou o ex-ministro. Esse vai fazer falta.

(...)

Não se poderia pedir a estrangeiros que vissem a festa como acontecimento pitoresco. No dia seguinte, os ecos da comemoração, embalados pela indignação das ONGs, espalhavam-se por publicações de todo o mundo. Nas manchetes, o país de FHC ficou muito mal. "Brasil comemora 500 anos reprimindo índios", escreveu o jornal francês *Le Monde*. O britânico *The Observer*: "Índios lideram protestos enquanto o Brasil festeja". O espanhol *El País*: "Amargo quinto centenário no Brasil". Qualquer coisa que se diga em favor dos índios brasileiros será pouco, porque a dívida do país com eles é pesadíssima. Não se pode afirmar o mesmo em relação aos integrantes do Movimento dos Sem-Terra, também barrados pela PM na festa de Porto Seguro. Como parte das comemorações dos 500 anos, o MST programou 500 invasões espalhadas pelo Brasil. Poucos dias antes do festejo, o MST estava numa cidade vizinha a Porto Seguro e havia programado uma marcha de protesto até o local do evento oficial. "Queremos protestar contra 500 anos de latifúndio", disse Valmir Assunção, da coordenação nacional do movimento. Insuflados pelos padres do Conselho Indigenista Missionário e da Comissão Pastoral da Terra, índios e sem-terra decidiram fazer sua marcha para deixar claro que eram contra o governo. Encontraram reforço junto a integrantes do movimento negro, sindicatos e até um curioso grupo de punks, que aderiu. A polícia ergueu dez barreiras para impedir o acesso dos manifestantes a Porto Seguro e conseguiu barrá-los.

O JOGO DOS SETE ERROS

1) Uma semana antes da viagem, a Marinha considerou a nau instável e mandou colocar um peso extra de 14 toneladas de chumbo para corrigir o problema.

2) O engenheiro responsável admitiu que esqueceu de fatores ambientais no cálculo. Refez as contas e disse que o navio precisaria de 18 toneladas de chumbo a mais e não as 14 determinadas pela Marinha.

3) A essa altura, não havia tempo hábil para encomendar as 4 toneladas a mais de chumbo. O peso foi completado com sacos de cimento.

4) Na segunda-feira, já atrasada, a nau deixou o porto. Ainda na Baía de Todos os Santos, as cordas que sustentam o mastro cederam. A viagem parou para que elas fossem reajustadas.

5) A bomba de água responsável pelo resfriamento do primeiro motor pifou. A nau seguiu com o motor auxiliar.

6) Em seguida, o tanque de óleo combustível foi contaminado com água. O segundo motor parou, deixando a nau à deriva na costa de Ilhéus.

7) Resolvido esse problema, o comando hidráulico do leme quebrou. A nau voltou rebocada para Salvador.¹

* * * *

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche observou, no último quarto do século XIX, que a história era própria do ser humano por três razões: "porque é ativo e ambicioso, porque tem prazer em conservar e venerar, e porque sofre e tem necessidade de libertação".²

Ao homem ativo e ambicioso corresponde a *história monumental*, onde os importantes fatos do passado servem para ensinar, consolar ou advertir, na medida em que se acredita ser possível repetir os acontecimentos do passado: "teimará em atenuar a diversidade dos motivos e das circunstâncias a fim de apresentar como monumentais, isto é, como exemplares e dignos de imitação os efeitos"³ desse passado desejado, descontextualizando-o para que sirva de ensinamento. Assim, história e mito se aproximam, fornecendo ao homem o impulso necessário para continuar em direção a um futuro que torna-se conhecido, pois é fruto da repetição dos acontecimentos passados.

A *história tradicional* serve ao homem que lança um "olhar fiel e amoroso às origens", como forma de homenagear seu próprio passado.

¹ REVISTA Veja. 32 (1647): 44-47, 03 mai.2000.

² NIETZSCHE, Friedrich. *Considerações Intempestivas*. Lisboa: Ed. Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 117.

³ Idem, p. 121.

Transformado em antiquário, tudo torna-se relevante pois assim é possível construir relações de empatia para com o passado que se quer preservar. Seu perigo maior, segundo o filósofo, é quando impede a criação e a transformação da vida, em negação ao devir histórico que implica ação e mudança.⁴

Por fim, o homem que tenta libertar-se do passado critica-o impiedosamente, através da *história crítica*, pois no passado repousam juntos tanto as virtudes quanto os pecados de vidas que não existem mais, e que merecem, por isso, o julgamento da vida presente. Nietzsche adverte que o exagero desta tentativa de criar um passado *a posteriori*, através da crítica impiedosa, pode resultar na negação de nossas próprias origens, causando a necessidade da criação de uma segunda natureza, mais fragilizada.⁵

Nietzsche compreende que o homem necessita da história para fazer a vida, porém condena os abusos sofridos pela história causados pela vida que a comanda, isto é, o historiador e seu presente – justamente no século da história, o filósofo alemão propõe retirar a história da vida para que o homem alcance a verdadeira felicidade.⁶

A crítica de Nietzsche acontece justamente no momento em que a história tornava-se um instrumento mais do que necessário para a invenção das tradições, segundo Eric Hobsbawm; momento em que nações (como a própria Alemanha de Nietzsche) recém-criadas voltam-se para o passado para buscar mitos, símbolos e tradições que justificassem e perpetuassem suas novas organizações políticas e sociais.⁷ A história como monumento, antiquário ou ainda crítica foi utilizada nos momentos mais convenientes para estabelecer relações com um passado a ser admirado, conservado ou negado, da forma que melhor conveyed aos interesses dos homens e suas nações.

⁴ Idem, pp. 125-129.

⁵ Idem, pp. 130-131.

⁶ Idem, p. 105-115.

⁷ HOBBSAWN, Eric. "A Produção em Massa de Tradições: Europa, 1879-1914". In _____; RANGER, Terence (orgs). *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, pp. 271 e ss.

Esse interesse pela história, nascido no século XVIII em reação à física e a filosofia de inspiração newtoniana, isto é, sistêmica e não processual, compreende, segundo Arno Wehling, três momentos distintos: o historicismo filosófico do século XVIII, o historicismo romântico da primeira metade do século XIX e depois, na segunda metade do século, o historicismo científico. De maneiras diferentes, todos voltaram-se para a história e para o passado na tentativa de explicar as mudanças e transformações da sociedade.⁸

No Brasil, o historicismo foi o pensamento que permeou a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838, principalmente através de suas relações com o romantismo e o nacionalismo, mas também presente na crença no "gênio da História" que animava as nações através do progresso e da evolução:

Numa concepção historicista da história foram buscar a estrutura velada das relações sociais, as leis do desenvolvimento histórico, sua projeção para o futuro e o conhecimento aplicado, para aperfeiçoar a administração pública e a representação política do recente e combalido Império.⁹

A partir da década de 1870, após a guerra do Paraguai, surge a nova geração de intelectuais que irá pensar o Brasil através do historicismo científico. Segundo Wehling, Capistrano de Abreu surge como modelo dessa histórica científica, marcada pela crença na unidade do real, na existência de leis explicativas deterministas e universais, na evolução como o processo que anima a história e na objetividade do conhecimento científico.¹⁰

A posição de Capistrano de Abreu em relação ao historicismo científico foi, com algumas variações, a de toda a sua geração, segundo Wehling. Ao passo que as teorias utilizadas no Brasil vinham todas da Europa, como os trabalhos de Auguste Comte, Herbert Spencer, Buckle e

⁸ WEHLING, Arno. *A Invenção da História*. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho; Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994, pp. 13-40.

⁹ Idem, p. 168.

¹⁰ Idem, p. 175.

Taine, os problemas a serem explicados eram singularmente brasileiros: a crescente importância econômica de São Paulo, a expansão do trabalho livre, o surgimento de uma elite urbana em contraposição à arraigada elite agrária, as consequências da guerra do Paraguai e a crescente insatisfação com a ligação entre Igreja e Estado.¹¹ Com a Abolição e a proclamação da República, esses cientistas sociais voltam-se para dois outros problemas imperativos que surgem com a nova organização política do país: a busca de uma identidade nacional e de um povo que melhor refletissem a experiência republicana.

José Murilo de Carvalho estudou a luta pela primazia das representações simbólicas para a República que seus "proclamadores" travaram logo após o 15 de Novembro, e bem definiu a difícil tarefa a que estes se propunham: "substituir um governo e construir uma nação".¹²

Carvalho analisa as imagens produzidas por três correntes disputando o poder em sua nova configuração: o grupo mais forte, formado pelos proprietários rurais, em especial os paulistas, que desejavam ter autonomia através do pacto federativo e do liberalismo de inspiração americana. Outro grupo, bem mais reduzido, era composto pelos chamados "jacobinos" de inspiração francesa, que clamavam pela total participação popular e comparavam a monarquia brasileira ao *ancien régime* setecentista francês. Este grupo seria formado por pequenos proprietários, profissionais liberais e ainda jornalistas, professores e estudantes. Por fim, um grupo cuja influência residia na crença que o último quarto do século depositara na ciência como solução para seus problemas sociais. O positivismo, ou "sistema positivo", como era chamado por Auguste Comte, seu idealizador. Os positivistas viam na República a superação do *estado metafísico* pelo qual passavam as sociedades de acordo com a *Lei dos Três Estados* de Comte, quando então se iniciava o *estado positivo*, em que a renúncia à busca das origens metafísicas permite o conhecimento das leis naturais que organizam e

¹¹ Idem, pp. 211.-212.

¹² CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 24.

explicam o mundo.¹³ O positivismo ortodoxo nunca foi dominante, mas muitas de suas idéias e concepções, e principalmente a noção de progresso, seduziram boa parte da intelectualidade, assim como a cientificidade de suas proposições conquistaram a simpatia dos militares, de formação técnica.¹⁴

Estes grupos criaram símbolos, mitos e alegorias no sentido de legitimarem suas propostas para a República, e o estudo dessa produção interessa pois fornece, segundo Carvalho, "elementos preciosos para entender a visão de sociedade, de história e do próprio ser humano".¹⁵ Em estudo semelhante, Luís Fernando Lopes Pereira observou no Paraná da I República um movimento de criação de identidade no Estado liderado pelo jornalista, historiador e político Romário Martins. Centrado na produção artística do movimento, o estudo aponta para a criação de símbolos e mitos que visavam a afirmação de um sentimento de pertencimento a um Estado recém-criado, colaborando assim na criação de um povo, adaptado às exigências do novo regime republicano assim como representativo dos desejos da elite industrial urbana que surgira nas últimas décadas do século XIX.¹⁶

Nosso trabalho, que aqui apresentamos, consistiu em observar um momento no qual começam a despontar indícios desse desejo por uma nova identidade na sociedade paranaense. O evento escolhido foi a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGP), ocorrido no mês de maio de 1900, mesmo mês que o país comemorava os quatrocentos anos do seu descobrimento. Como o Instituto é fundado após as comemorações, não pode, assim, contribuir institucionalmente com as celebrações. Entretanto, a maior parte de seus fundadores colaborou diretamente em trabalhos que buscavam enaltecer as vantagens do novo

¹³ GARDINER, PATRICK. *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984, p. 88 e ss.

¹⁴ CARVALHO, *op. cit.*, p. 24 e ss.

¹⁵ *Idem*, p. 13.

¹⁶ PEREIRA, Luís Fernando Lopes. *Paranismo; O Paraná Inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998. Sobre o surgimento e constituição da indústria do mate no Paraná, ver PEREIRA,

Paraná para o novo Brasil, e que são publicados a tempo para a festa. A celebração do 4º. Centenário e a fundação do Instituto Histórico torna-se então um instantâneo da intelectualidade paranaense em um momento no qual a República ainda caminhava com dificuldades e os grupos políticos, novos e antigos, disputavam um lugar ao sol do novo regime. A constatação local é de que o Paraná não poderia ficar alheio às novas oportunidades de investimento e participação política criadas com a nova ordem republicana. Nicolau Sevcenko nos fornece uma imagem desse conturbado ambiente político e alguns de seus participantes:

O revezamento das elites foi acompanhado pela elevação do novo modelo do burguês argentário como o padrão vigente do prestígio social. Mesmo os gentis-homens remanescentes do Império, aderindo a nova regra, 'curvam-se e fazem corte ao burguês plutocrata'. Era a consagração olímpica do arrivismo agressivo sob o pretexto da democracia e o triunfo da corrupção destemperada em nome da igualdade de oportunidades.¹⁷

A cidade torna-se sinônimo de civilização e progresso, ou como observa Magnus Pereira:

Não era mais preciso viver apenas das notícias de Paris ou do Rio de Janeiro. A erva-mate tornara possível trazer a cidade todos os signos mais evidentes da condição moderna: o boulevard, a fábrica, a iluminação e o burburinho urbano das ruas.¹⁸

A imigração européia, incentivada desde antes da criação oficial do Estado em 1853, também dotara o Paraná com a possibilidade de atender às necessidades de branqueamento da população, um tema candente da I República. Italianos, poloneses, ucranianos e alemães realizam também, de certa forma, o sonho de aproximação do país com o velho continente, fonte do saber de onde todos bebiam:

O imigrante aparece representado de várias formas. Sua presença é apontada, na crônica *Coritiba*, através dos olhos 'azues' com os quais deve fitar o horizonte. Com seus pés

Magnus Roberto de Mello. *Semeando Iras Rumo ao Progresso: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense, 1829-1889*. Curitiba: Ed. UFPR, 1996.

¹⁷ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo : Brasiliense, 1985, p. 26.

¹⁸ PEREIRA, M. *op. cit.*, p. 116.

firmemente fixados no Planalto, com sua beleza e pureza ingenuamente reinando entre as bênçãos com as quais a natureza lhe tocou:

A imagem é ideal de um passado que se pretende dignificar, construir e que se projeta no futuro com o olhar do imigrante. Nesse momento, ele faz parte da realidade social e deve-se, além de justificar dignamente sua presença, construir à sua volta uma expectativa de desenvolvimento.¹⁹

É, enfim, um momento em que se espera com ansiedade pelo futuro que anuncia-se esplendoroso, resultado dos novos métodos científicos, aplicados com sucesso nas ciências físicas e agora também nas ciências sociais.

Nossa proposta, portanto, é acompanhar a trajetória intelectual desse grupo fundador do IHGP, em especial na última década do século XIX, quando a sociedade curitibana assistiu a ascensão de um novo grupo político no Estado, os republicanos liderados por Vicente Machado; a uma revolução que pretendeu derrubar o governo instalado e deixou uma marca profunda na história do Estado e nas mentes daqueles que envolveram-se diretamente com ela; ainda, viu um grupo de jovens curitibanos, ligados aos novos ideais republicanos e engajados em alguma forma de atividade artística, constituir uma proposta diferenciada de literatura, o simbolismo, em contraposição ao naturalismo reinante nas letras e o positivismo, nas ciências. Entretanto, viviam em uma época em que não podiam furtar-se a participar das discussões sobre o futuro da nação, e assim, não conseguiram realizar inteiramente o ideal da *Arte pela Arte*, e, certamente, não habitavam as *Torres de Marfim* que construíram. Sevcenko, novamente, fornece um retrato preciso desse chamado cívico dirigido à sociedade:

Era em grande parte uma literatura encampada por homens de ação, com predisposição para a liderança e a gerência político-social: engenheiros, militares, médicos, políticos, diplomatas, publicistas. Nesse meio e sob essa atmosfera, quem quer que se dispusesse a servir as letras, era compelido à atuação cívica já pela dupla imposição do tirocínio e da forma.²⁰

¹⁹ BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p. 16.

²⁰ SEVCENKO, *op. cit.*, p. 237.

Através da educação, da história, da literatura e da arte, esses jovens buscaram então mostrar as raízes de um povo paranaense virtualmente desconhecido e mesmo inexistente, aquilo que definiria, desde as mais remotas origens, o caráter do habitante do recém-criado estado.

Esse movimento têm início no final do século XIX, mais especificamente entre 1890 e 1900, e tem como um dos expoentes principais o grupo chamado de *O Cenáculo*, que entre 1895 e 1897 produziu uma revista homônima, marcadamente de literatura simbolista, mas também aberta a textos científicos, anti-clericais e esotéricos. De maneira mais ampla, com a participação de mais pessoas atuantes em outras áreas humanísticas, literárias e artísticas e também na política, esse pensamento culminou, nas primeiras décadas do século XX, no movimento chamado *Paranismo* – uma tentativa de "preencher a falta de uma identidade paranaense e a precariedade da vida cultural, social e política do Estado"²¹ – tarefa que teria início nas últimas décadas do século XIX, e teve que Curitiba como seu palco principal: dizemos isso, pois certamente tanto a influência que o grupo recebeu quanto a que exerceu não restringiu-se mesmo ao continente sul-americano. O intenso fluxo de idéias do período surpreende pela velocidade com que realiza-se.

Ao mesmo tempo, o número de pessoas em torno desses movimentos é reduzido, e a maioria concilia o ofício de escritor com uma atividade remunerada como o jornalismo – a mais comum – ou ainda um cargo público, como o magistério; havia também os mais abastados, engenheiros, médicos, bacharéis. São relativamente jovens, ao menos aqueles que idealizam o movimento: excluindo os políticos e militares que participaram da fundação do Instituto, a média de idade dos fundadores, em 1900, estava pouco acima dos 30 anos de idade. Muitos deles já publicavam livros desde a década de 1870 e 80, e não eram, portanto, estreantes na vida literária.

²¹ PEREIRA, L. F. L. *op. cit.*, p. 73.

Este trabalho reflete fragmentos das idéias desses homens de ação, que tomaram para si a iniciativa de construir a história do Paraná – construir, pois um Estado recente, com grande parte da população formada por imigrantes recém-chegados de uma multiplicidade de países, em uma República que chegava à uma década à custa de muitas lutas não poderia pleitear mais do que uma proposta de história, uma justificativa para a sua própria existência, manutenção, e garantia de participação no futuro do país. Seu pensamento, suas idéias não podem ser agrupados sob um único rótulo; eram mais do que reprodutores de idéias. Positivismo, espiritualismo, federalismo, orientalismo, simbolismo, romantismo, anti-clericalismo são algumas das trilhas exploradas pelos intelectuais da virada do século.

Se apresentaram posições aparentemente contraditórias – como compreender, por exemplo, Dario Vellozo, que, ao mesmo tempo que dirigia grupos esotéricos e simbolistas, de caráter secreto e iniciático, atuava também como defensor do positivismo, do evolucionismo, promovia festas cívicas, e preocupava-se com os índios abandonados pelo governo do Estado? – é porque pensamos os indivíduos, como afirma Norbert Elias, ou como representativos da sua espécie ou como pessoas isoladas.²² Segundo o pensador alemão, seria mais interessante compreendê-los e estudá-los nas configurações de suas relações de interdependência, sejam com outros indivíduos ou instituições. Para Elias, o que deve ser destacado é a complexidade das relações humanas, e o fato de que uma pessoa com uma série de relações de interdependência possui opções de ação que tanto a determinam como são por ela determinadas. Quanto mais complexas essas relações, mais difícil se torna ter uma visão completa do "jogo", o que pode mesmo acarretar em posições consideradas contraditórias quando observamos o jogo apenas do ponto de vista de uma configuração ou outra (por exemplo, a intensa vida pública de um poeta simbolista é algo contraditório), mas que adquire coerência ao

²² ELIAS, Norbert. *Introdução a Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 79.

examinarmos outras configurações da qual este indivíduo faz parte (suas posições políticas, os clubes que freqüentava, etc.).

Diferentemente do sociólogo ao estudar o presente, entretanto, o historiador não pode pretender dar conta do passado em todas as suas manifestações, e assim este trabalho procura mapear algumas configurações na qual encontramos os fundadores do Instituto Histórico, em especial durante a década de 1890 até a fundação do IHGP em 1900. Dessa maneira, organizamos o trabalho de forma a apresentar o percurso por eles percorrido, e de que forma constituíram-se as configurações que encontramos no momento da fundação. Assim, o primeiro capítulo apresenta os fundadores e a vida pública curitibana, constituída na sociabilidade dos clubes e cafés, e debatida através dos jornais e revistas. O segundo capítulo traça um panorama do surgimento do simbolismo e suas proposições, e sua constituição no Brasil e em Curitiba. O movimento, no Paraná, é literalmente interrompido pela Revolução Federalista, mas dela retirou impulso para novas criações e novas posições, como procuramos apontar. Por fim, o terceiro capítulo trata das celebrações realizadas pela comunidade curitibana que, ao passo que tinham como mote o 4º. centenário do Descobrimento, foram utilizadas pelo grupo que viria a fundar o Instituto para disseminar uma proposta de identidade e um projeto político para o Estado poder adentrar o século XX.

Por fim, gostaríamos de registrar que esse movimento identitário a que nos propusemos investigar, tem, na última década do oitocentos, um caráter de *making of*, de formação, se comparado ao *Paranismo* propriamente dito, que encontra nas primeiras décadas do século XX sua expressão máxima. Experimentando com as novas possibilidades do "jogo" da vida pública, ou da vida artística, encontramos avanços e recuos de posições por parte desses indivíduos, possibilidades que foram ou não realizadas, mas que nem por isso perdem em importância para nosso estudo. Assim, se o Simbolismo, por exemplo, jamais se consolidou como expressão literária com repercussão nacional, a experiência simbolista pela qual passaram os curitibanos os marcou e os modificou de maneira

inegável, determinando um certo modo de agir e pensar. Se o *Paranismo* "cresceu e multiplicou-se" no século XX, e finalmente aceitou incluir a influência germânica como benéfica para o Estado, não podemos ignorar o desprezo com que o "elemento alemão" era tratado por Romário Martins e seus colegas. Como Walter Benjamin, ouvimos o apelo que o passado dirige ao presente, e nas falas que escutamos procuramos buscar, também, os ecos das vozes daqueles que emudeceram.²³

* * * *

A primeira parte desta introdução, retirada da *Revista Veja* que sintomaticamente saiu no dia 03 de maio, data na qual era anteriormente celebrado o descobrimento, é apenas um lembrete da infeliz participação de um paranaense nos festejos dos 500 anos do descobrimento, que após destroçar os últimos resquícios de identificação com os símbolos nacionais que poderiam ter os brasileiros, prepara sua volta, "em grande estilo", nas celebrações de 150 anos do Paraná, em 2003.

²³ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo:

1. O "incaçavel" Romário Martins

Talvez a questão de limites com Santa Catarina e São Paulo tenha sido mesmo decisiva, ou, quem sabe, tenha contribuído também ter sido aceito como sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro poucos meses antes²⁴, ou ainda a atmosfera festivamente patriótica que cercou Curitiba no mês do quadricentenário do Descobrimento do Brasil. O fato é que no fim do mês de maio, um agitado mês de maio em Curitiba no ano de 1900, lia-se a seguinte notícia em um dos principais jornais de Curitiba, o *Diário da Tarde*:

No dia 24 do corrente realiza-se nos salões do Club Curitybano uma reunião, convocada pelo illustre Romário Martins, com o nobre fim de fundar-se nesta capital um Instituto Geographico Paranaense.

Diversas pessoas de comprovada competência no assumpto já foram convidadas, esperando o talentoso Romário Martins instalar oficialmente o instituto, o mais breve possível.

Só temos applausos para a grandiosa idéia de tão digno paranaense.²⁵

E ainda, no dia seguinte, em outro jornal, *A República*:

O incaçavel Romário Martins trata de realizar, no Club Coritibano, uma reunião com o fim de fundar-se um *Instituto Historico e Geographico*.²⁶

Dessa imagem do "incaçavel Romário Martins", muito se pode deduzir do jovem jornalista – que se vestia quase exclusivamente de preto, à moda dos dândis, como forma de protesto contra a decadência da sociedade moderna – que percorria agora os caminhos da história; e da

Brasiliense, 1994, p. 223.

²⁴ CAROLLO, Cassiana L. "Romário Martins – biografia intelectual". in: MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995, p. xxiv.

²⁵ *Diário da Tarde*. Curitiba, 21 mai. 1900, p. 3.

²⁶ *A República*. Curitiba, 22 mai. 1900, p. 1.

época, da movimentação febril da cidade que não parava de crescer, mais gente, mais comércio – e também cafés, clubes e sociedades, que promoviam encontros sobre literatura, artes, religião e ciências, e que aumentavam substancialmente de número a cada ano. A Rua XV de Novembro concentrava um grande número destes e outros ambientes de sociabilidades, sendo chamada até de "a nossa Rua do Ouvidor" por Nestor Vitor, escritor paranaense radicado no Rio de Janeiro. José Francisco da Rocha Pombo, jornalista e historiador nascido em Morretes, mas também residente na capital federal, comenta sobre "uma grande tendência para o alargamento dos horizontes intelectuais da população", fenômeno observado a partir de 1870, através da fundação de clubes literários e associações congêneres no Estado²⁷. Nestor Vitor, alguns anos depois, deu seu testemunho sobre esse movimento intelectual, e sobre quem dele participava, que havia se constituído ainda há pouco tempo na capital:

[Desde 1895], pronunciou-se mais francamente o movimento intelectual [em Curitiba] que ainda se opera. Poetas, contadores, jornalistas, pedagogistas, historiógrafos, cultores da geografia, etnógrafos, escritores médicos, cultores do direito, esses paranaenses já constituem uma plêiade perfeitamente adestrada, e o que mais é, com característica própria, inconfundível, trabalhando para a continuidade da cultura nacional, é certo, mas sem nenhum espírito de subserviência a outros centros quaisquer do Brasil.²⁸

Esse sentimento professado de independência intelectual em relação a outros centros nacionais acontecia concomitantemente às ligações muito estreitas que todos esses mesmos centros mantinham com o pensamento europeu, acompanhando *pari passu* as evoluções e revoluções das grandes metrópoles como Londres, Paris e Lisboa. Ainda assim, as escolhas que esses escritores – ou os "cultores" das letras e da ciência, de forma mais generalizada – fizeram a partir das matrizes européias de

²⁷ POMBO, J. F. da Rocha. *O Paraná no Centenário*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Estado do Paraná, 1980, p. 125.

pensamento revelam muito mais uma escolha consciente e seletiva do que o simples desejo da imitação. Através da seleção das idéias de várias maneiras de pensar, puderam lapidar uma nova identidade para o Paraná, de acordo com os valores e interesses que defendiam.

Ao comentar a origem das influências teóricas no pensamento racial em voga no Brasil no final do século XIX, Lilia Schwarcz observa: "a tradução [das obras] implica seleção prévia de textos e escolha de certos autores em detrimento de outros."²⁹ Da mesma maneira, Sérgio Paulo Rouanet, no artigo *As Minas Iluminadas*, analisa a apreensão do pensamento ilustrado pelos participantes da Inconfidência Mineira, no século XVIII, através de uma analogia *saussuriana*: tomando uma forma pensamento como uma língua, implica em aceitar sermos livres para escolher *vocábulos*, ou *palavras*, que são utilizados na construção de *frases*, isto é, um sistema de pensamento que também tem suas limitações. Ao analisar quais os *vocábulos*, isto é, os conceitos daquela linha de pensamento, que são escolhidos pelos "homens de letras e sciencia" da época, procuramos ver as possibilidades oferecidas por essas combinações selecionadas, ressaltando alguns momentos nos quais os debates se realizaram.³⁰ Através do "mundos" que Franklin Baumer³¹ constrói para o século XIX, em especial os que chama *Romântico*, *Neo-Iluminista* e *Fin-de-Siècle*, identificamos, em linhas gerais, as várias "línguas" que informam o olhar do homem oitocentista, como o romantismo, o evolucionismo e o historicismo de cunho científico.

Os Institutos Históricos, os primeiros surgidos no período imperial, outros tantos nos primeiros anos da República, e seus fundadores e freqüentadores, constituem portanto um ponto privilegiado de observação

²⁸ VITOR, Nestor. *Terra do Futuro (impressões do Paraná)*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996, p. 136.

²⁹ SCHWARCZ, L. M. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 42.

³⁰ ROUANET, Sérgio Paulo. *As Minas iluminadas: a ilustração e a inconfidência*. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, pp. 330-331.

³¹ BAUMER, Franklin L. *Modern European Thought: continuity and change in ideas, 1600-1950*. Nova Iorque: Macmillan Publishing Company, 1977.

dessas grandes correntes de pensamento, e como estas foram transformadas em projetos locais ou nacionais a partir da seleção dos conceitos mais compatíveis com determinados interesses.

Assim, à uma hora da tarde do dia 24 daquele mês de maio – uma quinta-feira, quando observava-se feriado em celebração a batalha do Tuiuti, ocorrida 34 anos antes – alguns desses "homens de ação", "cidadãos" convidados por Romário Martins, atendendo seu chamado, encontraram-se para fundar o Instituto, nas dependências do Clube Curitibano, um dos pontos de encontro mais importante dessa intelectualidade curitibana. Do extrato da ata elaborada naquele dia, temos uma idéia do que se passou na reunião, e fazemos assim a apresentação dos fundadores:

Aos vinte e quatro dias do mez de Maio de mil e novecentos, quatrocentessimo anno do descobrimento do Brazil e quadragessimio setimo da installação da Provincia, nesta cidade de Curytiba, capital do Estado do Paraná, achando-se reunidos na sala da bibliotheca do 'Club Curytibano' os cidadãos Romário Martins, Julio Pernetta, Dr. Sebastião Paraná, Dr. Camillo Vanzolini, Dr. Luis Tonissi e Dr. Ermelino Agostinho de Leão e tendo de deixado de comparecer por motivos de ordem pessoal justificada os cidadãos General José Bernardino Bormann, Coronel Jocelym Morosini Borba, Dario Vellozo, Dr. Manoel Francisco Ferreira Correia, Dr. Emiliano Pernetta e Nestor Pereira de Castro; e sem comunicação de causa os cidadãos Desembargador Bento Fernandes de Barros, Dr. Cândido Ferreira de Abreu, Tenente José Cândido da Silva Muricy e Lúcio Pereira, pessoas que tendo publicado trabalhos sobre assumptos do programma do Instituto haviam sido convidados pelo cidadão Romário Martins para membros desta associação,— installa-se o 'Instituto Historico e Geographico Paranaense'.³²

Indicativo de uma prática que marcaria o Instituto por vários anos, entretanto, apenas seis dos dezesseis envolvidos na fundação do Instituto (incluindo Romário Martins, o organizador) compareceram à reunião organizado pelo jovem historiador, decidindo-se, então, pelo adiamento da eleição da diretoria definitiva; criou-se uma diretoria provisória (os

³² *Boletim do Instituto Histórico e Geographico Paranaense*. 1(1): 7-8. Curitiba: Impressora Paranaense, 1918.

"cidadãos" Romário Martins, Sebastião Paraná e Ermelino Leão) e uma comissão para a redação dos Estatutos (Camillo Vanzollini, Dario Vellozo e Romário Martins).

Enfim, fundava-se o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, com os maiores nomes da intelectualidade e da política paranaenses. Sua missão, Romário explicou no mesmo dia, 24 de maio, na edição d'*A República*:

Bem vê o povo paranaense que o novo *Instituto* inicia-se já capaz de conquistar os seus patrióticos fins. Sobre a sua utilidade, - sobre os serviços que lhe incumbe desempenhar, - sobre a sua futura influência em questões de alta transcendência para o Paraná, não precisa, de certo, o público que eu lhe venha dizer algo, pois que devem estar no conhecimento de todos os cidadãos as vantagens de associação de tal natureza.

(...)

Tudo isso nos falta hoje, mas tudo isso teremos no dia que, com amor e patriotismo, quizermos trabalhar verdadeiramente sem preocupações de outra ordem que não sejam senão as de prestar ao nosso Estado e a nossa Pátria, tal relevante serviço, e tal merecida homenagem.

(...)

Com o Estado, tem elle, de prompto, um grave compromisso. É o tornar-se um poderoso auxiliar do Poder Público, reunindo dados e estudando documentos, para a exacta determinação official dos nossos limites com São Paulo e Santa Catarina.

(...)

No Paraná ha grandes problemas a resolver sobre a sua historia, a sua geographia, e, por consequente, sobre os diversos ramos correlativos a estas sciencias, como a ethenographia, a palethnographia (sic), etc., problemas que com a criação do *Instituto* hão de necessariamente vir a discussão e ao exame, e d'onde lhes advirá, estamos crentes, a luz de que hoje carecem.

Unidos para um fim, faremos n'um anno o que exigiria dez de trabalho disperso."³³

A questão dos limites com Santa Catarina e São Paulo, missão estatutária do Instituto e batalha pessoal de Romário Martins durante toda sua vida, é muito freqüentemente apontada como um dos mais importantes fatores, senão o maior, no processo de fundação do Instituto Histórico e

³³ *A República*. Curitiba, 24 mai. 1900, p. 1.

Geográfico do Paraná.³⁴ Mas indagamos aqui nessa pesquisa quais outros fatores, quais outras questões teriam influenciado não só Romário Martins, mas esse grupo de *hommens de lettras e sciencia*, como eram chamados, a reunir-se em torno de um Instituto Histórico e Geográfico e escrever a história do Paraná de acordo com um novo projeto para o Estado, dentro da nova configuração republicana que o país adotara havia uma década e que continuava sendo objeto de debate, principalmente em um momento de celebração da própria nação. Acreditavam que, através da ciência, poderiam governar os corpos dos indivíduos e o corpo do estado. Nesse percurso, no entanto, permitiram-se sonhar com *Ideais e Torres de Marfim* que, ainda que pareçam incompatíveis, ao primeiro olhar, com a ciência que defendem, foram na verdade influências decisivas sobre os valores que permeiam essa mesma ciência.

1.1. Para um Instituto modelo, fundadores exemplares

Desde a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838, na capital do Império, a crença iluminista no progresso da civilização através do conhecimento foi comum à todos os Institutos congêneres fundados no século XIX no Brasil. Um outro sentimento intenso foi o nacionalismo trazido pelo movimento Romântico – Antônio Cândido aponta o Romantismo brasileiro como sendo mesmo tributário do nacionalismo pós-independência.³⁵

³⁴ O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina foi fundado em 7 de setembro de 1896, com a "participação de representantes do meio político, cultural e econômico, num total de 30 fundadores", liderados por José Arthur Boiteux (o fundador do Instituto, coincidentemente, possui uma biografia muito semelhante à de Romário Martins – era também jornalista, e muito amigo de Cruz e Souza, o poeta que inaugurou o Simbolismo no Brasil). Naquele mesmo ano o governo catarinense enviou Boiteux a Portugal para que pesquisasse, juntamente com o Conselheiro Manoel da Silva Mafra, advogado de Santa Catarina na questão de limites com o Paraná, os arquivos da Torre do Tombo por documentos favoráveis ao estado no litígio. Cf. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA. *Histórico*. "História". versão eletrônica: <<http://www.ihgsc.org.br/historia.htm>> em 01 ago. 2002.

³⁵ CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1836-1880)*. vol. 2. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

A partir da segunda metade do século, surgem expressões regionalistas, buscando as particularidades da origem de cada povo, primeiramente no Nordeste, mas que depois difundiu-se pelo país. Se o Nordeste reivindicava a pureza do sangue brasileiro e queixava-se sobre a mistura dos sulistas com os estrangeiros,³⁶ no Sul eram esses mesmos estrangeiros convidados a integrar o *status* de povo do recém-criado estado do Paraná (apesar de uma pequena "rusga" entre os curitibanos e os alemães, que explicaremos mais adiante) – demonstrando duas diferentes possibilidades de um mesmo discurso nacionalista. Em São Paulo, seu Instituto Histórico, fundado nos primeiros anos da República, criou o mito do "Bandeirante" como a raiz mais próxima do Estado e da população³⁷, e no auge das comemorações dos 400 anos do Descobrimento, discutiu a possibilidade de João Ramalho, considerado o "pai dos paulistas", ter tido a primazia do Descobrimento sobre Cabral.³⁸ Ainda que surgidos em diferentes regimes políticos, os Institutos Históricos fundados no século XIX louvavam os grandes modelos filosóficos, científicos e raciais do seu tempo (e religiosos também, apesar destes terem sofrido um grande declínio após o advento da República). Isso não os impediu de aplicarem de diferentes maneiras essas formas de pensar, encontrado, assim, as justificativas para seus projetos locais e nacionais, tanto na esfera da política quanto da cultura.

Voltemos, então, a Curitiba. Fundado o Instituto, restava eleger uma diretoria definitiva. Romário Martins voltou aos jornais para conclamar os fundadores a participarem, sob pena de não constarem mais como tal os faltantes. Em 3 de junho são aprovados os estatutos, e promovidas as eleições. Em 7 de junho, finalmente, toma posse a 1ª. diretoria eleita do IHGP, assim constituída:

Presidente: General José Bernardino Bormann

³⁶ Idem, p. 299-300.

³⁷ SCHARCZ, Lília M. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 132-133.

³⁸ FERRETTI, Danilo; CAPELATO, Maria H.; "João Ramalho e as origens da nação: os paulistas na comemoração do IV centenário da Descoberta do Brasil". *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, UFF. v. 4: no. 8; Dez/1999; p. 67-87.

Vice-Presidente: Dr. Sebastião Paraná
Secretário: Romário Martins
Orador: Dr. Emiliano Pernetta
Tesoureiro: Dr. Manoel Francisco Ferreira Correia

A composição dessa chapa confirma uma prática adotada desde o surgimento do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, descrita por Lilian Schwarcz:

A associação cumpria, assim, diferentes papéis: para alguns significava um local de projeção intelectual, para outros um espaço de promoção pessoal. Entretanto o que chama a atenção não são os cargos em si, mas a sua distribuição coerente. (...) [A cadeira] de presidente era exclusivamente ocupada por políticos renomados. Por sua vez, os sócios que adentravam o instituto por méritos acadêmicos ocupavam majoritariamente postos de secretários e oradores.³⁹

Schwarcz nota ainda que, enquanto ao presidente cabiam funções de figurante tais como a abertura de sessões e leitura de atas, ao secretário era reservado boa parte do trabalho por detrás do Instituto.⁴⁰

Uma rápida olhada nos fundadores do IHGP, e podemos ver como os papéis se encaixam. O presidente eleito do Instituto é o General José Bernardino Bormann (1844-1919), ex-combatente e herói da guerra do Paraguai e da Revolução de 1893, vice-presidente do Estado entre 1898-99, e autor de memórias sobre os dois combates nos quais participou (em 1900 terminava de escrever o segundo, publicado em 1901). Bormann era um militar – e um político – de bastante prestígio, e, portanto, mais do que apto a desempenhar o papel de presidente do Instituto. O vice-presidente, Sebastião Paraná (1874-1938), era um grande estudioso do território paranaense. Completara no ano anterior um extenso trabalho sobre a geografia, a flora e a fauna do Estado, o conhecido *Chorografia do Paraná*, e, naquele mesmo mês de maio de 1900, fora aprovado "lente de geographia e chorographia do Gymnasio Paranaense", conforme pudemos constatar nos jornais da época. Era o contraponto acadêmico da presidência. Como orador, Emiliano Pernetta (1866-1921), o futuro

³⁹ SCHWARCZ, *op. cit.*, p. 105.

"príncipe dos poetas" paranaense, poeta simbolista e jornalista de vários diários de Curitiba, tendo passado também por São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, já escritor consagrado, constituía uma unanimidade entre seus companheiros. E, por fim, o homem cuja idéia iniciara tudo, o "incaçável" Romário Martins (1874-1948), ocupando o posto do laborioso secretário, ele que no dia da criação do Instituto, no Club Coritibano, humildemente declinara participar de uma eventual diretoria, alegando "motivos pessoais" não especificados – provavelmente a consciência do árduo cargo que inescapavelmente assumiria, mas que com tanta energia desempenharia durante longos anos de envolvimento pessoal com o Instituto.

Os outros fundadores do IHGP têm origens e áreas de atuação muito diversas, mas convergem na defesa do Paraná concebido por Romário Martins, pois fazem parte, essencialmente, da sociedade constituída pela indústria do mate em Curitiba no final do século XIX. Nesse sentido, é sintomático ter a fundação ocorrido no Clube Curitibano: entre seus fundadores está Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Cerro Azul (1849-1894), sem dúvida o mais destacado industrial do mate daquela época. Outro personagem que certamente se destaca é Ermelino Agostinho de Leão (1871-1932), filho de Agostinho Ermelino de Leão, desembargador, político e industrial do mate. Agostinho, o pai, e o Dr. João Cândido da Silva Muricy (pai do Cap. José Cândido Muricy, outro fundador do IHGP), criaram o Museu Paranaense, em 1876. Ermelino, o filho, formou-se em Direito, e no biênio 1897-99, exerceu o mandato de deputado estadual. Ermelino publicou ainda diversos artigos sobre a história regional do Paraná, e colaborou nos jornais *Comércio do Paraná*, *A República*, *Diário da Tarde*, e outros. Como historiador, destaca-se sua pesquisa pra o vasto *Dicionário Histórico e Geográfico do Paraná*, trabalho ao qual dedicou-se durante as duas primeiras décadas do século XX.⁴¹

⁴⁰ Idem, *ibidem*.

⁴¹ *DICIONÁRIO...op. cit.*, pp. 247-248; MARTINS, Romário. *Terra e Gente do Paraná*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, s/d, pp. 83-84.

Muitos foram convidados pela sua atuação na defesa dos limites com Santa Catarina. No século XX esse litígio ganharia muito destaque no Estado, sendo a conclusão final – a partilha do território contestado – considerada uma derrota para o Estado. Atuaram nessa área o Desembargador Bento Fernandes de Barros, original do Ceará, mas que desde o final da década de 1870 produzia trabalhos sobre os limites⁴². Ermelino de Leão também escreveu obras nessa área, e atuou diretamente como um dos representantes legais do Estado, mais tarde. Manoel Francisco Ferreira Correia (1831-1905), outro bacharel, também possuía folhetos e mapas sobre o Paraná, alguns deles juntamente com Cândido de Abreu (1856-1918), engenheiro, Secretário Estadual de Obras e Viações Públicas nos anos que antecedem a fundação. Além disso, Cândido de Abreu integrara a comissão de limites do Contestado Norte, área disputada pelo Paraná e São Paulo.⁴³

Outros estão presentes pela sua atuação em defesa do legalismo durante a Revolução Federalista: o General Bernardino Bormann (1844-1919), o mais importante militar do grupo; o Capitão José Cândido Muricy (1863-1943), que estava no Desterro quando a irrompeu a Revolta da Armada e esta veio ao encontro dos revolucionários gaúchos. O Coronel Jocelym Morocine Borba fora um antigo desbravador do oeste do Paraná, junto com seu irmão, Telêmaco Borba. Francisco Negrão informa que Jocelym, liderando uma expedição em 1863, salvou seu grupo alcançando uma cidade e avisando onde se encontravam seus companheiros, perdidos havia mais de um mês na floresta. Depois, enquanto Telêmaco Borba apoiava Gumerindo Saraiva durante a Revolução Federalista, Jocelym esteve nas colunas legalistas leais ao Marechal Floriano. A República paranaense homenageava seus militares, alçando-os ao panteão dos heróis oficiais da memória paranaense.

Dois fundadores do Instituto não eram brasileiros, e sim italianos. O Dr. Camillo Vanzolini era, em 1900, um dos representante da colônia

⁴² Em 1877, ele publicou *Questões para a discussão de limites entre o Paraná e Santa Catarina*, editado pelo Clube Literário de Curitiba.

⁴³ Idem, p. 99.

italiana nas comemorações do Centenário do Descobrimento. Residente em Curitiba, possuía relações profissionais – era médico – com os habitantes da Colônia Cecília. Luís Tonissi, por sua vez, era um italiano que atuava no comércio entre os países e na imigração, e, durante uma de suas rápidas passagens pelo Estado, em maio de 1900, foi convidado a fazer parte do Instituto Histórico. Os jornais, aliás, dão amplo destaque à visita de Tonissi; tanto o *Diário da Tarde*, quanto *A República*, como *O Commercio*, publicam *interviews* com o italiano, que, inclusive, tem livros publicados na Itália sobre o Paraná, "capazes de atrair a atenção dos capitalistas e industriaes italianos"⁴⁴.

Lúcio Leocádio Pereira (1860-?) e Nestor de Castro (1867-1906) são dois representantes das letras paranaenses no Instituto Histórico. Este último, nascido em Antonina, mudou-se para Curitiba aos 20 anos, em 1887. Em 1893, durante o período revolucionário, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde conviveu com Emiliano Pernetta. Um detalhe de sua biografia foi ter alinhado-se com os revolucionários de Gumerindo Saraiva, o que lhe rendeu dificuldades na sua volta à Curitiba. Sua participação na fundação é aqui entendida como uma forma de reconhecer o erro de ter apoiado os revolucionários, contra o governo de Vicente Machado e Floriano Peixoto, tanto que entre 1894 e 1902, não teve ocupação fixa, sobrevivendo de artigos avulsos. Participou, mesmo assim, do movimento simbolista, e produziu, em 1899, a obra *Brindes*, poemas em prosa. Foi autor também de uma monografia sobre Bento Cego, poeta popular do interior do Estado, publicada em 1902. Nesse mesmo ano, aceitou o convite de Vicente Machado para trabalhar como jornalista d'*A República*, onde permaneceu até falecer, apenas 4 anos depois.⁴⁵ Já Lúcio Pereira é escritor do período romântico, contemporâneo de Rocha Pombo. É autor da obra *Folhetins*, de 1896, além de ter sido o fundador da *Revista Espírita*, em 1890.⁴⁶

⁴⁴ *Diário da Tarde*. Curitiba, 15 mai. 1900, p. 3.

⁴⁵ DICIONÁRIO...*op. cit.*, p. 60-61.

⁴⁶ NEGRÃO, Francisco. *Genealogia Paranaense*. v. 1. Curitiba : Impressora Paranaense, 1926, p. 68.

Emiliano e Júlio Pernetta (1869-1921) são outros dois expoentes dessa geração simbolista. Emiliano foi um dos primeiros divulgadores da estética simbolista no Brasil, como veremos mais adiante. Durante a primeira metade da década de 1890, esteve em São Paulo e em Minas, atuando como jornalista e depois, magistrado. Boêmio, sua saúde o obriga a voltar para Curitiba. Desde então, envolveu-se com seus ex-colegas do Ginásio Paranaense, juntamente com seu irmão, Júlio, no movimento literário que despontava em Curitiba. Emiliano foi o autor que, apesar de ter despontado ainda no período romântico da literatura paranaense, na década de 80, atuou como modelo de poeta para os jovens simbolistas da capital paranaense.⁴⁷ Envolveu-se na fundação de várias revistas literárias, além de ter constantemente contribuído com a *Revista do Club Curitibano*, da qual tornou-se redator em 1898. Já em 1901, junta-se a Dario Vellozo e Sebastião Paraná no Ginásio Paranaense, tornando-se professor de Português e Literatura. Com isso, eles marcariam a geração dos "novos" e "novíssimos" que surgiram no início do século XX, entre os quais, o grupo de Tasso da Silveira (filho de Silveira Netto), que publica a revista *Fanal*, o "órgão do novo Cenáculo", e depois, *Festa*, revista modernista, juntamente com Andrade Muricy.⁴⁸

Júlio David Pernetta, três anos mais novo que Emiliano, destacou-se entre os seus colegas de geração por três diferentes tipos de produção: a satanista, a sertaneja e a anticlerical. Júlio, um dos fundadores do *Cenáculo*, surpreende ao publicar lado a lado, na Revista, textos com títulos como "Amor Bucólico: costumes paranaenses" ou "Festas e Tradições" e, logo em seguida, "Oração a Satan" e "Sonetto a um Fauno". Em 1898, atacou impiedosamente a volta da Igreja Católica ao Paraná, após a criação da Diocese de Curitiba, através do livro *Os Chacaes*. Dentro da temática regionalista, Júlio Pernetta foi o principal responsável,

⁴⁷ Idem, p. 363.

⁴⁸ DICIONÁRIO...*op. cit.*, pp. 151.159. A "cisão" entre *novos* e *novíssimos* deu-se por divergências de credo: os novos, liderados por Euclides Bandeira, procuraram continuar a tradição simbolista e anticlerical de Dario e Emiliano; os novíssimos, entre eles Tasso e Muricy, enveredaram pelo espiritismo de influência católica, mais comum ao movimento modernista.

no grupo, por resgatar o *folclore* paranaense, isto é, as lendas e tradições do caboclo do interior do Estado. Nesse sentido, ainda publicou, em 1900, a obra *Pelas Tradições*, em que defende os costumes paranaenses (de tradição portuguesa) que estariam sendo desvirtuados pela forte influência da imigração alemã.⁴⁹

Assim era composto o grupo reunido por Romário Martins, que incluía ainda os sócios-correspondentes fundadores. Estes estão descritos no terceiro capítulo deste trabalho, onde analisamos toda a produção relativa à comemoração do Centenário no Paraná.

Já no dia seguinte a Instituição sofreria o primeiro ataque dos jornais; no *Diário da Tarde*, ao noticiar sobre a fundação e os fundadores – estes últimos especialmente – encontramos o seguinte comentário:

Tem causado muita estranheza o facto de não ter figurado o sr. dr. Manoel Gomes, lente de história do Brazil do Gymnasio Paranaense, entre os fundadores do Instituto Historico e Geographico.⁵⁰

Esta passagem, uma crítica nada indireta, nos remete aos dois principais idealizadores e articuladores desse grupo intelectual no Paraná, Dario Vellozo (1869-1937) e Romário Martins, responsáveis pelas escolhas feitas, na época, para as revistas e jornais, de quem e do que era relevante para ser publicado. Tanto um quanto outro foram ativos incentivadores e defensores da cultura local, e estavam comprometidos em preparar uma nova era para o Estado, aproveitando a nova ordem republicana instalada. Dario Vellozo incentivou a literatura local ao divulgar incessantemente a produção desses poetas e escritores; Romário atuou em várias frentes, do jornalismo à política, para fazer valer a sua nova imagem para o Paraná. Ao mesmo tempo, atuaram como educadores (Dario como professor do Ginásio Paranaense e Romário, como autor da *História do Paraná*, adotada pelas escolas, e mesmo como Superintendente de Instrução Pública do

⁴⁹ DICIONÁRIO...*op. cit.*, 365-366.

⁵⁰ *Diário da Tarde*. Curitiba, 25 mai. 1900, p. 3.

Estado, mais tarde) e jornalistas, tendo tido ambos o mesmo início na profissão como aprendizes de tipógrafos, na adolescência.

Dario Persiano de Castro Vellozo, nascido em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em 26 de novembro de 1869, veio para Curitiba aos 16 anos, de mudança com o pai e os irmãos (a mãe, Zulmira, falecera em 1879). Matriculado no Ginásio Paranaense, teria aulas com Justiniano de Mello e Silva e, principalmente, Eusébio da Mota, que seria seu mentor e inspiração para toda a vida, e compartilharia experiências com colegas que logo tornariam-se companheiros da geração simbolista: Silveira Netto, Emiliano Pernetta, Nestor Victor, entre outros. No liceu, cria sua primeira associação e sua respectiva revista: *O Mosqueteiro*, congregação dos amigos Dario Vellozo (*Aramis*), Lício de Carvalho (*Portos*), Mario Tourinho (*Atos*) e Júlio T. Guimarães (*Dartagnan*).⁵¹

Na tipografia do *Dezenove de Dezembro*, onde trabalha como aprendiz, estreita sua amizade com Lício de Carvalho, que desenrola-se também nos salões do Clube Curitibano. É no Clube, sob a presidência de seu pai, Cyro, que Dario tem a oportunidade de destacar-se como escritor e agitador intelectual. Em 1890, ano do surgimento da *Revista do Club*, publica seu segundo livro, *Efêmeras* (o primeiro é do ano anterior, intitulado *Primeiros Ensaios*). No ano seguinte, já participa da redação da *Revista do Club*, o que lhe permite entrar em contato com um número maior de escritores, uns já consagrados, outros em formação. Como redator da *Revista*, estreita suas relações Júlio Pernetta, Silveira Netto e Antônio Braga, primeiro admiradores, depois companheiros nas explorações da estética decadente daquele fim de século.⁵²

A partir de 1892, no entanto, temos acontecimentos que vão influenciar definitivamente sua forma de pensamento. É neste época que Dario Vellozo tem seu primeiro contato com o esoterismo, através da leitura de *Urânia*, do cientista, astrólogo e vulgarizador da astronomia Camille Flammarion. Depois, entrou em contato com as obras simbolistas que João Itiberê da Cunha, recém-chegado da Bélgica, trouxera da Europa,

⁵¹ DICIONÁRIO... *op. cit.*, pp. 539-540.

assim como os trabalhos dos grandes mestres esotéricos da época, como Papus, Stanislas de Guaita, Éliphas Levi e Pélandan. Sobre esse momento, o testemunho de Dario sobre suas leituras:

(...) eu evocava múmias, traçava círculos mágicos, devorava Papus e Guaita, assistia às missas negras Huysmans e dos sabás de Michelet; páginas febris do delírio, evolantes flores do abismo, círios ardentes na beleza das angústias.⁵³

Outras leituras descobertas nesse período incluem os *poètes maudits* Corbière, Rimbaud, Mallarmé e Verlaine, assim como obras de Gustave Flaubert e Edgar A. Poe.⁵⁴ Diante deste influxo literário, Dario Vellozo fundou, ainda em 1892, no próprio Clube Curitibano, o Grêmio Ensaio Literários, juntamente com Augusto Stresser e Brasília Costa, o primeiro, ilustrador e, depois, músico, do grupo relacionado à geração simbolista. No mesmo ano, Dario Vellozo casou-se com Escolástica Moraes, a quem já homenageara em poesia, e com quem viria a constituir numerosa família.

Nos anos seguintes, a primeira publicação do grupo de Dario, de cunho simbolista, é interrompida pela Revolução Federalista, uma revolta contra o governo de Floriano Peixoto, que marcou profundamente todos os jovens daquela geração, e não foi de outra maneira com Dario. Doente durante a invasão e ocupação de Curitiba, mantém-se afastado da cidade, com ainda mais uma notícia para desanimá-lo: no final de 1893, morreu seu amigo Lício de Carvalho, um dos mosqueteiros da época do *Ginásio*, a quem homenageia na capa da edição de março de 1894 da *Revista do Club Coritibano*, que voltava a circular.

Após o desfecho da Revolução Federalista, a partir de junho daquele ano, publicou, sempre na *Revista do Club*, um artigo em que analisava a falta de uma tradição e uma história literária para o Estado, que carecia ainda de público leitor para os poucos escritores publicados. Conclui afirmando que, de forma semelhante ao ocorrido na França a partir da década de 1870 após a derrota na Guerra Franco-Prussiana, quando a

⁵² Idem, pp. 62-63.

⁵³ Idem, p. 64.

literatura francesa sofrera uma grande transformação, era o momento de realizar uma revolução semelhante no Brasil, uma "transformação progressiva", nas palavras do próprio autor.⁵⁵

A ação de Dario incorpora suas palavras, e no ano seguinte aparece a empreitada intelectual desta geração paranaense que conheceu maior repercussão no meio literário brasileiro até então – e mesmo assim, uma repercussão fria por parte da crítica oficial, que era constituída por um grupo diferente de escritores, como Machado de Assis, José Veríssimo e Araripe Júnior. A Revista *O Cenáculo* é produto da associação de Dario com seus companheiros de Clube e de letras, Silveira Netto, Antônio Braga e Júlio Pernetta – "unidos por estima, afinidade de ideais e sentimento", como afirma o texto de apresentação da revista. Dario, entretanto, é claramente o grande nome do órgão, e nos anos seguintes encontra-se praticamente só na direção da revista. A primeira obra anunciada para integrar a coleção *Biblioteca do Cenáculo* é *Peregrinas*, de Lício de Carvalho, outra homenagem ao amigo, morto recentemente. Destaca-se a sua atuação na defesa do índios da região de Rio Negro, que estariam sendo massacrados pelos fazendeiros. "Pelos Índios" é a grande temática da revista nos últimos dois anos.⁵⁶

Nesse período publica mais dois livros – *Esquifes*, em 1896, pela *Biblioteca do Cenáculo*, e "Alma Penitente", poema de teor esotérico, nas páginas da revista do grupo.

Após o fim da aventura do *Cenáculo*, Dario Vellozo dedica-se cada vez mais aos estudos sobre as ciências ocultas e o anticlericalismo: em 1898, funda a revista *Jerusalém*, com o intuito de divulgar a maçonaria e o livre-pensamento; em 1899, é a vez de *Esfinge*, para "dizer o que é a *Ciencia Oculta*, preparar o espírito para receber a grandiosa luz do século XX"⁵⁷. Ainda em 1899, Dario é aprovado, por concurso, para a cadeira de

⁵⁴ Idem, p. 541.

⁵⁵ Dario publicou a série de quatro artigos "Pela Litteratura" nas edições quinzenais de junho e julho da Revista do Club Coritibano, em 1894.

⁵⁶ DICIONÁRIO...*op. cit.*, p. 540-541.

⁵⁷ VELLOZO apud CAROLLO, Cassiana. *Decadismo e Simbolismo no Brasil*. Rio de Janeiro: LTC, 1980, p. 258.

História Universal do Ginásio Paranaense, o que vai contribuir, nos anos seguintes, para a divulgação de suas idéias entre os jovens curitibanos. Já em 1900, publica *Templo Maçônico*, obra que pretende aglutinar o esoterismo martinista com o espírito de luta da maçonaria. Publica também *Grécia Esotérica* no Clube Curitibano, artigo em que procura explicar o pitagorismo, doutrina que pregava a sabedoria e a evolução espiritual através da prática das virtudes e o conhecimento e o progresso mundano através dos números. Neste mesmo ano, o Centro Esotérico Luz Invisível, fundado por Dario no ano anterior, recebe autorização do Grupo de Estudos Esotéricos, de Paris, dirigido pelo ocultista Papus, para ser seu representante na América do Sul.⁵⁸

As múltiplas facetas de Dario – poeta, militante anticlerical, professor, estudioso do ocultismo e do esoterismo, maçom – raramente aparecem dissociadas. Como ninguém, soube utilizar-se dos veículos de comunicação disponíveis à época para expressar seus sentimentos em relação ao futuro que chegava, marcado pela virada do século. Essa última década de ebulição intelectual na capital paranaense apresentou vários caminhos para o pensamento destes jovens intelectuais curitibanos, lançando as bases não somente para uma nova escrita da história do Estado, mas para o surgimento de um desejo de renovação da própria humanidade, tendo também o combativo e "incançavel" Dario Vellozo à sua frente.

Alfredo Romário Martins tinha apenas 15 anos quando, trabalhando como tipógrafo na oficina do jornal *Dezenove de Dezembro*, irrompeu a República. Do positivismo desse momento inicial, passando pelo simbolismo que impregnou toda a sua geração, até decidir-se pelos caminhos da história, Romário, um dos mais jovens de sua geração, liderou, juntamente com Dario Vellozo, a transformação do imaginário paranaense, através da criação de uma *história mítica*, na acepção do historiador Décio Svarça, calcada em símbolos e imagens com os quais

⁵⁸ BEGA, Maria Tarcisa S. *Sonho e Invenção do Paraná*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001, p. 236.

todos os paranaenses, do recém-chegado imigrante ao caboclo do interior, poderiam se identificar.

Imbuída de um ideal civilizador, a história "romariana" forja suas origens no presente, absorvendo os desejos das várias camadas da população:

A eficácia do discurso historiográfico romariano é garantida graças ao exercício de funções míticas que realiza ao forjar um passado inteligível e compreensível dando sentido a aspectos significativos das relações sociais. Assim, é possível a uma parcela ponderável da população se reconhecer como fruto desta história, pois esta lhe dá uma origem auspiciosa, um presente de conquistas civilizacionais e um futuro venturoso.⁵⁹

Ainda que no campo literário não tenha se revelado um grande poeta ou romancista, participou do movimento simbolista que caracterizou a sua geração, a revista *O Cenáculo*. Colaborou com textos ligados mais à ciência (como "A Electricidade") ou a história do Paraná (como "Festa de N. Sra. do Pilar"), mas, como lhe permitia ainda a juventude, ensaiou alguns arroubos literários em textos como "Mysticismo", publicado no *Cenáculo*, ou ainda as obras *Vozes Íntimas*, em 1893, *Noites e Alvoradas*, de 1894, e, sua última incursão à literatura, *Ruínas*, em 1898. Tendo apenas 21 anos de idade em 1895, época da fundação do *Cenáculo*, aproveitou sua familiaridade com os tipos para participar da criação de várias outras revistas. Nesse mesmo ano de 1895, funda com Ricardo Lemos o periódico *Cidade de Curitiba*, que dava destaque ao comércio. Ainda em 1895, publica um opúsculo intitulado *O Socialismo*, em que critica os sistemas sociais da época:

Socialista combativo, a exemplo de vários companheiros de geração como Júlio Pernetta, Dario Vellozo e outros intelectuais, publicou, em 1895, *O Socialismo*, ocupando-se dos sistemas sociais e da crítica à sociedade da época. É sintomático que nesse livro defenda a posição do *dandy*, enquanto herói da modernidade e símbolo da revolta contra a classe dominante, adotando o traje negro, do sapato ao

⁵⁹ SVARÇA, Décio. *O Forjador: ruínas de um mito. Romário Martins (1874-1944)*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, p. 118.

chapéu, signo de luto contra o sistema, o que ficava mais acentuado pela gravata e o colete também pretos.⁶⁰

A crítica à sociedade tradicional paranaense, formada pelos criadores de gado do interior do Estado, é também um movimento de afirmação da nova elite urbana que se instalava em Curitiba, e que recebia os benefícios da indústria do mate. Foi essa indústria que "fez crescer", para lembrarmos a expressão de Magnus Pereira, não só uma burguesia industrial republicana e abolicionista⁶¹, mas também um movimento intelectual agitado pelo progresso e civilização que dela emanava. Romário incumbiu-se da tarefa de forjar uma identidade para essa nova configuração, utilizando-se largamente da natureza para tal: o pinhão e o pinheiro assumem lugar de destaque na sua história, por serem objetos com os quais todos podem identificar-se, independentemente da origem ou situação social. Na análise da socióloga Maria Tarcisa Bega, "símbolos que se propõem representativos da memória coletiva, dizem respeito tão-somente à nova elite que se forja no Paraná".⁶²

Como jornalista, Romário trabalhou desde 1896 n'A *República*, e sua amizade com Vicente Machado, também diretor do jornal, o impeliu a entrar também no mundo da política. Já em 1897 faz campanha para a candidatura – vitoriosa – do Cel. Joaquim Lacerda, combatente do cerco da Lapa, para o Senado. É só em 1904, porém, que Romário será ele próprio eleito para um mandato de deputado estadual – nesse momento, sua figura já está mais do que estabelecida como a de um defensor dos interesses do Estado.

Foi através dos jornais, ainda em maio de 1900, que Romário travou sua primeira campanha vitoriosa após a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Pegando carona em um debate iniciado pelo *Diário da Tarde*, semanas antes, em relação ao futuro nome do Teatro São

⁶⁰ CAROLLO, "Romário Martins... *op. cit.*, p. v.

⁶¹ PEREIRA, Magnus R. M. *Semeando Iras Rumo ao Progresso: ordenamento jurídico e econômico da Sociedade Paranaense*. Curitiba: Ed. UFPR, 1996.

⁶² BEGA, *op. cit.*, p. 373.

Theodoro – o principal teatro da capital desde 1873 (cujo nome era uma homenagem ao fundador de Curitiba, Theodoro, ou Eleodoro, Ébano Pereira) que encontrava-se em reformas desde 25 de fevereiro daquele ano, após ter seu uso cedido pelo presidente do Estado, Francisco Xavier da Silva – Romário Martins e Sebastião Paraná, as duas maiores autoridades em História e Geografia do Estado, respectivamente, naquele momento, propõem o nome de "Theatro Guayra" para a nova instituição; seu último espetáculo, promovido em 1894, tinha sido servir de prisão para os "traidores" curitibanos da Revolução Federalista. Desde então, o principal teatro de Curitiba tornara-se o Hauer, propriedade da Sociedade Thalia, uma associação fundada por alemães em abril de 1882.⁶³

Primeiramente, o capitão e ator Benajmin Pessoa, a quem Francisco Xavier concedera o uso do Teatro por 15 anos, sugere o nome de "Theatro Concordia" para a nova instituição, "sob a bandeira que se estadeia em nome desse ideal alevantado e digno,- a fraternidade humana"⁶⁴. O diário *A República*, dirigido por Romário Martins, em um primeiro momento até elogia a escolha, que de certa forma também traduz uma imagem criada pelo próprio Romário Martins em relação ao povo paranaense:

Consta que essa [Theatro Concordia] será a denominação que terá o ex-S. Theodoro.

Se assim for, é o caso de se dar os parabéns ao nosso distinto amigo Dr. Benjamin Pessoa que, nesse significativo título, encerra a tendência actual da alma paranaense.⁶⁵

Aparentemente, após a fundação do Instituto Histórico, Romário Martins decide que o nome "Concórdia" – ou qualquer outra sugestão apresentada, como Teatro Pedrosa, homenagem a João José Pedrosa, primeiro paranaense a ser presidente da Província e quem iniciou a construção do S. Theodoro – não resumia tão bem assim as novas tendências do povo do Paraná. Estreando no cargo de historiador oficial do Estado, reconhecido pelos companheiros como autoridade no assunto,

⁶³ Segundo o Dicionário Histórico-Biográfico, a Sociedade Thalia passou a aceitar sócios brasileiros apenas em 1919. Cf. DICIONÁRIO...*op. cit.*, p. 473.

⁶⁴ *Diário do Tarde*. Curitiba, 16 mai. 1900, p. 2.

⁶⁵ *A República*. Curitiba, 17 mai. 1900, p. 1.

Romário vai apoiar-se em uma construção romântica dos índios "guaranys", habitantes do Estado "em epochas que ja se foram", argumentando pela condição de antepassados desses índios. Apelando para um "mito originário", Romário interpela os curitibanos a conservarem a memória paranaense no batismo da casa de espetáculos:

É com pezar que veremos arriada do frontispicio tão tosco e tão bello do velho Theatro São Tehodoro, a única homenagem que em terra paranaense existia, feita de tão nobres recordações, ao fundador official das nossas mais antigas cidades.

(...)

A nossa historia de povo tem uma pagina esquecida, mas bem merecedora por certo de ser rememorada no coração paranaense, pois ella assignala o inicio de nosso povoamento (...) Epochas de um raro brilho, e que nos chegam ainda agora cantando a música deste nome: - GUAYRA!⁶⁶

E sobre os índios guaranis, que habitavam essas primeiras povoações:

Raça cavalheiresca, de heroes; - raça mysteriosa afinada pelas música das mattas nacionaes,- ella preencheu com batalhas homéricas.⁶⁷

Assim, com um vocabulário romântico indianista, como observa o historiador Décio Svarça, o índio ideal romariano simboliza o herói de lutas ferozes, transformado em antepassado do povo paranaense em razão da sua capacidade de adaptação aos modos civilizados⁶⁸. Romário sofreria críticas da imprensa por ter deixado de mencionar detalhes da participação dos jesuítas nestas batalhas, e quais suas conseqüências para o povo indígena.⁶⁹ Romário bem o sabia; participara, ele mesmo, do movimento de sensibilização à causa indígena realizado pelo grupo do Cenáculo, anos antes.

⁶⁶ *A República*. Curitiba, 27 mai. 1900, p. 1.

⁶⁷ *Idem*, *ibidem*.

⁶⁸ SVARÇA, *op. cit.*, p. 57 e ss.

⁶⁹ DICIONÁRIO..., p. 485.

Através da palavra, Romário e Dario, foram os verdadeiros líderes deste movimento de poetas "neuróticos" e políticos respeitáveis, de cujas associações nasceu uma proposta de identidade para o Estado. Entre os anos de 1890 a 1900, anos de juventude, essencialmente, construíram suas carreiras através da palavra.

1.2. A palavra escrita: jornais, revistas e seus homens de letras

A partir da metade do século, mas com maior ênfase nas duas últimas décadas, assistimos o surgimento do jornal como um novo veículo de comunicação de massa. À medida que a virada do século se aproxima, o jornal diversifica suas histórias e passa a oferecer, ao invés do folhetim, que poderia ter uma duração de dias ou semanas, crônicas curtas sobre o cotidiano, pequenas reportagens de crítica, modificando o espaço para a literatura e para o literato. No período do *fin-de-siècle*, Brito Broca observa que os escritores tinham ainda mais com o que se preocupar:

As notícias de polícia, particularmente, que outrora, mesmo quando se tratava de um crime rocambolesco, não mereciam mais do que algumas linhas, agora passavam a cobrir largo espaço; surge o noticiário esportivo, até então inexistente, e tudo isso no sentido de servir o gosto sensacionalista do público que começava a despontar.⁷⁰

Mas ao mesmo tempo, o literato era atraído pelo jornal tanto pela segurança financeira que este oferecia – os jornais do Rio, por exemplo, ofereciam somas consideradas altas para seus escritores⁷¹ – quanto pela possibilidade de divulgação do seu nome e trabalho para uma camada maior da população. Irremediavelmente, os nomes que se destacaram no Paraná na virada do século passaram pelo jornal, exercendo cargos que vão de aprendiz de tipógrafo a diretor de redação, cujos maiores exemplos são, como mencionamos anteriormente, Dario Vellozo e Romário Martins.

⁷⁰ BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, p. 218.

O historiador Vidal Costa nota que, na Curitiba *fin-de-siècle*, o jornal era o seu principal veículo de comunicação. Isso tinha, principalmente, implicações na imagem que os curitibanos faziam de seu mundo, que era, assim, criado a partir da imaginação individual alimentada por relatos de 2ª. mão ou mais, pois muitas reportagens eram recebidas de outros jornais do país e de outras partes do globo, sendo reescritas pelos jornalistas locais:

Mediada por estas interfaces precárias, muitas vezes desatualizadas e parciais, esta forma de contato fazia-se indiretamente, baseando-se mais no potencial imaginário de um público leitor que, na maioria das vezes, estava fadado a nunca vir ter acesso direto às distantes paragens tornadas conhecidas, mas não mais próximas, pela leitura de seus autores favoritos ou das matérias de jornais dedicadas a assuntos outros que não os locais.⁷²

Mesmo diante dessa dificuldade de compor uma imagem mais fiel de mundo, ou por causa dela, um ávido público consumidor de jornais e revistas de literatura, de arte, de religião e de ciência – ainda que bastante restrito às camadas mais "refinadas" da sociedade curitibana – movimentava um agitado negócio de impressoras e livrarias na capital, com uma grande movimentação observada, muitas vezes antes do que em Curitiba, nas cidades do litoral também, como mostrou Cláudio DeNipotti em *A Sedução da Leitura*.⁷³ Inúmeras revistas foram criadas na última década do XIX, algumas com existência breve, produto da imaginação de jovens ainda em idade escolar, outras capazes de formar gerações de intelectuais ao seu redor.

Os jornais constantemente davam destaque especial para o material e a diagramação das revistas, muitas vezes mais até do que para o próprio conteúdo. As "typographies", instaladas principalmente pelos grandes produtores de erva-mate na impressão de etiquetas para os barris do mate, esmeravam-se para produzir também obras de acabamento sofisticado,

⁷¹ Idem, p. 216-217.

⁷² COSTA, Vidal A. A. *Visões Ascendentes: fragmentos do olhar curitibano ao mais leve que o ar*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p. 64.

⁷³ DENIPOTTI, Cláudio. *A Sedução da Leitura: livros, leitores e história cultural: Paraná (1880-1930)*. Curitiba/UFPR : Tese de Doutorado em História, 1998

que nas edições mais especiais eram feitas com material importado da Europa, atendendo aos anseio do consumidor mais exigente.

A primeira casa impressora no Paraná foi, justamente, a Typografia Paranaense, fundada logo após a emancipação da Província. Seu primeiro Presidente, Zacarias Góes de Vasconcelos, faz vir Cândido Lopes, dono da Tipografia Lopes, em Niterói, para fundar o primeiro jornal da província, o *Dezenove de Dezembro*, em abril de 1854, que servia à publicação tanto dos atos administrativos do governo quanto de matérias de interesse geral da população. Mesmo após a morte de seu fundador, em 1871, a tipografia foi dirigida pela sua viúva e depois por Jesuíno Lopes, filho do fundador. Em 1888, funde-se com a Litografia do Comércio e passa a denominar-se *Impressora Paranaense*. Nos novos tempos da República, o *Dezenove* deixou de ser publicado ao completar 36 anos, em abril de 1890, em protesto contra a censura à imprensa promulgada pelo novo governo. No final deste mesmo ano, a *Impressora Paranaense* transformou-se em *Companhia Impressora Paranaense* ao ser adquirida por Ildefonso Correia, como parte de seus negócios na indústria ervateira.⁷⁴ Desde sua fundação, a *Impressora* também contava com uma livraria, onde vendia, além de seus próprios produtos, todo o material relacionado às artes gráficas e obras sobre os mais variados temas.⁷⁵ A *Impressora*, na última década do oitocentos, esmerou-se nas publicações dos literatos paranaenses, principalmente através da atuação de Leocádio Correia, que integrou a Companhia após a morte do Barão do Serro Azul, e também de seu irmão mais velho, Leôncio, poeta e jornalista. Da *Impressora* saíram várias das revistas simbolistas publicadas nessa época em Curitiba, inclusive a mais conhecida de todas, *O Cenáculo*. A *História da Guerra do Paraguai*, do General Bormann, publicada em 1897, é considerada um marco na história da Companhia pela requintada produção que recebeu.⁷⁶

⁷⁴ DICIONÁRIO Histórico-biográfico do Paraná, pp. 120-126.

⁷⁵ DENIPOTI, *op. cit.*, p. 66.

⁷⁶ DICIONÁRIO... *op. cit.*, p. 125.

Além da livraria da própria impressora, a capital paranaense contava com a loja *Pêndula Meridional*, fundada em 1876 por Luiz Coelho. Sua primeira concorrente de peso, a *Livraria Econômica* – de propriedade de Aníbal Requião e Leopoldino Rocha – apareceria somente em 1894, e também teve participação importante na divulgação dos homens de letras paranaenses. A partir dessa época, as livrarias de Curitiba vão passar a disputar os leitores mais acirradamente, fruto da própria competição entre si e do surto literário que acomete a capital.

Após o *Dezenove de Dezembro*, foram fundados mais jornais de importância no Paraná, principalmente a partir da década de 1870. Foram eles *O Commercio do Paraná*, *O Operário da Liberdade*, *A Província do Paraná*, *A Gazeta Paranaense* e outros tantos, como aqueles fundados pelos recém-chegados imigrantes (principalmente os alemães), muitos com a existência efêmera que caracterizava as publicações naquela época.⁷⁷ Nessa época, destacaram-se pelas atividades jornalísticas J. Morais, Antônio de Camargo, Gabriel Pereira, Lúcio Pereira, José F. da Rocha Pombo, Joaquim Serapião, Antônio Macedo e Albino Silva.⁷⁸

Já na década de 1890, observa-se um crescimento na atividade editorial do Estado que pode ser avaliado tanto pelo aumento do número de revistas e periódicos como também de livrarias na capital. Examinaremos a seguir algumas dessas publicações, de forma a dar uma idéia da circulação de idéias e pessoas na capital paranaense nessa década que assistiu à formação de um grupo de homens de letras e ciência que, a partir desse época e nas décadas que se seguiram, criaram uma identidade regional para um Estado carente de uma origem.

Característicos dessa época são os chamados "grupos" intelectuais que surgiram ao redor de revistas ou associações literárias. Na Curitiba da virada do século, encontramos alguns deles, tendo como particularidade o fato de que em torno da maioria dessas revistas, que surgem e

⁷⁷ Ver PILOTTO, Osvaldo. *Cem Anos de Imprensa no Paraná*. Curitiba: IHGEP, 1976; e CARNEIRO, Newton. *As Artes Gráficas em Curitiba*. Curitiba: Ed. Paiol; Fundação Cultural de Curitiba, 1976.

⁷⁸ DICIONÁRIO... *op. cit.*, pp. 352-353.

desaparecem rapidamente, na maioria dos casos, estão quase sempre as mesmas pessoas!

Alguns anos antes, o engenheiro Eduardo Mendes Gonçalves, apoiado por parentes e amigos, fundara o jornal *A República*, em 1886, órgão da associação anti-monárquica *Club Republicano*, que passará a ser o órgão oficial do governo após a queda do Império. Até o final do século, terão passado pela direção do jornal nomes como Leôncio Correia, Vicente Machado, Nestor Vítor, Emiliano Pernetta, Domingos Nascimento, João Pernetta e Romário Martins, ativos participantes da vida pública da capital – em todos os seus aspectos – desde então.

A década de 90 foi, na capital, principalmente das revistas. Científicas, literárias, religiosas, de associações de classe ou etnia, atendiam a todos os públicos. Já em 1890 surgira a mais duradoura revista, que aglutinou os maiores nomes do cenário cultural da época no Estado e que foi o porto seguro para o qual inescapavelmente voltavam, durante mais de uma década: a *Revista do Club Curitybano*, dirigida, de início, pelo Padre Alberto Gonçalves, mas criada pela insistência de Cyro Vellozo, pai do jovem Dario, um "moço" que já vinha se destacando pelos inflamados discursos nos *meetings* cívicos realizados pelo Clube. Aparecem ainda neste ano *A Luz*, órgão do Centro Espírita de Curitiba, e a *Revista Spírita*, "de estudos psychicos e de moral", como registra Osvaldo Pilotto. Em 1891, aparece *Guarany*, uma revista ilustrada dirigida por Silveira Netto, Augusto Stresser, Brasília Costa e Antônio Braga. Em 92, *O Artista*, dos jovens Adolpho Werneck, Euclides Bandejas e Nicolau dos Santos; Osvaldo Pilotto menciona ainda, neste ano, os periódicos *O Democrata*, *Domingo*, *XX de Setembro* e *Correio de Debates*.⁷⁹

No ano seguinte, 1893, a *Revista Azul*, a primeira do Movimento Simbolista no Paraná, de Dario Vellozo e Júlio Pernetta, e com as colaborações de Leôncio Correia, Albino Silva, Domingos do Nascimento, Antônio Braga, Silveira Netto e Justiniano de Mello. Também aparece *Folha Nova*, com Domingos do Nascimento e Albino Silva. Em 1895, finda

⁷⁹ PILOTTO, *op. cit.*, p.

a Revolução Federalista, surge, através da associação de Dario Vellozo, Júlio Pernetta, Antônio Braga e Silveira Netto, *O Cenáculo*, a revista mais influenciada pelo estilo simbolista, decádico e esotérico francês – sem deixar de lado a atmosfera científica que perpassou todo esse período. Conviveram lado a lado, na revistas, poemas e textos sobre a estética do simbolismo, textos de adoração ao Diabo, textos em defesa do índio, e muitos outros, englobando assuntos tão diversos quanto feminismo, evolucionismo, educação e geografia. Além de seus fundadores, ao longo dos três anos de sua existência contribuíram para *O Cenáculo* figuras como Alberto Rangel, Domingos do Nascimento, Romário Martins, Rocha Pombo, Leôncio Correia, Ricardo Lemos, Júlio Teodorico, Silveira Sobrinho, Eliseu Montarroyos, João (Jean) Itiberê, e diretamente da Bélgica, o poeta Iwan Gilkin, amigo de Itiberê.

Romário Martins e Ricardo de Lemos apareceram, nesse mesmo ano, com o periódico *Cidade de Curitiba*, para atender os interesses do comércio, mas privilegiando também a literatura local. Em 1896, dois periódicos de vida curta: *Diário do Paraná*, de propriedade do mineiro Fernando A. Moreira e redigido pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral; e a *Gazeta do Povo*, de propriedade de Celestino Júnior. Entre 1897 e 1898, conta Osvaldo Pilotto que foram publicados em Curitiba "nada menos do que 30 periódicos"! Era a explosão literária pós-*Cenáculo*. Dentre os mais importantes: em 1897, surge *Galáxia*, de Reinaldo Machado, com intensa colaboração de Emiliano Pernetta, Romário Martins, Dario Vellozo, Chichorro Júnior e Júlio Pernetta; também, *A Penna*, de Júlio Pernetta e Romário Martins. A seguir, em 1898, temos *Pharol*, de Didio Costa; *O Sapo*, de Leocádio Correia, Gabriel Ribeiro, Thales Saldanha, Leite Júnior; e *Jerusalém*, revista maçônica, por Dario Vellozo, Silveira Netto e A. Pires. Em 1899, destacam-se a revista *Esphinge*, revista esotérica dirigida por Dario Vellozo, e a *Tribuna do Paraná*, dos liberais que faziam oposição ao governo, desde a queda de Deodoro, Menezes Dória e Emygdio Westphalen. Em 1900, tivemos *Turris Eburnea*, de Aluizio França; *Azul*, com Santa Ritta Jr, Evaristo Pernetta e Nicolao dos Santos; *Pallium*, de

Silveira Netto e Júlio Pernetta; *Breviário*, de Romário Martins e Alfredo Coelho, e por fim, o início da 2ª. fase da *Revista do Club Coritibano*, marcada pela saída de Dario Vellozo da Direção Literária.⁸⁰

Em 1899, surgira outro diário na capital paranaense, pretendendo ser um contraponto à oficialidade d'A *República*. O *Diário da Tarde*, de propriedade de Estácio Correia, logo notabilizou-se pela maneira um tanto "sensacionalista" de narrar suas histórias mas, também, pelo papel ativo e crítico em relação aos fatos que viravam notícias em suas páginas. Relata Euclides Bandeira, jornalista e poeta que esteve presente nos primeiros anos do jornal:

O que se fazia mister, antes de tudo, era atrair a atenção pública. Estácio apelou para estratégia inocente, mas por fim inócua: encheu a cidade de fantasmas, de preferência no alto de S. Francisco e atrás do cemitério. Notícias impressionadoras de aparições terríficas. A imaginação, em delírio, de Poe e de Hoffman perpassava nas 4 páginas.⁸¹

E mais adiante, sobre o jornalismo do fato, que fatalmente sobrepujou o sensacionalismo inicial, segundo seu depoimento:

Debates impávidos em tornos de atos e fatos administrativos; sobre questões políticas, econômicas, religiosas, letras, artes e ciências. Em vez de fantasmas, a transcrição da realidade, em ocorrências dramáticas ou trágicas, catadas nas folhas dos Estados, com o mesmo empenho de Júlio Verne na Biblioteca de Nantes, para suas obras maravilhosas.⁸²

Assim, surgem os cronistas, os críticos, aquele que tão bem relaciona as informações, os fatos do cotidiano com o seu presente. A informação torna-se uma experiência vivida, na medida em que é fruto da observação direta do repórter ou da testemunha, e subjetivamente observado pelo cronista, mesmo quando o texto pretende recriar o fato testemunhado.⁸³ É uma nova experiência sentida por esses jornalistas

⁸⁰ VÍTOR, *op. cit.*, p. 138; PILOTTO, *op. cit.*, pp. 12-33.

⁸¹ BANDEIRA apud PILOTTO, *op. cit.*, p. 31.

⁸² Idem, *ibidem*.

⁸³ BERBERI, *op. cit.*, p. 46.

adentrando a modernidade de maneira tão abrupta, ainda que ansiosamente também.

Em 1900, surgiu *O Commercio*, que, como o nome indica, tem suas reportagens direcionadas para a classe dos comerciantes, sendo patrocinado pela Associação Comercial da capital. Dirigido por Fernando Macedo, o jornal prometia também defender todas as boas causas: "a justiça, a instrução pública, as artes, a lavoura, todas as indústrias, todas as classes de trabalho, a pátria, a República..."⁸⁴. Um dos que mais contribuiu com reportagens para o jornal no seu início foi Emiliano Pernetta, cuja família era de comerciantes portugueses.

Vimos então que o jornal torna-se, no final do século, não somente um veículo de informação, pura e simples, mas também a principal fonte para o imaginário curitibano, o que demonstra sua importância neste estudo onde nos indagamos sobre o processo de construção de uma identidade paranaense.

1.3. A sociabilidade dos clubes e agremiações literárias

No final do século XIX, em especial na última década, os cafés faziam parte da vida cotidiana dos escritores e "intelectuais" em geral, procurando não somente inspiração no convívio com seus pares, mas também comida, bebida e diversões a um baixo custo.⁸⁵ Na capital federal, eram famosos os Cafés Java, Paris, Globo; as Confeitarias Colombo e Pascoal; a Livraria Garnier, onde reuniam-se grupos literários de toda a sorte, como o de Machado de Assis e as grandes figuras da literatura da época, tais quais José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Coelho Neto, entre outros muitos, e em um espectro oposto um grupo constituído pelos simbolistas, anarquistas e comunistas, contando com figuras como Gustavo Santiago, Múcio Teixeira, Pedro Couto, Fábio Luz, Curvelo de Mendonça e os paranaenses Rocha Pombo, Nestor Vítor, Emílio de Menezes e mais alguns, ressentidos por serem desprezados, em geral,

⁸⁴ PILOTTO, op. cit., p. 33.

pela "crítica oficial" do grupo de Machado.⁸⁶ Outras livrarias podem ser citadas: Quaresma, Briguiet, Laemmert, Azevedo, todas elas alcançaram grande sucesso na virada do século.

Em Curitiba, ocorreu processo semelhante, ainda que em proporções menores, por razões populacionais evidentes. Mesmo assim, foi um processo que também alcançou um grande crescimento na última década do oitocentos, e que prolongou-se pelas primeiras décadas do século seguinte. Sobre esse interesse literário, Rocha Pombo testemunhou sobre "o afã extraordinário com que em todas as localidades da antiga província foram se organizando clubes e sociedades literárias, cada qual com a sua biblioteca."⁸⁷

De fato, desde 1859 tinha Curitiba sua Biblioteca Pública instalada. No entanto, outras bibliotecas do Estado, em cidades de menor porte, rivalizavam em tamanho com a Biblioteca da capital. É o caso, por exemplo, da biblioteca do Clube Literário de Paranaguá, o primeiro do gênero no Estado, fundado em 1872, que já em 1877 contava com mais de 1800 volumes em sua coleção; do Clube de Leitura Portocimense, de 1875, que dois anos após já contava com um acervo de cerca de 600 livros; do Clube Literário Curitibano, fundado em 1874, que em três anos arrecadara mais de 700 obras. A Biblioteca Pública do Paraná contava, no ano de 1877, com 834 obras em seu acervo.⁸⁸ Apesar dos números proporcionalmente grandes para tão modestas populações que apresentavam algumas dessas cidades (no caso de Porto de Cima, são 600 volumes para uma população total de pouco mais de 1800 habitantes, entre eles 243 escravos⁸⁹) essa grande quantidade de leituras não tinham um alcance muito grande. Segundo o historiador Cláudio DeNipoti, as bibliotecas e seus respectivos clubes literários prestavam-se muito mais à

⁸⁵ BROCA, *op.cit.*, pp. 36-37.

⁸⁶ Idem, p. 40 e ss. Ver a nota 12, na página 42, que contém uma defesa desse sentimento de depreciação, pelo menos da parte dos simbolistas – Andrade Muricy, grande divulgador do simbolismo brasileiro, propõe uma teoria de cunho darwinista: "o ressentimento dos simbolistas não era caso de antipatia ou de política literária, mas inevitável manifestação do próprio instinto de conservação".

⁸⁷ POMBO, *op. cit.*, p. 124.

⁸⁸ DENIPOTI, *op. cit.*, p. 94.

simbolizar um ideal de civilização de pessoas cujo acesso ao mundo da leitura dera-se através da educação formal escolar⁸⁹, que certamente constituíam diminuta parcela da população desses centros urbanos.

Em Curitiba, uma agremiação pareceu concentrar todos os requisitos desejados por essa população e logo tornou-se a referência de sociabilidade entre a elite curitibana. Fundado em janeiro de 1882, por iniciativa de Romão Brando e Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul, o *Club Coritibano* logo passou a suprir a falta de associações congêneres na capital que pudessem ser freqüentados pela alta sociedade curitibana. Com a promoção de bailes de carnaval, *soirées* aos sábados e domingos, o clube rapidamente consolidou-se, e passou a ocupar sua sede própria em 1891, na esquina da atual Rua XV de Novembro com a Rua Monsenhor Celso.

Já a partir de 1890 publicava sua revista, logo formando um círculo de intelectuais à sua volta, e cuja produção é objeto de desse estudo. Dirigida desde o início pela família Vellozo (Cyro, o pai, era presidente do Clube e grande incentivador cultural – a idéia da própria Revista foi dele, e Dario como Redator, e a partir de 1894 até 1900, Diretor Literário) e com a colaboração freqüente de Romário Martins, Emiliano e Júlio Pernetta, Silveira Netto, Leôncio Correia, Ermelino de Leão, João Itiberê da Cunha, entre outros, a revista sobressaiu-se no campo literário, pois esses autores pertenceram a geração de poetas simbolistas e escritores românticos cuja produção considerável tanto inspirou Rocha Pombo a declarar, na virada do século, ser o Paraná o estado da Federação onde as letras eram mais cultuadas.⁹¹

Uma característica a ser observada é que, além dos poetas e escritores românticos e simbolistas, esse grupo estava fortemente ligado ao Republicanismo, conforme indica Lopes Pereira, ao comentar sobre a revista *Cenáculo*, e os autores que para ela contribuía, em meados da década de 1890:

⁸⁹ Idem, *ibidem*.

⁹⁰ Idem, *ibidem*.

⁹¹ POMBO, *op. cit.*, p. 8.

Revista do movimento simbolista marcadamente favorável aos postulados positivistas, terá até mesmo suas reuniões estruturadas como prescreve o culto positivista (...) e tinha como colaboradores Domingos Nascimento, Emiliano Pernetta, Emílio de Menezes, Rocha Pombo, Romário Martins, Vicente Machado e Victor do Amaral, *não à toa todos defensores incontestes da República e engajados na construção de uma identidade regional para o estado do Paraná*.⁹²

Foi na biblioteca do Club que Dario Vellozo, Antônio Braga e Silveira Netto encontraram-se pela primeira vez, dando início à amizade que culminaria na revista *O Cenáculo*. Nas páginas da *Revista do Club*, passou-se em revista as correntes de pensamento do final do século, assim como as primeiras proposições teóricas dos curitibanos sobre o Simbolismo. Também nas páginas da revista temos informações sobre as atividades do Clube, como o grupo de teatro, festas cívicas, saraus, entrada de novos sócios e até o número de livros consultados na Biblioteca durante o período.⁹³

Foi assim que, nas comemorações dos quatrocentos anos de descobrimento do Brasil, Dario Vellozo, através da *Revista do Club*, reuniu alguns de seus companheiros e conhecidos para fazer o elogio do Paraná através do número comemorativo publicado em maio de 1900. Feito como parte das comemorações do Clube, que incluíram um desfile pela cidade (que foi adiado por causa da chuva), uma apresentação teatral, uma banda e, certamente, muitos discursos por parte das autoridades e associados.

Era o ponto alto de um grupo de jovens que, através de uma década de formação, atravessou revoluções na política e no pensamento e foi capaz de aliar a prática ao discurso, apostando no progresso econômico do Estado ao mesmo tempo que procurava cultivar o espírito da população, preparando-a para o novo século que vinha carregado de tantas promessas.

⁹² PEREIRA, L.F.L. *op. cit.*, p. 31. [grifo meu]

⁹³ DICIONÁRIO... *op. cit.*, p. 79-81.

2. Entre o abismo e as torres de marfim: o movimento simbolista no Paraná

2.1. O espetacular retorno de Jean Itiberé

Em 1892 voltava a Curitiba, após ter passado cerca de doze anos na Bélgica completando seus estudos, o jovem bacharel João Itiberê da Cunha, filho do músico João Manuel e irmão de Brazílio Itiberê, músico e o primeiro paranaense a seguir carreira diplomática. Andrade Muricy, em suas memórias, assim descreve o impacto de sua chegada:

Retorno espetacular foi aquele de João Itiberê. Voltava da Bélgica assinando "Jean Itiberé" versos em francês, e por lá reconhecido como poeta belga. (...) Aquele *dandy* ... deslumbrou e chocou Curitiba com essa elegância e requinte. Mais, porém, do que a sua finura de maneiras impressionaram aos intelectuais da terra as suas credenciais literárias.⁹⁴

De fato, o recém-chegado escritor trazia na sua bagagem a convivência com nomes ilustres da Europa, começando pela sua educação primária e secundária no colégio jesuíta de Saint Michel, onde foi colega do Príncipe Alberto e outras personalidades famosas da época, e chegando ao seu doutoramento em Direito, quando sua inclinação para a literatura o fez conhecer pessoas como Iwan Gilkin, um escritor simbolista que seria o primeiro presidente da Real Academia Belga de Língua Francesa; o teatrólogo – também simbolista – Maurice Maeterlinck, entre outros. Com eles, participou de um importante movimento da literatura belga, batizado com o mesmo nome da revista em torno da qual estavam organizados: *La Jeune Belgique*.

Mais do que essa bagagem cultural de Jean Itiberé, entretanto o que atraiu a atenção dos jovens curitibanos que o conheciam foi, literalmente, a sua bagagem material - os livros que trouxera consigo: livros que foram

⁹⁴ MURICY, Andrade. *O Símbolo à sombra das araucárias (memórias)*. Brasília : Imprensa Nacional, 1976, p. 199.

passados de mão em mão entre esses moços, discutidos nos cafés, clubes e salões, e que de certo modo forneceram a substância que faltava para surgimento do movimento simbolista em Curitiba, que de toda forma já se configurava (pelo menos enquanto intenção) quando da chegada do jovem dândi à capital.⁹⁵ Novamente recorremos à memória de Andrade Muricy, que enumera os autores e obras que vieram da Europa com *M. Itiberé*, e que iriam marcar profundamente a literatura da Curitiba *fin-de-siècle*:

Trazia consigo – (...) -, Mallarmé (*L'Après-Midi d'un Faune*); Georges Vanor (*L'Art Symboliste*); Albert Mockel (*Propos de Litterature*); René Ghil (*Traité du Verbe*); Gustave Kahn (*Les Palais Nomades*); Catulle Mendès (*L'Art Wagnérien*); Jean Moréas; Villiers de l'Isle Adam; Paul Fort; outros muitos de que não me recordo. Propagava com mais insistência, porém, Edgar Poe; Baudelaire; e o *A Rebours* e o *La Bas*, de Huysmans. Esses livros correram de mão em mão, e a eles acrescentava sempre Itiberé uma obra epigônica de Baudelaire, *La Damnation de l'Artiste*, do seu amigo Iwan Gilkin, livro que se tornou de predileção para vários daqueles moços...⁹⁶

Essa bibliografia vinha exatamente ao encontro dos anseios daquela juventude curitibana que, como muitos outros jovens artistas e literatos do período, aspirava aos ares cosmopolitas da Paris *fin-de-siècle* e que, de certa forma, vivia uma experiência de modernização em uma Curitiba que crescia vertiginosamente na última década do século XIX.

2.1.1. O Simbolismo em Paris

A cidade das Luzes exerceu uma influência muito forte na linguagem poética por todo o Ocidente, e mesmo resultando em variante regionais, a semântica da linguagem simbolista – para lembrarmos Sérgio Rouanet – foi praticamente a mesma nos mais diferentes lugares da Europa e das Américas.

⁹⁵ Quando chega, o grupo que mais tarde constituiria *O Cenáculo* (Dario Vellozo, Júlio Pernetta, Silveira Netto e Domingos do Nascimento) já dava seus primeiros passos na direção de uma estética simbolista com a *Revista Azul* (agosto de 1893), principalmente devido à admiração que já tinham pelo poeta Luís Murat.

⁹⁶ MURICY, op. cit., 201.

Todos foram à Paris: Arthur Symons, Yeats e George Morre, da Inglaterra; Stefan George, Hofsmannsthal e Hauptmann do mundo de língua alemã; Azorin e os irmãos Machado da Espanha; D'Annunzio da Itália; Maeterlinck e Verhaeren da Bélgica; Moréas da Grécia; Viélé-Griffin e Stuart Merrill dos Estados Unidos. Paris serviu de neutralizador de diferentes formações culturais e foi, ao mesmo tempo, o solo fértil em que germinou uma filosofia da arte aceita por todos, ainda que sujeita às variações individuais.⁹⁷

Esse movimento, essencialmente parisiense, chamado de Simbolismo, teve seu epicentro entre 1885 e 1895, com a publicação de manifestos e revistas de arte, literatura e música, ao redor do *cénacle* de Stephane Mallarmé, Paul Verlaine, Arthur Rimbaud, e Théodore de Banville. Tinham como "patrono" Charles Baudelaire, considerado precursor do movimento simbolista, após a publicação de *As Flores do Mal*, na metade do século.⁹⁸

Baudelaire não participou diretamente do movimento, pois falecera aos 46 anos, em 1867, quase 20 anos antes do início "oficial" do movimento, isto é, em 1885. Todavia, é inegável sua influência no movimento parisiense, de início, e depois mundialmente, como o poeta que, ao mesmo tempo que afastou-se do discurso romântico lírico, direto, dialogou com a tradição mística do pensamento romântico oitocentista, através de Emanuel Swedenborg, ora aceitando-a, ora negando-a. Sua influência também foi direta na constituição de uma nova atitude mental durante as últimas décadas do oitocentos: o "dândi decadente", que seduziu os jovens entediados e melancólicos da geração pós-1870 a buscarem tanto o céu quanto o inferno para experimentarem novas sensações. Examinaremos essas características a seguir, no sentido de compreender a repercussão e a importância da obra de Baudelaire para os principais temas desenvolvidos mais tarde pelo Simbolismo, principalmente pelo grupo do Cénacle parisiense.

⁹⁷ BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 16.

⁹⁸ A crítica americana Anna Balakian diferencia o Simbolismo parisiense, comentado acima, do Simbolismo francês, que incluiria, entre outros, Jules Laforgue e Corbière. Ela sustenta ainda que a influência do grupo de Paris, essencialmente, estendeu-se pela Europa e Américas (ela cita, além de Stuart Merrill e Viélé-Griffin, dos EUA, Rubén Dário, da Argentina e Cruz e Souza, do Brasil).

Durante o século XIX, foi o movimento romântico que recuperou o vocabulário místico das mais diversas filiações para construir seus mundos sombrios: "em oposição ao mundo de Newton, imerso em luz, os românticos ofereceram seu próprio mundo noturno."⁹⁹ Antônio Cândido, observa que mesmo o movimento romântico brasileiro, ainda que composto essencialmente de católicos, também partilhou dessa devoção espiritual: "religião concebida como posição afetiva, abertura da sensibilidade para o mundo através de um espiritualismo mais ou menos indefinido"¹⁰⁰.

Em parte, essa recuperação deveu-se ao *revival* religioso despertado pelo sentimento romântico na busca de outros mundos, interiores e metafísicos. Segundo Baumer, "esse *revival* assumiu muitas formas, sendo uma das mais importantes um novo misticismo natural."¹⁰¹ O ceticismo iluminista, fundado sobre o credo da Razão, dava lugar a crença romântica, que abarcava mais de uma divindade. A natureza foi freqüentemente escolhida para tomar o lugar de Deus – e um espiritualismo místico bastante forte toma conta de muitos escritores – mas, segundo Baumer, o cristianismo nunca é realmente abandonado, na medida em que muitos pensadores voltam-se somente contra a Igreja Católica.¹⁰²

A influência do pensamento do místico sueco Emanuel Swedenborg, em particular através de textos como *Heaven and Hell* (O Céu e o Inferno), foi crucial no estabelecimento de um conjunto de conceitos que se tornariam suficientemente bem conhecidos do público ocidental – estabelecendo uma *língua*, nas palavras de Sérgio Rouanet ¹⁰³ - no século XIX, e que foram retomados pelos românticos em sua busca por mundos extra-terrenos. Swedenborg foi um cientista (físico, químico, astrônomo) sueco, nascido no fim do século XVII, tendo sido professor universitário e assessor da família real sueca. Após os cinquenta anos de idade passou a

⁹⁹ BAUMER, *Modern European...* op. cit., p. 271.

¹⁰⁰ CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins Fontes, 1971, p. 18.

¹⁰¹ Idem, p. 276.

¹⁰² Idem, p. 279.

¹⁰³ ROUANET, op. cit., p.

ter visões e conversações freqüentes com seres espirituais – entre eles, o próprio Jesus Cristo – que o incumbem da missão de "revelar o significado interior, espiritual da Bíblia"¹⁰⁴. Supostamente, a partir desta data, Swedenborg teria tido "visões reveladoras" quase que diariamente até o fim da vida. O místico levou a missão muito à sério, compilando muitos volumes com informações, comentários e exegeses sobre a Bíblia. Entre seus trabalhos mais importantes está a coleção *Arcana Celestia* (cujo título completo é algo como *Uma Revelação das Profundezas Divinas na Escritura Sagrada ou o Verbo de Deus*), uma interpretação quase que palavra a palavra dos livros do Gênesis e Êxodo. Depois, durante o ano 1758, publicou cinco livretos que procuravam divulgar a sua teologia; o quinto seria *O Céu e o Inferno*, obra que se tornaria uma das referências principais do romantismo místico, mais de um século e meio depois.

O Céu e o Inferno (cujo título completo é *O Céu e suas Maravilhas e o Inferno de Coisas Vistas e Contadas*) foi o produto de mais de uma década de conversas que o místico sueco teria tido com anjos, que lhe contaram sobre o funcionamento dos mundos acima e abaixo da Terra, assim como sobre os estágios pelos quais passa o homem logo após a morte, antes de ir para um dos dois destinos finais:

Foi-me permitido andar com os anjos e com eles conversar como se de homem para homem, e também ver o que há nos céus e o que há nos infernos, e isso durante treze anos; e então, agora, por tudo que tenho visto e ouvido, foi-me permitido descrevê-los, na esperança de que a ignorância seja iluminada e a descrença, dissipada. Uma tal revelação imediata foi concedida nesse dia pois é isso que se quer dizer com a Vinda do Senhor.¹⁰⁵

Nessa obra, então, Swedenborg procura divulgar sua filosofia das *correspondências* entre os mundos espiritual e material, através da interpretação do sentido oculto das palavras contidas na Bíblia. A idéia havia sido desenvolvida em sua obra maior, *Arcana Celestia*. O raciocínio,

¹⁰⁴ DOLE, George F., "Emanuel Swedenborg: An Introduction to His Life and Writings". versão eletrônica: <<http://www.swedenborg.com/emanuel.html>> em 01 ago. 2002.

¹⁰⁵ Idem, *ibidem*.

é, na verdade, simples: posto que Deus criou todas as coisas, todas elas contém em si algo de celestial, de divino. Assim como o homem é composto do seu corpo material (visível) e do espírito (invisível), e essas duas partes só separam-se na morte, o mesmo raciocínio vale para qualquer coisa, inclusive a própria Bíblia, a palavra de Deus. Segundo essa lógica, portanto, era impossível conceber a existência apenas do significado literal das palavras da Escritura Sagrada: seria o equivalente a um homem sem espírito, morto.¹⁰⁶ Swedenborg abre o livro *O Céu e o Inferno* com uma passagem do Evangelho de S. Mateus em que Jesus fala a seus seguidores sobre a vinda do Senhor nos últimos dias da Terra, para demonstrar o erro que incorremos ao interpretarmos o Verbo literalmente, e para apresentar, ao mesmo tempo, a sua própria interpretação e exemplos das alegorias contidas no texto sagrado cristão:

E logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. (Mateus. xxiv. 29-31).

Aqueles que compreenderam estas palavras conforme seu sentido literal acreditam simplesmente que, durante esse último período, que é chamado julgamento final, todas estas coisas devem acontecer como são descritas literalmente, isto é, que o sol e a lua escurecerão e as estrelas cairão do céu, que o sinal do Senhor aparecerá no céu, e Ele Próprio será visto nas nuvens, ladeados por anjos com trompetes; e mais ainda, como é previsto mais adiante, que todo o universo visível será destruído, e então um novo céu e uma nova terra passarão a existir. Assim pensam a maioria dos homens na igreja hoje.

Mas aqueles que nisso acreditam desconhecem as arcana que jazem escondidas em cada particularidade do Verbo. Pois em cada detalhe do Verbo há um sentido interno que trata de coisas espirituais e celestiais, e não de coisas naturais e terrenas, que são tratadas ao nível da letra. E isso é verdadeiro não apenas quanto ao significado de um grupo de palavras, mas de cada palavra em particular. Pois o Verbo é escrito unicamente por correspondências, ao ponto de que talvez haja um sentido interno até nos seus menores

¹⁰⁶ SWEDENBORG, Emanuel. *Arcana Celestia*. versão eletrônica do texto. <http://newearth.org/frontier/arcana/>

detalhes. O que este sentido significa pode ser visto a partir de tudo o que foi dito e mostrado nas Arcana Cœlestia; também a partir das citações colhidas daquele trabalho na explicação d'O Cavalo Branco mencionado no Apocalipse.

É de acordo com este sentido que aquilo que diz o Senhor na passagem citada acima com respeito à Sua vinda das nuvens do céu deve ser compreendida. O "sol" que escurecerá significa o senhor em relação ao amor; a "lua" o Senhor em relação à fé; "estrelas" conhecimentos da bondade e da verdade; "o sinal do Filho do homem" a manifestação da verdade Divina; "as tribos da terra" que lamentarão, todas as coisas relacionadas à verdade e à bondade ou à fé e o amor; "a vinda do Senhor sobre as nuvens do céu com poder e glória" Sua presença no Verbo, e a revelação; "nuvens" significam o sentido literal do Verbo; e "glória" o sentido interno do Verbo; "os anjos com rijo clamor de trombeta " indica o céu como fonte da verdade Divina.¹⁰⁷

Portanto, foi essa proposição de que as palavras contêm significados "internos" que, devidamente interpretados, revelam "mundos ocultos", a maior contribuição do pensamento de Swedenborg ao Simbolismo francês, e, principalmente, à obra de Charles Baudelaire, *As Flores do Mal*.

Anna Balakian credits muito do sucesso de Baudelaire (sem tirar dele qualquer crédito pela sua obra) à grande aceitação que o cristianismo místico pregado pelo pensador sueco atingira desde o século anterior. Através da criação de um vocabulário específico para descrever a vida após a morte, "a influência de Swedenborg na estética foi mais verbal do que conceitual".¹⁰⁸ Seu conceito de símbolo, no entanto, já não poderia ser mais aceito – "alegorias antiquadas" como "o jardim representa a sabedoria" ou "as árvores são o conhecimento do bem", não representavam mais a evolução da palavra *símbolo* nos anos que se seguiram a Swedenborg.¹⁰⁹

O swedenborguismo no século XIX, ainda segundo Balakian, "se tornou uma moda antes de se tornar antes de se tornar uma influência, se por influência entendemos não imitação mas mutação, aplicação,

¹⁰⁷ SWEDENBORG, Emanuel. "Preface to Heaven and Hell". versão eletrônica: <[http://swedenborg.newearth.org/hh/hh01.html#Swedenborg's Preface](http://swedenborg.newearth.org/hh/hh01.html#Swedenborg's%20Preface)> em 01 ago. 2002.

¹⁰⁸ BALAKIAN, op. cit., p. 18.

¹⁰⁹ Idem, ibidem.

transformação, trampolim para uma criação nova". Exemplos disso são os concertos de perfumes realizados em Paris na metade do século, alguns anos antes de Baudelaire publicar sua obra mais famosa.¹¹⁰

As Flores do Mal, obra que posteriormente seria considerada a "pedra fundamental" do Simbolismo, é publicada em 1857, em Paris. Baudelaire afasta-se de uma das bases fundamentais do romantismo ao não expor diretamente suas emoções nem os objetos de que sua poesia fala – o faz através da evocação freqüente de imagens onde cores, perfumes, luzes e sons e sensações nas mais variadas intensidades descrevem a visão de mundo de um poeta atormentado, ora extasiado, ora amargo e deprimido. É exatamente nesse sentido que o uso que Baudelaire faz da terminologia de Swedenborg sobre as *correspondências* vem de encontro aos preceitos do Simbolismo: a descrição de um mundo através de significados "ocultos" das palavras, acessível apenas aos "iniciados" na linguagem poética do Simbolismo.

A idéia das correspondências entre os mundos físico e espiritual, que revelaria a verdadeira natureza do mundo metafísico, porém, influenciou o Simbolismo com uma diferença: o poeta (e não uma força necessariamente divina ou metafísica) é quem sugere as imagens para que o leitor, se for capaz, decifre e identifique qual o objeto da poesia. Ao mesmo tempo, Baudelaire vai se afastar do misticismo cristão do pensador sueco e sua busca pelo mundo divino, como fica evidente nas últimas estrofes do poema:

Mergulhar no fundo do precipício, Inferno ou Céu, o que importa?
No fundo do Desconhecido para encontrar o *novo*!¹¹¹

É válido ainda notar que mesmo aquilo que Baudelaire entendia como símbolo está ainda distante do que seria pregado mais adiante pelo Movimento Simbolista, e também, como notamos anteriormente, afastado do próprio Swedenborg. Segundo a crítica Ana Balakian, a idéia de

¹¹⁰ Idem p. 27.

símbolo usada pelo "poeta maldito" "estava muito próxima do conceito de alegoria e do paralelismo tradicional entre o abstrato e o concreto".¹¹²

Os iniciados, ou seja, os poetas, não eram quaisquer homens. Em "*Os Paraísos Artificiais*", Baudelaire descreveu como seriam as atitudes e as predisposições do homem apto para o consumir o haxixe, e, assim, experimentar "o sentido interno" das coisas:

Um temperamento meio nervoso, meio bilioso, isso é o mais favorável às evoluções de uma semelhante embriaguez; juntemos um espírito cultivado, exercido nos estudos da forma e da cor; um coração tenro, cansado de tristeza, mais ainda pronto ao rejuvenescimento. (...) O gosto pela metafísica, o conhecimento das diferentes hipóteses da filosofia sobre o destino humano, não são por certo completamente inúteis, - não mais do que o amor pela virtude, da virtude abstrata, estóica ou mística (...). Se juntarmos a tudo isso uma grande agudeza de sentidos que omiti como pré-requisito, creio que agrupamos os elementos gerais mais comuns do homem sensível moderno...¹¹³

Já sob o efeito do haxixe, o poeta veria o mundo através da *correspondências*:

Se és uma dessas almas, o teu amor inato pela forma e pela cor encontrará, desde o primeiro instante, uma extensa pastagem nos primeiros desdobramentos de tua embriaguez. (...) Fourier e Swedenborg, um com suas analogias, o outro com suas correspondências, se incarnam nos vegetais e animais que passam sob vosso olhar, e ao invés de ensinar através da voz, eles vos doutrinam através da forma e da cor.¹¹⁴

Se por um lado Baudelaire dialogou com uma corrente de pensamento já bem estabelecida no século XIX, em duas outras frentes ele pode realmente ser considerado como "inovador", e cujo legado foi decisivo para a própria formação do Movimento Simbolista: de um lado,

¹¹¹ BAUDELAIRE, *Les Fleurs du Mal*. Edição eletrônica. <<http://www.gallica.bnf.fr>> em 01 ago. 2002.

¹¹² BALAKIAN, *op. cit.*, p.30.

¹¹³ BAUDELAIRE, C. *Les Paradis Artificiels*. versão eletrônica: <<http://www.chez.com/wildlove/ baudprincipal/ paradis/ paradismenu.htm>> em 01 ago. 2002.

¹¹⁴ Idem, *ibidem*.

através da divulgação das obras do escritor americano Edgar Allan Poe (Baudelaire foi um dos primeiros a traduzi-lo para o francês); de outro, ao ser atraído pela música de Richard Wagner, musical e intelectualmente.

Poe transformou a modernidade experimentada por Baudelaire e seus contemporâneos em literatura – não tanto ao descrevê-la, mas ao aplicá-la em seus textos. Com *Os Assassinos da Rua Morgue*, de 1841, Poe inaugura uma forma moderna de literatura, o romance policial, através de uma personagem – o notívago detetive Dupin – que aplica teorias científicas em voga na época para encontrar o assassino de um terrível duplo assassinato.

Segundo Walter Benjamin, Baudelaire reconhece no anti-social detetive de Poe o seu *flâneur*, um tipo boêmio que vaga pela cidade a observar as pessoas da multidão. Para Benjamin, no entanto, "a descrição que Poe faz dessa figura está livre da convivência que Baudelaire lhe empresta", isto é, Baudelaire simpatizava muito mais com a figura do criminoso do que com a do próprio detetive.¹¹⁵

Em 1850, com a publicação de *O Homem da Multidão* e *O Mistério de Marie Roget* (a continuação de *Os Assassinos da Rua Morgue*), Poe consagra, para Benjamin, um personagem maior e mais importante que o detetive: a massa, característica das grandes cidades, onde justamente o *flâneur* pode "perder-se" pelas ruas sem nunca estar realmente perdido, observar sem ser observado. Além desses dois temas, presentes tanto na obra quanto na vida do poeta francês, Edgar Poe ainda encontraria recepção por parte de Baudelaire à algumas personagens pouco ortodoxas, mas que participaram das vidas dos dois escritores: loucos, prostitutas, mendigos, bêbados – a boemia, enfim – fazem parte desta galeria. Foram esses tipos que ajudaram a inspirar o "dândi decadente" que a geração simbolista viria a cultuar.

Por fim, a música do compositor Richard Wagner, que, segundo Anna Balakian, teria sido uma espécie de revelação para Baudelaire:

¹¹⁵ BENJAMIN, W. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1994, p.

Ele foi uma das poucas pessoas na platéia (...) que não apupou nem vaiou. Extasiado com sua descoberta de Wagner, Baudelaire passou dias e dias vagando de café em café num esforço para encontrar uma orquestra que pudesse executar uma vez mais o que persistia em sua memória auditiva.¹¹⁶

Baudelaire via usos distintos para a música. Por um lado, dotava seus versos de uma sonoridade muito envolvente; por outro, também utilizava a música como uma forma de "ativar a mente" para a criação (ou seja, comparando os efeitos da música de Wagner aos efeitos do haxixe, por exemplo). Da mesma forma, segundo Ana Balakian, Baudelaire compartilhava com Wagner a sua concepção de história como lenda, criando uma atmosfera mística – porém não religiosa – ao misturar "paganismo, lenda gótica e cristianismo". Para Baudelaire, enfim, Richard Wagner "teria sido o verdadeiro artista, o artista completo que em sua combinação de drama, poesia, música e cenário exemplificou a verdadeira da perfeita inter-relação das percepções sensoriais que deveriam ser o ideal do poeta".¹¹⁷

Através do pensamento dessas três figuras centrais do pensamento de Baudelaire – Swedenborg, Poe, Wagner – o poeta francês deixou seu legado à escola simbolista, resumido por Balakian da seguinte forma: "1) a noção de *poeta*" como sendo um sujeito intelectual, afastado da sociedade, melancólico, mas não incapaz de apreciar o belo; "2) o conceito de forma poética," isto é, os temas trabalhados, a forma da descrição, etc.; "3) a cristalização do arquétipo simbolista" através da figura do "dândi decadente", ao mesmo tempo "profeta visionário".¹¹⁸

O movimento simbolista despontou já na década de 1880, apesar de seus principais interlocutores – Mallarmé, Verlaine, Rimbaud – terem publicado seus principais trabalhos na década de 70. Entre as décadas de 1860 e 70, Catule Mendès publicaria 3 volumes do seu *Le Parnasse Contemporain*, em 1866, 1871 e 1876, homenageando poetas como

¹¹⁶ BALAKIAN, *op. cit.*, p. 40.

¹¹⁷ Idem, *ibidem*.

¹¹⁸ Idem, p. 41.

Leconte de Lisle, Adam, Baudelaire, Teophile Gautier, Théodore de Banville e depois Mallarmé, Rimbaud, Verlaine. Os simbolistas vão, contudo, afastar-se da poesia parnasiana, assim como da romântica, em busca das idéias veladas e da indefinição. É famosa a frase de Mallarmé sobre a maneira parnasiana de fazer literatura:

Os Parnasianos, por sua vez, pegam o objeto da forma como ele o é e o colocam à nossa frente – e, por consequência, eles perdem em mistério: eles privam a mente da deliciosa alegria de acreditar que está criando. Dar nome a um objeto é tirar três quartos da apreciação do poema, que deriva da satisfação de adivinhar pouco a pouco: sugerir, evocar – é isto que enfeitiça a mente.¹¹⁹

Stephane Mallarmé foi o principal teórico do Simbolismo em Paris. Em sua casa, às terças-feiras, reuniam-se os grandes nomes do movimento, tanto mestres quanto discípulos, no famoso *cénacle*, "em uma atmosfera calma e quase religiosa", conforme a descrição do crítico americano Edmundo Wilson:

(...) Mallarmé com seu olhar cintilante e pensativo por debaixo de seus longos cílios e sempre fumando um cigarro, "para colocar um pouco de fumaça" como costumava dizer, "entre o mundo e ele".

(...) Sua esposa sentava-se ao seu lado, bordando; sua filha atendia à porta. Lá iam Huysmans, Whistler, Degas, Móreas, Laforgue, Vielé-Griffin, Paul Valéry, Henri de Régnier, Pierre Louys, Paul Claudel, Remy de Gourmont, André Gide, Oscar Wilde, Arthur Symons, George Moore, e W. B. Yeats.¹²⁰

Paul Verlaine e Arthur Rimbaud, assim como Mallarmé, produziram grande parte de suas obras na década de 70 (mas foram publicados na década de 80, principalmente) e, por isso, alcançaram a maturidade poética justamente com o Simbolismo. Entretanto, segundo Anna Balakian, Rimbaud "é um membro da família simbolista como um 'parente por afinidade', através de seu relacionamento pessoal com Verlaine"¹²¹, o que não impediu que suas obras (como *Les Illuminations* e *Une Saison en*

¹¹⁹ Mallarmé apud WILSON, E. *Axel's Castle: a study in the imaginative literature of 1870 to 1930*. Nova Iorque, s/d, p. 20.

¹²⁰ Idem, p. 18

¹²¹ BALAKIAN, op. cit., p. 49.

Enfer) fossem avidamente lidas por seus contemporâneos. Já Verlaine, em 1884, publicara *Les Poètes Maudits*, uma pequena antologia crítica com poemas de Tristan Corbière, Rimbaud, Mallarmé, Marceline Desbordes-Valmores, Villiers de L'Isle Adam e Pauvre Lelian.

Joris-Karl Huysmans foi uma outra grande fonte de inspiração para os simbolistas. Seus dois romances mais famosos, *À Rebours* (algo como *Contra a Natureza [Humana]*, no caso específico deste livro), de 1884, e *Lá-Bás (Lá)*, de 1891, forneceram o arquétipo do poeta simbolista: o duque Jean des Esseintes, último sobrevivente de uma família aristocrática, outrora poderosa, na França. A descrição da personagem, nas primeiras linhas de *À Rebours*, remete imediatamente à descrição do poeta de Baudelaire:

Desta família, que de tão numerosa até pouco tempo atrás ocupava quase todos os territórios da Île-de-France e da Brie, apenas um exemplar vivia, o duque Jean, um homem jovem, delgado, de trinta anos, anêmico e nervoso, a face emaciada, os olhos de um azul frio como o aço, o nariz largo porém reto, as mãos secas e delicadas.¹²²

O impacto maior de Huysmans está, no entanto, em relação aos gostos do duque Jean, herói de *À Rebours*, assim como os de Durtal, o herói de *Lá-Bás*. Tanto um quanto outro são descritos como muito ricos, já tendo experimentado todos os prazeres e sensações possíveis: suas vidas são um tédio, que só fica pior com a convivência em sociedade. Acabam adorando o demônio, praticando perversões sexuais e outros pecados afins. Des Esseintes, por exemplo, faz uma cruz nas solas dos pés para poder pisar em Cristo todo o tempo, e alimenta ratos com hóstias consagradas. Durtal, em *Lá-Bás*, decide escrever a biografia de Gilles de Reis, acusado de satanismo no século XV; arranja uma amante que o leva, por insistência dele mesmo, a participar de rituais satânicos, entre outras coisas. As duas histórias, contudo, acabam com ambos personagens sendo reintroduzidos à sociedade e, de certa forma, aceitando o cristianismo que desafiaram através da prática do satanismo e da magia

¹²² HUYSMANS, J-K. *À Rebours*. 1884. versão eletrônica: <<http://www.huysmans.org.uk/arebours/arnotice.htm>> em 01 ago. 2002.

negra. Em *Lá-Bás*, ainda há a menção aos autores lidos por Durtal, contemporâneos e conhecidos de Huysmans: Papus, Péladan, , Eliphas Levi, Stanislas de Guaitas, Helena Blavatsky: um rol de ocultistas, teosóficos, rosa-crucianos, estudiosos do esoterismo em geral. Todos esses autores – além de outros mais antigos, como o médico Paracelso, Swedenborg, escritos egípcios e da Idade Média, compunham o imaginário ocultista da virada do século, que tornou-se uma vertente do Simbolismo bastante conhecida, e a mais associada com a imagem do "poeta decadente". O sucesso de Huysmans, porém, não impressionava os críticos mais tradicionalistas. Em uma crítica da época sobre *À Rebours*, Jules Barbey d'Aurevilly dá a Huysmans a mesma sentença que dera à Baudelaire, anos antes:

Eu seria bem capaz de propor ao autor de *A rebours* o mesmo desafio: "Após *Les Fleurs du mal*, - disse eu à Baudelaire, - resta-lhe apenas, logicamente, a boca do cano de uma pistola ou o pé da cruz". Baudelaire escolheu o pé da cruz.

Mas, o escolherá o autor de *A rebours*?¹²³

Várias revistas simbolistas surgiram durante os anos 80 e 90 do século XIX. Em Paris, as mais conhecidas foram: *Le Décadent* (Anatole Baju), *La Plume*, *La Revue Blanche* (Maurice Maindron, Alfred Jarry), *Le Mercure de France* de Alfred Vallette (Remy de Gourmont, Pierre Louÿs, Jean de Tinan), *La Vogue* (Gustave Kahn) e também *La Revue Wagnerienne* (Edouard Dujardin).

Houve também um forte movimento simbolista na Bélgica, do qual participou, como mencionamos, o curitibano João Itiberê da Cunha, ou Jean Itiberé, como assinava durante e depois de sua passagem pela Europa. Após o aparecimento de *La Jeune Belgique*, em 1881, que possibilitou a transição do romantismo para o Simbolismo através da poesia parnasiana, surge em 1886 a revista *La Wallonie*, liderada por Albert Mockel, que, além do Simbolismo, teve um caráter regionalista bastante forte. Os principais expoentes do movimento simbolista belga foram Iwan Gilkin, Émile Verhearen, Albert Mockel e Maurice Maeterlink.

¹²³ Aurevilly, Jules Barbey. "À Rebours par J-K Huysmans." Versão eletrônica: <<http://www.huysmans.org.uk/areboursrev/arebour1.htm>> em 01 ago. 2002.

Verhearen e Maeterlink são os mais conhecidos; Iwan Gilkin tornou-se correspondente da revista *O Cenáculo*, e, assim como Dario Vellozo, enveredou-se pelos caminhos do ocultismo.

Decadentes, simbolistas, ocultistas, satanistas ou loucos: não importa o nome que se tenha dado aos seus participantes, todos procuraram ser fiéis ao movimento, de acordo com os princípios expostos por Jean Móreas, que em setembro de 1886, publicou no suplemento literário do jornal parisiense *Le Figaro*, o Manifesto do Simbolismo:

(...) Nós já propusemos a denominação de Simbolismo como a única capaz de designar razoavelmente a tendência atual do espírito criador na arte. Esta denominação poderá ser mantida.

Foi dito no começo deste artigo que as evoluções da arte oferecem um caráter cíclico extremamente complicado de divergências; assim, para seguir a exata filiação da nova escola, dever-se-ia remontar a certos poemas de Alfred de Vigny, até os místicos, mais além ainda. Estas questões demandaria um grande volume de comentários: digamos então que Charles Baudelaire deve ser considerado como o verdadeiro precursor do movimento atual; o Sr. St. Mallarmé lhe forneceu o sentido e o inefável. O Sr. Paul Verlaine partiu em sua honra os cruéis entraves do verso que os prestigiosos dedos do Sr. Th. De Banville haviam previamente amaciado.

(...)

Inimigos "do ensino, da declamação, da sensibilidade falsa, da descrição objetiva", a poesia simbolista busca: ornar a Idéia de uma maneira sensível que, no entanto, não seria o seu fim em si mesma, mas que, ao servir como expressão da Idéia, continuaria sujeita. A idéia, por sua vez, não pode se deixar encontrar privada dos suntuosos talares das analogias exteriores; pois o caráter essencial da arte simbólica consiste em nunca ir até a concepção da Idéia em si. Dessa forma, nesta arte, os quadros da natureza, as ações dos humanos, todos os fenômenos concretos não saberiam manifestar-se por si mesmos: são aparências sensíveis destinadas a representar suas afinidades esotéricas com as idéias primordiais.¹²⁴

2.2. O Simbolismo no Brasil

O Simbolismo, como corrente literária no Brasil, tem seu marco fundador em 1893, com a publicação de *Missal e Broqueis*, de Cruz e Souza, mas as primeiras tentativas de produção de obras simbolistas ocorreram já na década de 1880.

Uma das primeiras incursões brasileiras no Simbolismo ocorreu em 1887, pelo escritor Medeiros e Albuquerque. Amigos seus trouxeram de Paris vários livros dos simbolistas parisienses, o que possibilitou a diversos escritores brasileiros o contato com as obras. Conforme o crítico Araripe Júnior – um dos que puderam ler aquela produção recém-chegada da França, e que foi, portanto, contemporâneo ao movimento – o autor de *Canções da Decadência* não soube, contudo, aproveitar o material que tinha em mãos.¹²⁵

Já em 1891 formou-se um pequeno grupo, composto por Bernardino Lopes, Oscar Rosas, Emiliano Pernetta e Cruz e Souza, em torno do diário *Folha Popular*. Cruz e Souza, talvez o mais famoso simbolista brasileiro, achava-se no Rio de Janeiro, vindo do Desterro, à convite de Emiliano Pernetta, secretário do jornal. Foi graças à ajuda desse grupo (e principalmente a de Emiliano, que arranhou-lhe um emprego) que Cruz e Souza pode publicar, em 93, suas primeiras obras, *Missal e Broqueis*, consideradas o marco inicial da poesia simbolista no país.

Outro grupo que se destacou nesse momento de irrupção do Simbolismo foi o grupo cearense jocosamente auto-denominado *A Padaria Espiritual*, que em maio de 1892 publica seu manifesto em Fortaleza, e tem entre seus expoentes Adolfo Caminha, Antônio Sales e Lopes Filho. Uma de suas principais características é de estar ligado muito mais ao nefelibatismo português (como ficaram conhecidos os simbolistas em Portugal) de Antônio Nobre, do que ao grupo da *Folha Popular* baseado no

¹²⁴ MOREAS, Jean. "Le Manifeste du Symbolisme". Versão eletrônica: <<http://persocite.francite.com/loryuno/xix-siecle/maureas-symbolisme/manifeste.htm>> em 01 ago. 2002.

¹²⁵ Cf. Araripe Júnior apud CAROLLO, p. 188.

Rio de Janeiro, que influenciaria outros centros de manifestação simbolista, como na Bahia e em Minas Gerais.

Nesse sentido, pode-se considerar Emiliano Pernetta um dos maiores divulgadores do Simbolismo pelo Brasil. Durante sua estada em São Paulo, quando concluiu seus estudos em Direito – entre 1885 e 1889 – organizou jornais literários e publicou seu primeiro livro, *Músicas*. Indo para o Rio de Janeiro, onde ficou até 1893, teve participação crucial, como mencionamos, no surgimento de Cruz e Souza. Tendo sido nomeado Juiz no interior de Minas Gerais, ficaria lá até 96, quando volta ao Paraná, doente, para recuperar-se no sítio da família em Pinhais, por insistência de seu irmão Júlio, a quem certamente muito influenciou. Por conta disso, passa a publicar, a partir de 1897, na revista do Clube Curitibano, da qual acabaria tornando-se um dos redatores no ano seguinte.

No Paraná, deve-se observar que o simbolismo conviveu pacificamente com parnasianos, por causa do atraso com que o romantismo chegou ao Brasil. Assim, Domingos do Nascimento, Emiliano Pernetta no início da produção, e o paranaense radicado no Rio de Janeiro Emílio de Menezes são os mais conhecidos seguidores da escola de Theodore de Banville.¹²⁶ Uma certa indefinição sobre quem é o que predomina, e mesmo as revistas simbolistas publicam textos que vão muito além da intenção poética, atuando nas questões mais candentes do seu tempo. Mesmo o romantismo, principalmente através de Casimiro de Abreu, que formara o substrato literário da juventude do Ginásio Paranaense da década de 1880, subsistia.

Em agosto de 1893, temos a primeira experiência curitibana com o Simbolismo: o sempre ativo Dario Vellozo e o não menos engajado Júlio Pernetta lançam a *Revista Azul*, "em prol da sacrossanta cruzada das letras", como escreve Dario Vellozo às *leitoras* a quem dedica uma nota explicativa dos propósitos da revista. Leôncio Correia, convidado para escrever a apresentação, pinta uma atmosfera de ternura e placidez com a palavra *azul*, e ao mesmo tempo, baudelairianamente, evoca desse

¹²⁶ DICIONÁRIO... *op. cit.*, p. 337.

ambiente um sentimento de opressiva escuridão, um anseio pessimista que sugere a inexorabilidade da morte – e o bálsamo que ela representa ao poeta:

Azul, do casto e suave de uma alvorada de Maio, deseja a Revista que sejam feitas as suas roupagens sonoras e rítmicas, mas... se aí está a dúvida, a desolação. o tédio, a própria blasfêmia a nos arrastar fatalmente para o leito Procusto como uma enfermidade terrível arrasta para o túmulo um organismo depauperado.

Perdão para nós, pois, se pelo azul tranquilo e luminoso do nosso céu, o negrejar da asa de um corvo traçar, por vezes, uma epopéia lúgubre...¹²⁷

Nesses próximos dois anos (1893-94), entretanto, vários outros acontecimentos – alguns, verdadeiros à predição de Correia, nefastos - fariam o pensamento desses jovens "intelectuais" curitibanos explorar novos caminhos, tão distintos quanto igualmente decisivos.

2.2. A revolução Federalista

Outros acontecimentos,¹²⁸ porém, suceder-se-iam à chegada de Jean Itiberê, e teriam também um papel decisivo na vida daqueles jovens: a Revolução Federalista foi um deles, e contou com a participação ativa de alguns dos futuros fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

A luta começara no Rio Grande do Sul, no fim de 1892, antes, portanto, das eleições que escolheriam os governadores (ou, como eram então chamados, presidentes) dos estados. Apoiado pelo Marechal Floriano, Júlio de Castilho é eleito e põe em prática uma "ditadura positivista", que acaba sendo um governo centralizador e impiedoso com seus inimigos políticos. Um grupo de oposição, de inspiração republicana parlamentarista – mas acusado pelos legalistas de buscar a restauração da monarquia – agrupa-se no Uruguai, sob o comando de Gaspar Silveira Martins, seu líder doutrinário, e dos chefes militares Joca Tavares, Gumercindo Saraiva e Vasco Martins. Em fevereiro de 1893, ou seja, já

após o pleito governamental, invadem o Rio Grande do Sul. Devido à algumas derrotas frente ao exército legalista – os pica-paus – do General Pinheiro Machado, os federalistas, também conhecidos por maragatos, dividiram-se, e Gumerindo Saraiva agora subia para Santa Catarina, onde na capital, Desterro, ocorria a Revolta da Armada, decorrente da insatisfação de alguns oficiais de alta patente da Marinha e do Exército com nomeações feitas pelo Marechal Floriano. Com um inimigo comum, as forças revolucionárias unem-se, na capital catarinense, sob um governo provisório, com a participação em uma Junta Governativa do liberal paranaense Emygídio Westphalen (inimigo político de Xavier da Silva e Vicente Machado, então governadores do Paraná pelo Partido Republicano), nomeado por Custódio de Melo, o Almirante que comandaria a invasão do Paraná por mar. Ao mesmo tempo que Paranaguá era tomada pelos maragatos, Gumerindo Saraiva avançava contra Tijucas e o General Piragibe, contra Rio Negro, e ambos, em seguida, em direção à capital, Curitiba.

A agitação por conta dos desdobramentos da Revolução Federalista chegou a Curitiba em janeiro de 1894, e o grupo de jovens bacharéis, jornalistas e escritores interromperam suas atividades para lutar ao lado das tropas legalistas. No dia 18 de fevereiro, o governo de Vicente Machado, cauteloso, bateu em retirada: segundo o historiador Rocha Pombo, testemunha dos acontecimentos, "só não eram necessário os desesperos e precipitações com que a cidade foi abandonada, pois dois dias depois é que chegaram à capital as primeiras tropas invasoras."¹²⁸

Na tomada de Paranaguá pelas forças revolucionárias, comandadas pelo almirante Custódio de Melo em janeiro de 1894, o agora alferes Júlio Pernetta e o tenente Domingos do Nascimento podiam ser encontrados na pequena mas brava força que resistiu apenas algumas horas aos ataques dos maragatos, como atesta Romário Martins em sua *História do Paraná*.

¹²⁷ CORREIA, Leôncio. "Revista Azul" apud CAROLLO, *op. cit.*, p. 240.

¹²⁸ ROCHA POMBO, *Para a História*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1980, p. 39.

O capitão José Cândido da Silva Muricy – futuro fundador do IHGP – estava no Desterro quando a Revolta da Armada fez capitular a sua guarnição, baseada naquela cidade, ainda em 1893. Após fugir da capital catarinense com destino ao Paraná, "depois das mais bizarras peripécias"¹²⁹ – havia-se mantido leal a Floriano, ao contrário de muitos companheiros, revoltados após a leitura de um falso telegrama supostamente enviado pelo Mal. Floriano – lutou em Tijucas, onde infligiu a única derrota a Gumerindo Saraiva na sua investida contra o Paraná, ainda que seu batalhão tenha sido derrotado uma semana depois, ao mesmo tempo que Paranaguá era tomada pelos maragatos.

A Lapa foi o último reduto legalista a cair nas mãos dos maragatos, à 11 de fevereiro, dois dias após a morte do General Carneiro, que comandara a resistência durante quase quatro semanas.

Curitiba, tomada pelos revolucionários, ficaria ocupada até maio daquele ano, quando o exército maragato foi finalmente derrotado pelas forças legalistas na batalha de Itararé.

Vicente Machado, que assumira o governo devido à precária saúde de Xavier da Silva, é recebido com flores em sua volta a Curitiba, naquele mesmo mês. Ao mesmo tempo, desde Castro, a cidade para qual havia sido transferida a capital do Estado, veio o governo exonerando funcionários públicos que, supostamente, colaboraram com os revolucionários, um prenúncio do que estava por vir. Aliás, foram os "excessos que cometeu a legalidade triunfante" – utilizando a expressão de Rocha Pombo em *Para a História* – que mais chocaram os curitibanos que, ao contrário do governo, não puderam sair da cidade durante o Governo Provisório dos maragatos. Dessa forma, inúmeros funcionários públicos foram exonerados pois haviam continuado a exercer suas funções durante o governo maragato de João Dória. Rocha Pombo ironiza as ações do Governo Legalista após a retomada de Curitiba:

¹²⁹ Expressão usada pelo Mal. Bormann no seu livro "Dias Fratricidas" apud MURICY, J. C. S. *A Revolução de 93 nos estados de Santa Catarina e Paraná*. s/ed. s/d., p. 6.

Desde Castro, o vice-governador que voltava ia dando demissões. Até as professoras pagavam o seu tributo aos *mártires*. E era isso muito bem feito. Por que não fugiram essas professoras? Ou então: por que não por que não se armaram? por que não armaram suas alunas? por que não levantaram barricadas às portas das escolas, à fim de resistir aos sicários de Juca Tigre?¹³⁰

As prisões começam a acontecer em massa. A maioria fica presa no Teatro São Theodoro; outros, em quartéis. Mas as maiores violências aconteceriam àqueles que, durante a ausência do governo legal – Rocha Pombo afirma que, somente após a volta de Vicente Machado, no dia 11 de maio, através de dois decretos publicados em jornais, ficaram os curitibanos sabendo que a capital fora transferida para Castro durante a ocupação – integraram uma comissão de arrecadação de impostos, instalada em Curitiba por João Dória, o Governador Provisório, e entregaram dinheiro aos revolucionários. O resto, como se diz, é história: em 20 de maio de 1894, por volta das dez horas da noite, embarcaram em um vagão, sob a alegação de que deveriam ir à Capital Federal prestar contas de seus atos de traição, Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Cerro Azul; o Comendador Prisciliano da Silva Correia; Capitão José Ferreira de Moura; Balbino Carneiro de Mendonça; José Lourenço Schleder e Rodrigo de Mattos Guedes. Como se sabe, não passaram do quilômetro 65 da estrada de ferro. Um a um, foram mortos à queima-roupa e atirados no abismo abaixo. Consta ainda que não morreram na hora: muitos podem ter ficado até dois dias agonizando, ainda segundo o relato de Rocha Pombo. Outros muitos ainda pereceriam, como Francisco Braga, confundido com o último Governador Revolucionário Ferreira Braga, por causa de uma carta, atribuída ao primeiro mas de real autoria do último, assinada *F. Braga*.¹³¹

2.3 As Revoluções do Pensamento através das revistas simbolistas

¹³⁰ ROCHA POMBO, *Para...* op. cit., p. 80. A expressão *mártires* é usada com sarcasmo pelo historiador para designar os legalistas que fugiram assim que Curitiba estava para ser ocupada. Em itálico no original.

¹³¹ Idem, p. 70.

Devido aos desdobramentos da Revolução Federalista, obrigando muitos daqueles jovens a ir lutar a favor de Floriano, a Revista Azul desaparecera no terceiro número. A revista do Club Curitybano, o outro reduto dos simbolistas guiados por Dario Vellozo, interrompera também sua publicação em maio de 93, devido à uma crise interna do Clube (Cyro Vellozo, pai de Dario e presidente do Clube, sentindo-se isolado, afasta-se do cargo que ocupava ininterruptamente desde 1890 – Dario foi-lhe solidário). Cyro retorna à presidência em janeiro de 1894. A revista, agora com Dario na Direção Literária e uma nova grafia do seu nome – por sugestão de seu novo diretor, passa a chamar-se Revista do *Club Coritibano* – reaparece em março de 1894, menos de um mês após a invasão de Curitiba pelos maragatos.¹³² A Revolução Federalista deixaria outras marcas além do ódio político entre as famílias de pica-paus e maragatos, em especial nos jovens que voltavam do campo de batalha: a vontade de mudança.

Em junho, após a saída dos invasores, Dario Vellozo publica, na primeira página da revista, uma espécie de manifesto intitulado "O Trabalho da Minoria". Nesse texto, bastante hermético e metafórico, Dario afirma que o mundo está dividido entre a Minoria e a Maioria. À Minoria, caberia iluminar o caminho do homem em na sua evolução moral:

A MINORIA é a fracção pensante da sociedade. Cabe-lhe, portanto, doutrinar os povos, ou preparando-os para o conhecimento da VERDADE PHILOSOPHICA, para a verdadeira compreensão da grandiosa Incognita que se chama Deos; ou demonstrando-lhes a inefficacia de taes pesquisas pela insufficiencia do intellecto do homem, diffinitivamente banindo-lhes esse almejar natural do espirito pelo conhecimento da mesma VERDADE.

Só pelo aperfeiçoamento moral, que implica necessariamente acurado estudo, pode chegar o ser pensante á compreensão mais ou menos lucida do phenomeno da Creação.¹³³

¹³² Rocha Pombo, em *Para a História*, chega a comentar que os invasores aproveitaram bastante os cafés e clubes em Curitiba,

¹³³ VELLOZO, D. "O Trabalho da Minoria". Revista do Club Curitibano, 5(7):1-2, 15 jun. 1894.

Essa passagem é, antes de tudo, um ataque velado à recém-criada Diocese do Paraná e de Santa Catarina, localizada em Curitiba, através da bula papal *Ad Universas Orbi Ecclesias*, de 1892, publicada pelo Papa Leão XIII. Em 1894, chegara a Curitiba o primeiro bispo da Diocese, encarregado de reorganizar a estrutura da Igreja na região, principalmente através da criação de seminários e escolas católicas. Dario, a partir dessa data, seria um dos principais interlocutores do pensamento anticlerical em Curitiba, culminando com os famosos debates com o Padre Deschamp no início do século XX e seu artigo *A Derrocada Ultramontana*, em que demonstra, através da história da Igreja Católica, a sua oposição à evolução moral do homem, proibindo e perseguindo cientistas. A Igreja apoiava-se na ignorância, no Mistério, enquanto cabia ao homem moderno a busca da Verdade através da ciência e dos métodos experimentais.¹³⁴

A descrição da Maioria – e de seu espécime exemplar, o *philisteo* – que Dario faz ilustra bem sua posição em relação a esse ressurgimento católico no Paraná:

A maioria é geralmente comodista e retrogada. A má vontade é o patrimonio da ignorancia pretenciosa. O ignorante é vaidoso por natureza. São prejuizos estes que affectam de maneira damnificadora as innovações e reformas apresentadas e discutidas pelos que visam o aperfeiçoamento moral do homem.

Nenhum prejuizo, porem, age tão fortemente como a fé immodêrada dos fanaticos. O fanatismo cega e violenta.

Todos os martyres da humanidade teem sido victimas da ignorancia e farrntismo dos povos. Socrates, Christo, Ga1ileo, Tiradentes, Demetrio Lisogub, —symbolisam o heroismo inquebrantavel dos que reagem contra o erro e contra a villanagem, affrontando serenamente o desdem e a ferocidade da plebe e o poderio e barbaria dos coripheos ambiciosos e obtusos.

A lucta é de todos os tempos.

O philisteo é maior inimigo da MINORIA. Aproveita as conquistas da Sciencia, usufrue os beneficios da Industria; e, comquanto arrastado nã marcha ascencional da humanidade, nega dogmaticamente o Progresso, fecha os olhos á Luz, — conscio da crassa ignorancia que o obceca, contaminado pelos prejuizos mais alvitantes, agrilhoadado a todas as baixezas do coração e do espirito.

¹³⁴ MARCHETTE, T. *Corvos nos Galhos das Acácias: o movimento anticlerical em Curitiba, 1896-1912*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999, p. 7.

É a malignidade personificada em sua forma a mais abominável.¹³⁵

Mais além, o próprio papa responsável pela bula que criou a Diocese em Curitiba, entre outras no Brasil, Leão XIII, era um feroz adversário da maçonaria e do socialismo – é dele a conhecida encíclica *Rerum Novarum*, de 1891, cuja intenção era normatizar "os Direitos e Deveres do Capital e do Trabalho"¹³⁶, como reza o subtítulo da carta papal, em explícita oposição aos ideais socialistas. Leão XIII foi também um ativo combatente da maçonaria – da qual Dario e vários contemporâneos também fizeram parte – publicando quatro encíclicas contra o movimento, que considerava ser uma seita, em um período de vinte anos.

A solução para combater a Maioria, de acordo com Dario, seria a educação – cívica, moral e secular. Essa foi uma linha de pensamento que orientou-o durante sua vida inteira, adquirida principalmente com a leitura dos autores simbolistas esotéricos – também conhecidos como ocultistas – que recuperaram na Escola de Crótona, fundada por Pitágoras, uma das origens da tradição ocultista ocidental, tradição esta que remontaria, antes dos gregos, aos egípcios – influência tão forte que resultará, também, na fundação do Instituto Neo-Pitagórico, justamente com alguns ex-alunos do Ginásio Paranaense¹³⁷. Por exemplo, a Teosofia – que significa "conhecimento de Deus" – foi uma das correntes gnósticas de pensamento do século XIX, tributárias dessa tradição mística e mágica ocidental, introduzida por Helena Blavatsky na Europa. Muito influenciada pelas religiões orientais que Blavatsky havia estudado, a teosofia – repetimos, uma entre várias "seitas" gnósticas que surgiram ou ressurgiram no século XIX – dava "ênfase à conquista do divino por meio da aquisição de conhecimento, ao invés de ser pela fé e a conduta."¹³⁸ Isso porque essas

¹³⁵ VELLOZO, "O Trabalho... *op. cit.*, idem, grifo nosso.

¹³⁶ Leão XIII. *Rerum Novarum*. Versão eletrônica: <http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_en.html> em 01 ago. 2002.

¹³⁷ O pensamento neo-pitagórico está condensado nos "Versos de Ouro", que Dario traduziu para o português a partir da versão francesa de Fabre D'Olivet, de 1813. Fabre d'Olivet foi, ele mesmo, um ocultista.

¹³⁸ RUTHERFORD, W. *Pitágoras*. São Paulo: Mrecuryo, 1991, p. 122.

seitas abraçavam a idéia de Sócrates de que "os homens e as mulheres erravam apenas pela falta de melhor conhecimento e, uma vez conhecedores das verdades supremas, iriam segui-las por bem ou por mal."¹³⁹ Caberia aos iniciados nos conhecimentos secretos dessa tradição mística (a Minoria, nas palavras de Dario) guiar os homens para o conhecimento da Verdade Filosófica.

Nos meses seguintes, Dario iniciaria uma campanha de divulgação da literatura paranaense, conclamando seus leitores a buscarem o conhecimento através da leitura – de preferência, dos autores locais, seus companheiros.

"Pela Literatura" foi um manifesto publicado ao longo de quatro números consecutivos da Revista do Club, de 15 de junho a 30 de julho de 1894. Neste artigo, Dario pondera que "as revoluções sociais, após o longo rosário fúnebre de sanguinolentas scenas horrorosas, (...) trazem geralmente no disforme ventre dillacerado e fecundo germen prodigioso de renascimento nacional", citando como exemplo a arte romana que florescera após Nero e Tibério; a França de Luís XIV; a Inglaterra Elizabetana, com Shakespeare; a Alemanha, com Goethe e Kant, após a Reforma Protestante; o Brasil após a Independência – com o romantismo de Casimiro de Abreu – e após a Guerra do Paraguai, com o parnasianismo (sic) de Gonçalves Dias e Álvaro de Azevedo.¹⁴⁰ Postos esses fatos, Dario Vellozo predizia uma nova era literária para o país, em vista dos recentes combates que haviam sido travados no Sul. Reclama, porém, que os poucos autores que despontavam, como Rocha Pombo, Emiliano Pernetta, Leôncio Correia e outros, não possuíam público – por isso sugere aos escritores que escrevam mais romances, de maior aceitação popular. A literatura é a forma de expressão escolhida por Dario por acreditar que esta conservaria a história de um povo muito melhor do que estátuas ou monumentos: prova disso são as epopéias orientais, obra de civilizações milenares, que sobreviveram mesmo às Maravilhas do

¹³⁹ Idem, ibidem.

¹⁴⁰ VELLOZO, Dario. "Pela Literatura". in Revista do Club Coritibano, 5(7):1, 15 jun. 1894.

Mundo Antigo, como o Colosso de Rodes ou os Jardins Suspensos da Babilônia.¹⁴¹ A literatura serviria também para a luta contra a odiada "Maioria", chamados agora de "mistificadores sem alma, orientação e critério".¹⁴² A conclusão, no último número, incumbe uma árdua tarefa à literatura: "Cabe à litteratura preparar a missão de preparar os espiritos, por meio de ensinamentos sadios e duraveis".¹⁴³

O jovem poeta fez de seu discurso, prática. Consolidada a vitória legalista em meados de 1894, voltam os quatro grandes companheiros da época da Revista Azul: o próprio Dario, Júlio Pernetta, Silveira Netto e Antônio Braga. A amizade dos escritores remontava a alguns anos, e, novamente, foi decisiva a influência da Revista e do próprio Clube Curitibano. Sendo um dos redatores da *Revista do Club*, ainda em 1891, Dario publicara alguns versos de Braga seguido de comentários que este último considerara, pelo menos, sarcásticos: "o soneto é *irrimado*, os versos não obedecem ao metro, *enfin tout a fait ... fin de siècle*"¹⁴⁴. Antônio Braga, ofendido, pediu explicações a Dario, mas, segundo Cassiana Carollo, certamente tratava-se de uma *blague*, tão própria das crônicas do redator da revista."¹⁴⁵ Arrefecidos os ânimos, Braga e Silveira Netto passam a compartilhar seus trabalhos com Dario Vellozo – e este, sua biblioteca com os novos amigos – e conseqüência imediata, começa a publicá-los na Revista do Club. A eles juntou-se Júlio Pernetta, irmão mais novo de Emiliano e João, todos alunos do Ginásio Paranaense. Passam a reunir-se na biblioteca da casa de Dario (na verdade, de Cyro, pai de Dario – o patriarca dos Vellozo participava das reuniões, às vezes, sendo muito reverenciado pelos jovens poetas). As reuniões passam a atrair outros escritores, entre eles Rocha Pombo, Domingos Nascimento, Augusto Stresser e Gabriel Ribeiro.¹⁴⁶ Nesse ambiente que Silveira Netto

¹⁴¹ VELLOZO, "Pela Litteratura III", Revista do Club Curitibano. 5(9):1, 15 jul. 1894.

¹⁴² VELLOZO, "Pela Litteratura IV", Revista do Club Curitibano, 5(10):1, 30 jul. 1894.

¹⁴³ Idem, ibidem.

¹⁴⁴ Vellozo apud *Dicionário... op. cit.*, p. 62.

¹⁴⁵ Idem, ibidem.

¹⁴⁶ Idem, p. 63.

descrevera como "um vasto *Karoim* subterrâneo atapetado de estantes repletas de livros", liam Balzac, Zola, Baudelaire; entre os brasileiros, Casimiro de Abreu – expoente maior do romantismo brasileiro – era muito admirado, assim como o parnasiano (assim o consideravam) Gonçalves Dias; o catarinense Luís Murat (*Ondas*, 1890), da mesma idade e leituras dos paranaenses, era outro favorito. Muitos temas foram vistos e explorados, conforme o testemunho do próprio Dario Vellozo:

Declamávamos Hugo e Murat, penetrávamos corajosamente Darwin, Haeckel, Letourneau, Comte, Spencer ... Lecomte de Lisle e Shakespeare usufruíam cultos particulares; através de Dante, amávamos Beatriz; através de Petrarca, beijávamos os cílios de Laura. Enquanto Silveira Netto, pudicamente, corria o Kama-çutra (sic), impregnávamo-nos dos Evangelhos. (...) deificávamos a Grécia...

(...)

Na floresta, à semelhança dos druidas hierárquicos, ritualizávamos a Arte, a Ciência e o Mistério. O Cenáculo se transformaria em sábio Instituto (...); nova escola de Crótona (...); o Cenáculo simplesmente reabilitaria Pitágoras.¹⁴⁷

Após a Revolução, o grupo original reencontra-se e inaugura as reuniões sob a égide do *Cenáculo*. Apesar de Antônio Braga ir para São Paulo para estudar Direito, no fim daquele mesmo ano de 1894, os três escritores decidem lançar a revista homônima ao grupo no ano seguinte, e que durante três anos congregou as mais novas propostas estéticas, científicas e literárias do *fin-de-siècle* ocidental, com o dogma "O Sentimento pelo Sentimento e a Verdade pela Verdade", e sob a divisa "A Moral – por princípio; A Sinceridade – por Norma; e o Aperfeiçoamento – por fim."

O número de estréia, em abril de 1895, ecoa as mesmas preocupações dos artigos publicados por Dario no ano anterior, na Revista do Coritibano:

O *Cenáculo* não vem pugnar dogmaticamente por nenhuma escola filosófica ou literária, porquanto não admite o exclusivismo partidário, nem reza liturgicamente as litanias salmodiadas pelo fanatismo ortodoxo; (...) traz a enérgica abnegação heróica dos agitadores que reagem contra a inércia e apatia da ignorância perniciosa e sudariosa, a boa

¹⁴⁷ PILOTTO, E. *Dario Vellozo: cronologia*. Curitiba: s/ed, 1969, pp. 43-44.

vontade dos simples que lutam pertinazmente pela insigne vitória das justas causas magnânimas.¹⁴⁸

O *Cenáculo* representou um grande salto na atividade literária e no engajamento social desses jovens. Com o reconhecimento dos jornais, o grupo saíria fortalecido como tendo os principais representantes da intelectualidade no Paraná. O *Cenáculo*, em termos de importância literária, perde somente para a *Revista do Club Coritibano*, que, por sua maior longevidade, assistiu ao surgimento e posterior desaparecimento de mais de uma dezena de outras revistas no período. Ao mesmo tempo, o grupo do *Cenáculo* provém dos quadros sociais do próprio Clube, e já mantinha convivência da época, e ambas contam com Dario Vellozo como diretor. Os artigos do *Cenáculo*, apesar da professada isenção ideológica dos editores, são o desenvolvimento dos "manifestos" publicados por eles mesmos na *Revista do Club*.

Sobre as duas associações, Dario escreveria, mais tarde as seguintes recordações:

Clube e *Cenáculo* emergem na convidativa transparência de mesmos anelos de arte, envoltos em gaze de ouro de sonhos e arroubos. Da rósea celagem do Clube, polido nos galanteios, à bruma do *Cenáculo*, austero nos ríspidos cilícios, não dista sequer a diáfana celagem dê um ósculo. Do Clube ao *Cenáculo*, o Silveira Netto passeiava o mesmo nasóculo merencóreo, o elegante calçado erguido com esmero, plenilúnios na alma, pisando alcatifas diplomáticas, vitoriosamente, de Curitiba a Londres; o Antonio Braga, o index ameaçador ferindo no espaço vertiginosos círculos, esgrimia sonetos, lindos como sóis, cortantes como lâminas; tu [Júlio Pernetta] enchias o Olimpo com a sinfonia dos teus contos e as taças de teu riso; eu, evocava múmias, traçava círculos mágicos, devorava Papus e Guaita, assistia as missas negras de Huysmans e os sabás de Michelet; páginas febris de delírio, evolantes flores do abismo, círios ardentes na beleza das angústias.¹⁴⁹

Já no ano seguinte, 1896, Dario publica mais um importante artigo na *Revista do Coritibano*, intitulado "A Periodização Literária no Paraná",

¹⁴⁸ O *Cenáculo* apud CAROLLO, *Decadismo...* op. cit., p. 241.

¹⁴⁹ PILOTTO, op. cit., p. 42.

onde propõe uma periodização da história literária paranaense a partir da emancipação política do Estado, em 1853, tendo Júlia da Costa como a primeira poetisa do Estado (Flores Dispersas, 1867), e Fernando Amaro, o primeiro contista, (Versos às Armias, 1854). Sua análise, entretanto, não passa desse "primeiro momento" das letras paranaenses, compreendido entre 1853 e 1870. As outras fases propostas por Dario iriam de 1870 a 1885 e 1885 a 1895.¹⁵⁰

Seguindo a periodização proposta na crítica de Dario, encontraríamos na segunda geração literária do Paraná figuras como Lúcio Pereira, José Moraes, Gabriel Pereira, e principalmente Rocha Pombo, que dessa geração romântica foi o que mais deslocou-se para o Simbolismo – e depois para o socialismo e ainda o anarquismo – principalmente após os desdobramentos funestos da Revolução Federalista de 1894 no Paraná.¹⁵¹

A terceira fase, de 1885 a 95 – e que pode ser estendida até 1900¹⁵² – corresponde ao momento em que surge no cenário curitibano "a geração do Instituto Paranaense", responsável pela agitação cultural da cidade naquele fim de século XIX. Leôncio Correia, Emiliano e Júlio Pernetta, Dario Vellozo, Nestor de Castro, Antônio Braga, Domingos Nascimento, Silveira Neto, Romário Martins, Jaime Balão, João Itiberê, entre outros, ainda, agitaram Curitiba com idéias que iam do positivismo e evolucionismo à poesia simbolista e o satanismo.

Depois do *Cenáculo*, um influxo de revistas simbolistas ocorreu na capital. As revistas, no entanto, eram freqüentadas pelos mesmos escritores, que revezavam-se na direção e na troca de elogios. Em 1895, no mesmo ano em que surgiu o *Cenáculo*, por exemplo, surge a revista *A Arte*, órgão ilustrado da Escola de Arte e Indústrias do Paraná. Publicou

¹⁵⁰ Idem, "Periodização Literária no Paraná" in Revista do Club Coritibano, 7(11):8, 15 jun. 1896.

¹⁵¹ QUELUZ, Gilson. *Rocha Pombo: romantismos e utopias*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, pp. 102-110.

¹⁵² O ano de 1900 marca, na literatura paranaense, o surgimento do grupo dos "novos", liderados por Euclides Bandeira, ao mesmo tempo que Dario Vellozo deixa o posto de Editor da Revista do Club Coritibano, o que marca o fim da 2ª. fase da revista (1894-1900). Ver *Dicionário Histórico...* op. cit., pp. 351-359, verbete "Periodização Literária."

textos de Dario Vellozo, Antônio Braga, Nestor Victor e Silveira Netto. Este último, ilustrador, era certamente o elo entre as duas publicações.¹⁵³

O periódico *Galáxia*, de 1897, pretendia ser o órgão de divulgação do Centro de Letras do Paraná. Tanto a associação quanto a revista não passaram da iniciativa inicial: consta que o Centro deveria ser instalado no Clube Curitibano, mas, devido à não cessão do espaço, realiza sua – única – reunião de fundação no Hotel Paraná. Constam entre os fundadores: Santa Ritta, Chichorro Júnior, Júlio Pernetta, Sebastião Paraná, Emílio de Menezes, Jaime Balão, Ricardo Lemos, Rocha Pombo, J, Moraes, Nestor Victor, Silveira Netto, Leôncio Correia, Antônio Braga, Nestor de Castro e Emiliano Pernetta, quem sugeriu o nome da Revista.¹⁵⁴

As revistas *A Penna*, de 1897 e *Pallium – revista de Arte*, de 1899, são outras duas experiências por parte do mesmo grupo. A primeira, tendo como redatores Romário Martins e Júlio Pernetta, pretende ser a continuação de *O Cenáculo*, através da mesma linha da poesia simbolista e da posição anticlerical, que se acirrava cada vez mais.¹⁵⁵ *Pallium* destaca-se pelo rico tratamento gráfico, onde texto, ornamentos e fundo da página fazem parte da apresentação; a revista foi produzida pela Livraria Econômica de Aníbal Rocha.¹⁵⁶

Outra revista de divulgação do Simbolismo que aparece no período pós-*Cenáculo* é *O Sapo*, capitaneada por Leocádio Correia, um jovem que seguia os passos de seu primo mais velho, Leôncio. Os dois primos, sobrinhos do Barão do Serro Azul, por quem foram criados, atuaram intensamente na promoção dos aspirantes paranaenses às letras.¹⁵⁷ Como nota a socióloga Maria Tarcisa Bega, em *O Sapo*, uma revista literária e humorística, a temática do Simbolismo, representada na apresentação da revista por Emiliano Pernetta, da *Arte pela Arte*, precisa conviver com

¹⁵³ DICIONÁRIO...*op. cit.*, p. 462.

¹⁵⁴ Idem, p. 463.

¹⁵⁵ BEGA, *Sonho e Invenção... op. cit.*, pp. 301-302.

¹⁵⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁵⁷ BEGA, *op. cit.*, p. 364 e ss.

novos autores para os quais esta já não é mais uma profissão de fé, mas antes uma técnica a ser aplicada.¹⁵⁸

As últimas experiências da geração simbolista na década e no século que findam nascem das revistas *Breviário* e *Turris Eburnea*, ambas de 1900. *Breviário*, fundada por Romário Martins e Alfredo Coelho, dedica-se a homenagens e textos de autores já consagrados do movimento, tanto locais como de outras partes do Brasil. *Turris Eburnea* nasce da fusão de *Breviário* com a *Pallium*, criando a "Ordem da Turris Eburnea" formada por cavaleiros dispostos a adentrar o século XX na defesa da libertação do homem do espírito do século XIX, "arena assombrosa onde as dúvidas e todas as crenças se têm digladiado"¹⁵⁹

É interessante notar que, em menos de cinco anos, sob a liderança de Dario Vellozo, estabeleceu-se um movimento literário no Paraná, com uma história, veículos de divulgação e crítica de sustentação. Mais ainda, por intermináveis que sejam as juras e declarações desses literatos em relação ao ideal da *Arte pela Arte*, das *Torres de Marfim* e do *Sonho Ideal*, é certo que estavam cientes do cenário cultural mais amplo do qual faziam parte:

Filiaram-se, sim, a tal tendência, e pensaram como "nefelibatas", mas agiram como personalidades que dominavam o "sentido do jogo", quer no campo literário estrito, quer no campo cultural de maneira geral.(...) Quando a frente era literária, produziram obras de alta espiritualidade e sugestão. Quando sua condição de livres-pensadores era ameaçada, exercitaram a escrita de militância, em prosa ou em verso, nas pequenas revistas, em sociedades secretas e outras nem tanto, como as redações dos jornais da época. Ocuparam cadeiras da Assembléia Legislativa, postos de direção no executivo, dominaram o cenário educacional, como professores do Ginásio Paranaense e da Escola Normal...¹⁶⁰

Esse esforço vai culminar na maior festa cívica do Brasil até então vista, as comemorações do 4º Centenário do Descobrimento, quando entrecruzam-se todas as configurações desse grupo intelectual de Curitiba,

¹⁵⁸ Idem, ibidem.

¹⁵⁹ CAROLLO, *op. cit.*, p. 254.

¹⁶⁰ BEGA, *op. cit.*, p. 365.

unidas em torno da criação de uma nova identidade para o Estado, movimento iniciado não somente por Romário Martins através do estudo da história local, mas também decorrente da visão de Dario Vellozo em dotar o Paraná de uma vida literária, e de sua luta, juntamente com outros de sua geração, para divulgar essa produção paranaense.

3. As Comemorações do 4º Centenário

Curitiba comemorou entusiasticamente o 4º centenário do Descobrimento do Brasil, em 3 de maio de 1900. Nos dois diários de maior circulação na capital paranaense, o *Diário da Tarde* e *A República*, grandes elogios foram prestados a Cabral, por personalidades políticas e literárias como Ermelino Agostinho de Leão ou então Reinaldo Machado, que escreveu no *Diário*:

O commando d'aquellas náus errantes, á mercê dos ventos e das correntes, fora confiado ao grande capitão luzitano, Pedro A. Cabral, guerreiro audaz, de tempera rija de aço, aventureiro sem temor, affeito a todos os perigos, vencendo-os com a coragem máscula de um espírito predestinado.¹⁶¹

A crença no progresso inequívoco, representado pela locomotiva, no domínio do homem sobre a natureza que o cerca e na vitória inexorável de um povo brasileiro definido pelas três raças "primitivas" de von Martius são a tônica dos discursos:

A locomotiva corta as florestas, fura as montanhas e vòa pelos campos em flôr; e os vapores singram os mares e os rios. As mattas cahem ao fio aguçado das machadadas e em seu logar brotam a messe doirada cheia de esperanças. Procura-se nas entranhas da terra, os mineraes, e as pedras preciosas. Gente de todas as nações aqui vem encontrar o El-doirado da vida, sobre a égide da liberdade e do trabalho. Quatro séculos bem aproveitados. Si ainda não possuimos o progresso material de outras nações do novo continente, em compensação em nossa querida pátria a evolução tem-se feito mais logicamente, e, sem grandes abalos, nas artes, nas sciencias, nas lettras, na política, - e nos costumes.

E a raça brasileira ethnographically vae se dephinindo pelo cruzamento das raças primitivas, trazendo pela herança, a intelligencia, a actividade do europeu, os sentimentos affectivos dos povos africanos e a bravura indomável, a argueira dos aborígenes, raça futura que vencerá, por certo, pelo cérebro e pelo coração.¹⁶²

O mês de maio foi também um mês de publicações importantes e mesmo surpresas, como vemos n'*A Republica*:

Romário Martins, o talentoso auto da História do Paraná, publicou um folheto, cheio de altos conceitos patrióticos. Foi uma bella

¹⁶¹ *Diário da Tarde*, Curitiba, 3 de maio de 1900, p. 3.

¹⁶² Idem, ibidem.

surpresa o aparecimento deste folheto, que não tinha sido anunciado.¹⁶³

Também no *Diário* temos a celebração de heróis da história recente do Estado. O Marechal José Bernardino Bormann, herói da Guerra do Paraguai e da Revolução Federalista, com recente passagem pela Presidência do Estado, e já autor da *História da Guerra do Paraguai*, tem publicado nas páginas do vespertino curitibano excertos de seu mais novo trabalho, *Dias Fratricidas*, memórias sobre sua participação no conflito entre pica-paus e maragatos.

Dentro ainda das comemorações do Descobrimento, examinaremos duas obras que analisam o cenário paranaense no último ano do século XIX. O paranaense José Francisco da Rocha Pombo, do Rio de Janeiro, lança seu livro *O Paraná no Centenário*, um livro "escrito determinadamente para figurar nas festas do Centenário como se fosse uma nota, espontânea e singela, com que o Paraná quisesse entrar no grande concerto de 1900"¹⁶⁴. A obra, porém, não é muito bem recebida pela imprensa paranaense, principalmente pelo *Diário da Tarde*, que no final daquele mês publica uma impiedosa crítica da obra. Da capital curitibana, o grupo liderado intelectualmente por Romário Martins e Dario Vellozo prepara uma obra de caráter semelhante a de Rocha Pombo, porém escrita por diversos colaboradores, convidados por Dario. Mesmo assim, esta segunda obra é mais coesa quando se a analisa do ponto de vista da construção de uma identidade paranaense, comprometida com a nova ordem republicana instalada desde a década de 1890.

Rocha Pombo, uma espécie de "patrono" da geração simbolista da década de 1890, foi um ativo – ainda que controvertido – professor, literato, jornalista e historiador, que desde a década de 1880 atuava na política, no jornalismo e na literatura paranaenses. Pertence à geração

¹⁶³A República, 09/05/1900, p. 1. O folheto em questão é a *Psicologia das Placas*, primeiro volume da coleção *Biblioteca da Impressora*, uma iniciativa de Leôncio Correia. Neste trabalho, Romário defendia o uso de nomes de pessoas relevantes na história do Estado para dar nome às ruas da cidade, argumentando pela modernização dos nomes ainda da época do Império para os novos símbolos e heróis da nova República e do novo Estado do Paraná.

anterior aos simbolistas (juntamente com J. Morais, Joaquim Serapião, Gabriel Pereira, Antônio Macedo e Albino Silva), marcadamente romântica na sua produção.

Sua atuação como deputado, nos anos de 1886 e 1887, rendeu-lhe várias críticas, a começar pela sua eleição pelo Partido Conservador, quando militava no Partido Republicano, que fazia oposição ao próprio regime imperial. Dirigiu, em 1886, o jornal *Gazeta Paranaense* (órgão do Partido Conservador) e, em 1887, funda e dirige o jornal *Diário Popular*, que teve curta duração mas marcou época pois promoveu debates literários que influenciaram a geração simbolista-parnasiana posterior. Já na década de 90, aproxima-se, como mencionamos, do grupo liderado por Dario Vellozo, tendo publicado artigos tanto na *Revista do Club* quanto, mais tarde, no *Cenáculo*. Em 1892, deve-se mencionar sua tentativa de fundar um centro de estudos superiores no Estado, frustrada por falta de apoio dos políticos paranaenses, mesmo após ter conseguido a doação de um terreno e um pequeno empréstimo inicial.

Após a Revolução Federalista, atingido pessoalmente pela morte do Barão do Serro Azul, isola-se primeiramente em Paranaguá para depois, com a ajuda de Romário Martins e Nestor Victor, mudar-se com a família para o Rio de Janeiro, onde passa a se dedicar tanto à história quanto à literatura – em 1897, lança *Para a História*, uma crítica sobre os acontecimentos da Revolução no Paraná; publica em 1899 uma *História da América*, e em 1900, *O Paraná no Centenário*, mencionado acima.¹⁶⁵ Ligado ao grupo dos simbolistas e anarquistas do Rio de Janeiro, Rocha Pombo pretende continuar sendo um divulgador das coisas paranaenses, e mantém em comum com a geração que "apadrinhou" a incorporação do espírito do "homem de ação", isto é, o cidadão que atua para dirigir e transformar a sociedade.

A "geração de 90" curitibana, por outro lado, está reunida no Clube

¹⁶⁴ POMBO, *O Paraná...op. cit.*, p. 3.

¹⁶⁵ QUELUZ, *Rocha Pombo...op. cit.*, pp. 15-28; DICIONÁRIO..., pp. 376-380.

Curitiba, que preparara várias comemorações para aquela data¹⁶⁶. Dessa maneira, a *Revista do Club Coritibano*, por iniciativa de seu diretor literário, Dario Vellozo, publicou em maio de 1900 uma edição especial, comemorativa, em alusão ao quadricentenário do descobrimento do Brasil, patrioticamente intitulada *O Paraná no 4º. Centenário*. Além do abnegado trabalho de contribuição para as comemorações da data nacional, porém, a revista pretende ser um pequeno balanço da situação do Paraná da época e de outrora, contado ainda com prognósticos sobre o papel que o estado viria representar no cenário nacional, consideradas todas as virtudes que a terra das araucárias oferecia. Dario convidou mais dezesseis *homens de ação*, na acepção de Sevcenko – desde poetas até médicos e engenheiros – para darem suas "humilde contribuições", nas palavras de um dos autores, dentro de seus campos de atuação.

Os escolhidos de Dario Vellozo para a importante missão, e seus respectivos textos, foram :

I	Descobrimientos Marítimos. O Brazil	Dario Vellozo
II	O Paraná Geographico	Dr. Sebastião Paraná
III	Paleoethonologia do Paraná	Dr. José Franco Grillo
IV	O Paraná Histórico	Dr. Ermelino de Leão
V	Lendas e Tradições	Júlio Pernetta
VI	A Poesia Popular Paranaense	Nestor de Castro
VII	A Engenharia	Dr. Cândido F. de Abreo
VIII	Estructura geologica e mineraes do Paraná	Luís D. Cleve
IX	Riquezas extractivas. Industrias	Dr. Manoel F. Ferreira Correia
X	Lavoura. Productos Vegetais	Dr. Victor Ferreira do Amaral
XI	Comércio	Lucio Pereira
XII	Colonização	Dr. C. Vanzolini
XIII	Imprensa e instrucção pública	Leoncio Correia
XIV	Bellas-Artes	Silveira Netto
XV	Litteratura	Emiliano Pernetta

¹⁶⁶ O programa festivo, que consta na própria revista, era o seguinte: No dia 02, às 20:30, seria encenado no Teatro Hauer um "espetáculo dramático", um "patriótico drama em 4 atos", de autoria de Ubaldino do Amaral e Cândido Barata. Logo após a meia-noite, após a execução do Hino Nacional, a *Revista do Club* alusiva às comemorações seria distribuída aos seus colaboradores. No dia 3, às 11 da manhã, programou-se o lançamento oficial da *Revista*, com o lucro excedente sendo destinado ao Hospital de Misericórdia da capital. Às 12:30, os sócios saíram em passeata com destino à Praça Carlos Gomes, onde programara-se o encontro das várias agremiações para uma passeata cívica, à uma da tarde (que foi adiada para uma outra data devido à chuva, segundo constatamos). Às 20:30 desse dia, uma sessão solene estava programada, quando seriam pronunciados vários discursos patrióticos. Às 22:00, os festejos terminariam em um sarau dançante.

XVI	Organização pública e organização judiciária	Dr. Azevedo Macedo
XVII	Instituições Pias, Clubs, etc.	Brazilio Costa

O leitor mais familiarizado com a historiografia paranaense deve ter notado a ausência do tradicional historiador Romário Martins nessa seleção. Entretanto, não apenas ele marcou presença na *Redação da Revista*, junto com Júlio e Emiliano, como também não podemos esquecer que trabalhava "em segredo" no panfleto *Psicologia das Placas*, lançado na semana das comemorações do descobrimento, assim como na obra *O Paraná Antigo e Moderno*, também escrita em comemoração ao Descobrimento, em que analisa a terra, o meio e os males da imigração alemã no Paraná.

De qualquer maneira, uma rápida olhada na lista acima permite identificar o grupo que, conforme mencionamos, vinha formando-se em torno da *Revista*, sob a liderança de Dario Vellozo, como diretor literário; a partir deste grupo, temos outros cujo envolvimento deu-se através da Revolução Federalista, como Domingos do Nascimento, Major Mário Tourinho, Capitão José C. Muricy, General José B. Bormann; da imigração italiana – Camilo Vanzolini era da própria colônia italiana, tendo liderado o comitê das comemorações do centenário destes imigrantes; José Grillo tinha relações pessoais e de trabalho com os habitantes da Colônia Cecília; o pai de Silveira Netto era imigrante italiano e líder operário; e ainda aqueles mais diretamente ligados à indústria da erva-mate, como o médico Vítor F. do Amaral e, certamente, Ermelino A. de Leão.

Uma pesquisa no *Dicionário Bibliográfico do Paraná*, de Júlio Moreira, indicou que grande parte desses autores já possuíam pelo menos uma obra publicada (dos 23 aqui referenciados, 18 já eram "autores") até 1900. Surpreendeu também a variedade de temas: Victor Ferreira do Amaral publicara, em 1884, uma tese médica intitulada *Influencia da prenhez sobre as mollestias pulmonares*; Sebastião Paraná lançara, em 1899, sua *Chorographia do Parana*; Camilo Vanzolini, uma curiosa *Crítica da classificação genealógica dos vegetais*, em 1894; Romário Martins possuía obras versando sobre temas variados, como *O socialismo* – de

1894 – livros de poesia e prosa, além, é claro, da *História do Paraná*, de 1899. A lista é extensa, e perpassa muitos campos do conhecimento, demonstrando o quanto esses intelectuais do *fin-de-siècle* poderiam ser ecléticos: Victor F. do Amaral, após a tese acima mencionada, publicaria somente artigos sobre a cultura da erva-mate – o que ilustra bem esse ponto.

Note-se também a presença de alguns importantes políticos nesse grupo, como Manoel Francisco Ferreira Correia e Ermelino Agostinho Leão, também bacharéis em Direito; o engenheiro e Diretor de Obras Públicas do Estado, Cândido de Abreu, também futuro prefeito de Curitiba; Leôncio Correia, sobrinho de Manuel e Ildefonso Correia, um dos maiores financiadores desse grupo juntamente com seu primo Leocádio, que passara à direção da Impressora Paranaense em 1899.¹⁶⁷

Enfim, um mês de festejos para o Estado por parte da ativa intelectualidade paranaense. Entre outros exemplos dessa celebração do regional através da festa nacional, a revista *Sapo* publica uma edição especial com as grandes figuras do cenário literário paranaense, denominado "Autores Paranaenses, Paraná Literário", levando sua intenção ao pé da letra: não inclui entre os homenageados Dario Vellozo, pois este era nascido no Rio de Janeiro. Ausência notável, não apenas por ter ele passado quase toda sua vida na capital paranaense, mas também por ser justamente a figura mais ativa da fecunda geração simbolista paranaense.¹⁶⁸

Examinaremos, portanto, a obra de Rocha Pombo e a edição especial da *Revista do Club*, com o intuito de perceber como as várias experiências da década que findava – como o advento do republicanismo e as várias batalhas travadas, tanto as literais quanto as intelectuais, ao redor desse tema, as novas formas de literatura, em especial o simbolismo, o surgimento de uma nova "elite" política e intelectual, convergiram para a

¹⁶⁷ BEGA, *Sonho e Invenção... op. cit.*, pp. 350-367.

¹⁶⁸ Cassiana Lacerda Carollo, no *Dicionário Histórico-Biográfico do Estado do Paraná*, explica ainda que "O *Sapo* expressa a inquietação dos chamados 'novos' liderados por Euclides Bandeira", o que também explicaria a ausência de Dario, assim como a de Silveira Netto, na elaboração ou colaboração da revista.

construção de uma identidade paranaense gestada justamente nesse período, por esses novos nomes que surgiram no cenário local. Além disso, pretende-se evidenciar a maturidade desse grupo de jovens que toma para si a tarefa de construção de um imaginário próprio para corroborar essa nova identidade, utilizando-se da literatura, da história e da ciência.

3.1. As Letras no Paraná

Em 1900, dois textos pretendem fazer exatamente o que pedira Dario Vellozo, que, em 1896, reclamara uma história literária para o Paraná. O primeiro é um apanhado feito por Emiliano Pernetta (nesse caso, a pedido mesmo de Dario Vellozo, como veremos mais adiante) para figurar no número especial da Revista do Club Coritibano, de maio de 1900, comemorativo dos 400 anos de descobrimento do Brasil. Da capital federal, José Francisco da Rocha Pombo teve idéia semelhante, pois seu livro *O Paraná no Centenário* foi também pensado para tomar parte das celebrações do Descobrimento. Seu depoimento é de muito interesse, pois mostra além de tudo a franqueza e o ardor com que os assuntos paranaenses eram tratados na imprensa da época. Ainda, o texto de Emiliano - escrito como que uma carta para um amigo – confronta com o estilo paternalista de Rocha Pombo, que chegou mesmo a causar algumas reações não muito favoráveis por parte da imprensa paranaense, ainda no fim daquele mesmo mês de maio.

3.1.1. Rocha Pombo e a geração do Instituto Paranaense

Morando no Rio de Janeiro, o intelectual paranaense lá promoveu uma solenidade para o lançamento de seu livro, devidamente divulgada na imprensa:

Rocha Pombo lançou seu livro em sessão solene do Centro Paranaense de Letras (...), 400 volumes foram distribuídos.¹⁶⁹

Rocha Pombo planejara ainda uma grande promoção do mais importante produto industrial do estado, o mate:

o abastado e patriótico industrial de Curityba, o Sr. Agostinho Ermelino de Leão Jr., atendendo a um pedido seu enviou 500 pacotes de erva mate superior, para serem distribuídos nesta solenidade.¹⁷⁰

O livro *O Paraná no Centenário* foi escrito com a intenção de figurar entre as comemorações do Descobrimento, uma pequena contribuição que, o autor esperava, pudesse ter sido copiada pelos outros estados, para então fazer-se "a síntese grandiosa da vida nacional, e aí teríamos viva, palpitante, sublimada, a nossa epopéia de povo americano em quatro séculos de esforço e trabalho".¹⁷¹

Para Rocha Pombo, a literatura, assim como todas as outras coisas no Estado, começou a desenvolver-se verdadeiramente após 1870, mais especificamente após o término da construção da Estrada da Graciosa, em 1873. Cita como predecessores do movimento de 1880 J. Moraes, Joaquim Serapião, Luís França, Gabriel Pereira, Antônio Macedo e Albino Silva, sem entretanto mencionar uma obra sequer que estes autores teriam publicado.¹⁷² Em seguida, cita as pessoas que trabalhavam na imprensa, já na década de 1880: Eufrásio Correia, Almeida Faria Sobrinho, Manoel Negrão, João José Pedrosa, Generoso Marques dos Santos, Emygidio Westphalen – nomes, como também nota Rocha Pombo, ligados à política, antes de tudo. Outros jornalistas completam essa fase que se encerra em 1885: Fernando M. Simas, João e José Corrêa de Freitas, Lúcio Pereira, Manoel Marinho, Maia Júnior, e ainda Leocádio Correia, em Paranaguá.¹⁷³

¹⁶⁹ Diário da Tarde, 13/05/1900, p. 2. Este Centro fora criado por paranaenses que moravam no Rio, como Nestor Victor e Leôncio Correia, para ajudar outros conterrâneos que foram se estabelecer na capital; entre eles, Rocha Pombo é o mais notório.

¹⁷⁰ Idem, ibidem.

¹⁷¹ POMBO, *O Paraná...op. cit.*, p. 8.

¹⁷² Idem, p. 128.

¹⁷³ Idem, pp. 129-130.

A terceira e última fase da literatura do Paraná é "feita por um grupo de rapazes estudantes do Instituto Paranaense", nos dizeres do autor. Os primeiros expoentes dessa fase seriam Leôncio Correia e Emiliano Pernetta, que, contudo, não teriam se desenvolvido completamente como escritores. Sobre o primeiro, Rocha Pombo admite que aquele teria condições de tornar-se um verdadeiro poeta, mas comenta que, talvez por terem-no elogiado demais quando ainda era muito jovem, comparando-o a Castro Alves, "aconteceu, portanto, o que seria fácil prever: um belo cérebro não se fez bela cerebração; um moço inteligentíssimo não se fez um verdadeiro espírito, porque não se completou."¹⁷⁴

Depois, Emiliano Pernetta. "Desde cedo, revelou-se um intelectual de raça" diz Rocha Pombo. Porém, continua, "a vida agitada [leia-se, boemia] de Emiliano tem-lhe impedido dar-nos tudo quanto do seu talento tínhamos o direito de esperar." Mas para ambos os moços, o historiador paranaense reserva, ao final, um elogio: são os grandes nomes que brilham na literatura paranaense.¹⁷⁵

Por fim, o resto da turma: "com Emiliano ali convivem Dario Vellozo, Nestor de Castro, Silveira Netto, Julio Pernetta, Jayme Ballão, Romário Martins, Ricardo Lemos, outros". Passa então a descrevê-los: Dario Vellozo "é um espírito grave e profundo" em quem tem "uma fé sem limites no futuro desse belíssimo espírito"; Nestor de Castro "é um verdadeiro intelectual"; Silveira Netto, "um espírito que promete muito"; Júlio Pernetta "trabalha como um fanático [e] parece que já publicou dois livros." Romário Martins "está se fazendo".¹⁷⁶

Assim como a imprensa local noticiara o lançamento do livro, no início do mês, ela parte para um exame mais minucioso da obra do historiador paranaense. Entre os dias 27 e 29 ainda do mês de maio, o *Diário da Tarde* publicou uma resenha do livro, apontando tanto suas falhas quanto suas virtudes. A impressão geral, entretanto, não foi a das melhores, causada principalmente pela terceira parte do livro, que falava

¹⁷⁴ Idem, p. 131.

¹⁷⁵ Idem, ibidem.

¹⁷⁶ Idem, p. 132.

do Paraná atual:

Veremos, pois, no artigo subsequente como esse renascimento se operou, segundo o auctor do Paraná no Centenário e como o mesmo apresenta aos Brasileiros o Paraná actual. Desde já, porém, devemos dizer que essa parte do livro foi para nós – uma verdadeira decepção.¹⁷⁷

A forma descuidada e complacente de Rocha Pombo em relatar o progresso material e intelectual da cidade irrita os jornalistas. Não há referências suficientes sobre a erva-mate e a madeira, principais indústrias do Paraná. Da mesma forma, Rocha Pombo afirma existir na capital poucas instituições privadas de ensino, ao passo que o jornal diz haver 17!

A maior mágoa, no entanto, é em relação à forma como retratou a imprensa e dos escritores da cidade:

Onde o Sr. Pombo mostra-se positivamente inepto é na apreciação de nossa imprensa e dos nossos homens de letras.

Essa falta não lhe perdoamos; porque de tudo o nosso patricio tem o direito de tratar pela rana, menos a imprensa, que foi a escola onde se formou.

Della diz simplesmente: – publicam-se presentemente na capital paranaense oito jornaes, sendo quattro diariamente. Não cita os nomes, as idades e os serviços, a orientação de cada um, o que aliás fez com relação a imprensa de outros tempos; não diz a verdade quando afirma que existem oito jornaes nesta capital; porque nós conhecemos 17 jornaes e revistas que publicam-se presentemente aqui

(...)

Os nossos hommens de letras são, permitta-se a franqueza, tratado com desdém. "Este *parece* que já publicou livros, aquelle *promette* muito, E. Pernetta e Santa Ritta são dous *improductivos*, Silveira Netto aproveitou muito no Rio, outros estão *se fazendo*.

Para o distincto paranense os hommens de letras, seus patricios, são ainda os impúberes estreiantes de 1888, do tempo em que seu Diário Popular ditava leis em Arte.¹⁷⁸

O tom inflamado do *Diário* traduz um sentimento de auto-afirmação desta geração de jovens cidadãos paranaenses – e depois, *paranistas* – engajados em promover o Estado como uma promessa segura de

¹⁷⁷ Diário da Tarde, 28/05/1900, p. 2.

¹⁷⁸ Diário da Tarde, 29/05/1900, p. 2. (grifos no original)

desenvolvimento e, portanto, de investimento. Podemos sugerir, a partir do comentário acima, que a nova geração de escritores da capital – a geração do Instituto Paranaense, como a chamara Rocha Pombo – já consolidava sua posição de elite pensante na cidade, e, ainda mais, mostrava ser capaz de fazer sua própria "crítica de sustenção", independentemente da aquiescência dos grupos da capital federal. Ainda assim, isso não significa que tenham rompido com Nestor Vitor ou o próprio Rocha Pombo, longe disso; o que se quer demonstrar é a crescente influência que tiveram os intelectuais que participaram desse movimento de criação de uma identidade regional, chegando mesmo a contestar os seus próprios mestres, como certamente foi o caso com Rocha Pombo.

Um bom exemplo disso é o número especial da Revista do Club Curitibano, também de maio de 1900, que, sob o título *O Paraná no 4º Centenário*, agrupou justamente essa geração que se consolidara durante a década, comandada por Dario Vellozo, Romário Martins, Emiliano e Júlio Pernetta.

O que nos interessa nessa obra é tanto o seu tema – as comemorações dos 400 anos de descobrimento do Brasil, que se revela mais um estudo sobre o Paraná, sua história e perspectivas quanto à sua inserção no pacto federativo – quanto seus autores. Quanto a estes últimos, dos 17 autores que publicaram os textos editados, 10 serão sócios-fundadores e quase todos os outros, sócios correspondentes, do grupo que, liderado pelo jovem historiador Romário Martins, uniria-se para fundar o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGP). Dessa forma, confirma-se que o grupo reunido em torno da revista não só possuía afinidades literárias (como as ligações com o movimento simbolista, liderado por Dario Vellozo) como também possuíam a força política suficiente para pretenderem fundar uma nova história para um estado criado havia menos de cinquenta anos.

3.1.2. A Revista e "a arte escripta" no Paraná

"Sejamos francos. Onde vive um grupo d'artistas mais distintos, e cuja tortura, de toda hora, é apenas febre de Perfeição?"¹⁷⁹

Emiliano Pernetta, um dos mais ativos poetas paranaenses do grupo simbolista, destacado por Dario Vellozo para fazer a apresentação da história literária do Estado, logo de início busca destacar a "geração de 90" não só de seus predecessores locais mais também à nível nacional. À pergunta acima, a resposta de Emiliano:

No Ceará, por exemplo? Mas a *Padaria Espiritual* que tanto deo de falar de si pela tuba do reclame, tem o requinte d'arte do Cenaculo? Os seos representates mais eminentes passaram do naturalismo d'Eça de Queiroz ou do *bric-a-brac* do B. Lopes?

No Rio de Janeiro? Mas essa é a capital para onde todos correm. E ahi mesmo entre os mais finos, dominadores da prosa e do verso, não poderá ocupar um lugar de honra Dario Vellozo, Leôncio Correia, Júlio Pernetta?¹⁸⁰

Conclui, novamente perguntando:

Surge-nos, porem, esta pergunta: o amor pelas letras constituiu sempre no Paraná um objectivo precioso que a mocidade disputasse com o ardor d'hoje?

Não; e pelo motivo mais natural do mundo: o Paraná é de hontem. É de hontem a sua historia, é de hontem a sua civilização.¹⁸¹

Estabelecido o início da história literária do Paraná, com a fundação do Estado, Emiliano segue o caminho indicado por Dario Vellozo na *Revista*, anos antes, atribuindo a estréia paranaense nas letras aos poetas Fernando Amaro e Júlia da Costa, tributários do "lirismo lamartineano" de Casimiro de Abreu.¹⁸²

Já na década de 1880, Emiliano cita alguns de seus predecessores: Dias da Rocha Filho e Domingos Nascimento, ambos parnasianos, são os

¹⁷⁹ PERNETTA, E. "Litteratura". in *Revista do Club Coritibano*, 11(5): 122. 03 mai. 1900.

¹⁸⁰ Idem, ibidem.

¹⁸¹ Idem, p. 123.

¹⁸² O crítico Antônio Cândido identifica no lirismo de Casimiro de Abreu – "o maior poeta dos modos menores" – "pura expressão da sensibilidade, desligada de qualquer pretensão mais afoita". Um dos temas mais fortes em Casimiro de Abreu seria a natureza "amaciada", "de pomar, onde se caça passarinho". Outro tema foi o "amor sonso" camisiriano, responsável pelo sucesso que alcançou entre o público feminino. CÂNDIDO, A. *Formação... op. cit.*, p. 194 e ss.

expoentes do início desse período. No final da década, apareceriam ele, Emiliano, juntamente com Leôncio Correia, Nestor Victor e Emilio de Menezes:

Ahi vive quasi toda a batalhar pela perfeição máxima, em campos oppostos, hoje, esthetas, parnasianos, mysticos, cada um no logar determinado fatalmente pelos seos instinctos, com uma febre, um ardor!¹⁸³

Outros que apareceram nesta época, segundo o autor de *Músicas*: Nestor de Castro, Jayme Ballão, José de Santa Ritta, Manoel Pernetta, Lycio de Carvalho, Alfredo Coelho, Azevedo Macedo e Luiz Mariano.¹⁸⁴

Enfim, chega ao grupo do Cenáculo. Destaca a produção dos fundadores na Revista: *Alma Penitente*, de Dario; *Luar de Hynverno*, de Silveira Netto; os textos de seu irmão Júlio, depois organizados no livro *Bronzes*; e ainda os sonetos de Antônio Braga e a produção de Jean Itiberê. Emiliano confirma o alto status alcançado pelo grupo:

O grupo do Cenáculo marcou a epocha mais luminosa e principalmente mais productiva da Litteratura do Paraná. Creou a sua bibliotheca á parte e tem a coragem de expôr deante deste Paiz que não lê magnificencias de esotérismo que fariam honra á bibliotheca dos Magos, dos Esthetas e dos Intellectuaes de Pariz.¹⁸⁵

Destaca, ainda, o "talentoso auctor da *História do Paraná*", Romário Martins, e a geração dos "novos" que se formava nas revistas *Sapo* e *Azul*, entre os quais Euclides Bandeira, Antônio de Santa Ritta, Evaristo Pernetta e Leocádio Correia.¹⁸⁶ Assim, Emiliano faz um tributo aos autores comprometidos com o grupo intelectual que se formava em Curitiba, identificando-os com o maior movimento literário do Brasil fora da capital federal. Ao contrário de Rocha Pombo, a ligação de Dario e Emiliano é clara, explicitada ainda mais pela forma do texto: escrito em forma epistolar, tem-se a sensação de dois amigos que conversam sobre experiências em comum, coisa que não ocorre na obra do historiador

¹⁸³ PERNETTA, *op. cit.*, p. 123.

¹⁸⁴ Idem, *ibidem*.

¹⁸⁵ Idem, *ibidem*.

¹⁸⁶ Idem, p. 125.

morretense.

Outra indicação desse compromisso com o presente é o apanhado que faz Leôncio Correia sobre a imprensa e a instrução no Paraná. Observando também a curta existência do Estado, destaca também o caráter efêmero da maioria das publicações. Ao referir-se sobre a experiência com o jornal, para Leôncio o público paranaense "só agora começa a sentir os influxos dessa explosão continua do pensamento humano". Destaca Justiniano de Mello e Silva, jornalista e professor de Língua Portuguesa dos jovens que passaram pelo Ginásio Paranaense na década de 1880. Leôncio faz também o tributo de sua geração ao Rocha Pombo da época do *Diário Popular*, "que por tantas vezes abalançou-se a fundar jornaes, crente de que aos olhos do povo indiferente desfraldava bandeiras de regeneração espiritual"¹⁸⁷, mas, coerente com sua observação anterior, coloca a maior importância no jornalismo do seu próprio tempo, "digno da missão que lhe está traçada no seio das sociedades modernas".¹⁸⁸

Leôncio Correia também expressa, por fim, a inquietação do grupo em relação à instrução escolar, da qual tentavam livrar toda influência religiosa. "Houve uma epocha", diz, "na qual a instrução foi guerreada como uma calamidade social, e em que as almas timoratas se abrigaram no castello das Trevas", em alusão direta à imagem da igreja construída pelos anticlericais curitibanos. Superado esse período da vida política do Estado, era hora de

trabalhar pela instrucção popular applicando ao nosso meio todos os admiráveis methodos do ensino moderno, e com um tal affinco, com uma tal serenidade de animo e um tão fecundo despende de energias...¹⁸⁹

Silveira Netto, ao fazer a apresentação das Belas Artes no Estado, destaca que o Governo Estadual investia no espírito artístico paranaense, inclusive através do apoio financeiro a alguns nomes que começavam a se

¹⁸⁷ CORREIA, Leôncio. "A Imprensa e a Instrução Pública". In *Revista do Club... op. cit.*, p. 114.

¹⁸⁸ Idem, ibidem.

¹⁸⁹ Idem, p. 115.

destacar.¹⁹⁰ Um dos beneficiários desse incentivo era o jovem João Zaco Paraná, que duas décadas mais tarde foi o responsável por um dos mais importantes monumentos do Movimento Paranista, a estátua do *Semeador*, encomendada para os festejos do Centenário da Independência do Brasil.¹⁹¹

Como vimos, a educação teria um importante papel na criação da identidade paranaense comprometida com a nova ordem política e econômica do Estado. Através não somente do conhecimento da literatura, mas da história do seu povo, contada de forma a destacar e legitimizar as transformações ocorridas desde a criação do Estado em 1853.

3.2. Novo presente, novo passado: ciência, história e as tradições "inventadas"

O historiador paranaense Luís F. Pereira bem definiu a posição que o Paraná ocupava na historiografia tradicional do XIX: "era caracterizado (...) como um histórico local de passagem, o que o colocava em uma posição de tensionamento entre a sua fidelidade ao governo central (...) e uma aproximação com os sulistas."¹⁹² Última província a ser criada no Império, após um acordo no qual os paranaenses comprometeram-se a não aliar-se aos farroupilhos, impedindo assim o avanço do movimento revolucionário rumo à capital do Império, o estado carecia de investimentos econômicos e de infra-estrutura, e sua indústria dependia da extração de madeira e do plantio da erva-mate, situação constatada por Victor Ferreira do Amaral, em seu texto publicado na *Revista*: "nosso mal tem sido abandonar-se quasi tudo para so se occupar do matte; nosso mal tem sido a monocultura, isto é, o cultivo de um producto so – o matte, quando o ideal é a polycultura, que só ella, pelo aproveitamento de nossas terras,

¹⁹⁰ NETTO, Silveira. "Bellas-Artes". In: *Revista do Club...* op. cit., p. 120.

¹⁹¹ PEREIRA, op. cit., p. 159 e ss.

¹⁹² Idem, p. 12.

pode trazer a nossa prosperidade."¹⁹³

Se na economia os paranaenses ocupavam-se com um só produto, no campo das idéias a "policultura" estava na ordem do dia. Como procuramos mostrar a seguir, as fontes de inspiração desses intelectuais eram as mais diversas, refletindo, de certa maneira, a própria experiência de cosmopolitização da capital na virada do século. A unidade dos textos, contudo, é bastante evidente: todos buscam construir uma identidade para o Paraná, inventando tradições e buscando o *ponto zero* da sociedade, para utilizar as expressões de Eric Hobsbawn.¹⁹⁴

Uma primeira grande influência são as obras positivistas de Auguste Comte, que já eram admiradas e comentadas desde as discussões que circundaram o advento da República, no Brasil.¹⁹⁵ É Dario Vellozo quem aparece como uma figura representativa desse pensamento no Paraná¹⁹⁶, ainda que não seguisse religiosamente os preceitos do Apostolado Positivista do Brasil, fundado por Miguel Lemos e Teixeira Mendes, em 1881. Este caracterizava-se por ser bastante ortodoxo no que diz respeito ao modo de vida que o seguidor dos ensinamentos positivistas deveria levar: não ocupar cargo público ou em instituição de ensino, não pertencer à instituições científicas ou de pesquisa e ainda mesmo havia a proibição de escrever para jornais; ao adepto ainda era interdito fumar e beber café.¹⁹⁷

Certamente é possível imaginar que Dario Vellozo não passasse de um ilustre desconhecido caso houvesse escolhido a ocupação de doutrinário positivista, mas mesmo sua posição mais moderada em relação à doutrina de Comte permite identificar algumas figuras centrais do

¹⁹³ AMARAL, V. F. "Lavoura. Productos Vegetaes" in: *Revista do Club... op. cit.*, p. 97.

¹⁹⁴ cf. também PEREIRA, L. F. L. que utiliza esses mesmo conceitos para trabalhar os mitos criados pelo Paranismo nas primeiras décadas do século XX, quando os "jovens do Ginásio Paranaense" eram agora os jornalistas, escritores, políticos e bacharéis que dominavam o cenário paranaense.

¹⁹⁵ Ver, por exemplo, CARVALHO, J. M. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990; ver também, PEREIRA, L.F.L, *Paranismo...op. cit.*

¹⁹⁶ LINS, I. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1967, p. 215.

¹⁹⁷ Idem, p. 416-422.

pensamento comtista, principalmente em relação aos sentimentos que guiavam o homem na construção da nação. Assim, o amor, a liberdade, a ordem e o progresso, agrupados sob a Família, formariam a Pátria sonhada por Vellozo.¹⁹⁸

Uma das grandes vitórias para os positivistas foi a desvinculação, advinda com a República, entre Igreja e Estado. Além disso, os maçons curitibanos – como Dario Vellozo, Romário Martins, Sebastião Paraná, Ermelino Leão, Júlio Pernetta, apenas para citar os mais conhecidos – também viam com maus olhos a influência católica, apesar de o grupo, no Brasil, ter sido comumente associado à monarquia e, por conseguinte, ao catolicismo¹⁹⁹. Defensores do livre pensamento e da emancipação dos homens, os anticlericais curitibanos podiam bem habitar o mundo *neo-iluminista* de Baumer:

(...) O Neo-Iluminismo, no seu conjunto, exhibe muito dos traços gerais do Antigo Iluminismo: a mesma aversão pelo sobrenatural e pela metafísica; a mesma ênfase na ciência e no "livre pensamento" (no sentido da crítica da tradição religiosa); a mesma preocupação com os problemas sociais e o ativismo social; o mesmo optimismo quanto à natureza humana e a história. (...) Por outro lado, o Neo-Iluminismo, possivelmente porque surgiu depois da Revolução Francesa e confrontou a Revolução Industrial, tinha um sentimento de mudança muito mais profundo.²⁰⁰

A influência maior do positivismo no Paraná está justamente nesse desejo de transformação de que fala Baumer. Como mostrou claramente o historiador Luís Fernando Pereira, os republicanos paranaenses, na época da proclamação, festejaram o advento da nova forma de governo, entendida como a "superação da fase metafísica que se caracterizaria pela forma de governo monárquica", segundo Augusto Comte.²⁰¹ A superação deste estágio implicaria na ascensão ao poder dos novos "cientistas sociais", que, livres da influência perniciosa da religião, levariam a Pátria

¹⁹⁸ VELLOZO, VELLOZO, D. "Descobrimientos Marítimos. O Brazil." in *Revista...op. cit.*, p. 12-13.

¹⁹⁹ MARCHETTE, Tatiana. *Corvos nos Galhos nas Acácias: o movimento anticlerical em Curitiba 1896 – 1912*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999, p. 28.

²⁰⁰ BAUMER, *op. cit.*, p. 61-62.

²⁰¹ PEREIRA, *op. cit.*, p. 24.

ao seu desenvolvimento pleno.²⁰²

Pereira observa ainda que, no Paraná, o republicanismo radical, alimentado pelo positivismo ortodoxo, será o pensamento mais marcante do início da República no Estado. Nos primeiros momentos do novo governo, ainda durante a transição conduzida pelo Mal. Deodoro, os republicanos paranaenses explicitaram o seu desejo por uma *ditadura republicana* nos moldes propostos por Comte, onde o presidente teria cargo vitalício e concentraria quase todo o poder público, ao passo que ao Poder Legislativo caberia apenas gerir e fiscalizar a aplicação do orçamento público. Ao mesmo tempo, os republicanos defendiam a federalização da administração pública, de modo que cada Estado tivesse autonomia plena para gerenciar suas finanças e não dependesse tanto da boa vontade do governo central, o que fatidicamente ocorria no Paraná durante o Império. "A união para o interesse geral e a autonomia pra o interesse privado, eixos da felicidade pública" foi uma frase de ordem sugerida no início do período republicano no Paraná.²⁰³

Superada a primeira fase da República com a queda de Deodoro, os republicanos paranaenses liderados por Vicente Machado podem finalmente ascender ao poder no Estado, que logo após a proclamação continuara sendo liderado pelos liberais da época do Império, Jesuíno Marcondes e Generoso Marques dos Santos, que tiveram o apoio do Marechal. Mesmo tendo sido aliados do poder por Deodoro, os republicanos paranaenses sempre demonstraram profundo apoio ao exército, explicitado tanto no apoio à ditadura republicana, quando a possibilidade fora colocada nos primeiros momentos da República, seja no apoio incontestado ao Mal. Floriano durante a Revolução Federalista. Durante toda a Primeira República, portanto, teve o Paraná um governo comprometido com o novo regime, de um lado através do positivismo ortodoxo que "garantia" uma forma mais evoluída e científica de governo, e do outro, no federalismo que também contribuiu para a desejo de criar uma

²⁰² MARCHETTE, *op. cit.*, p. 31.

²⁰³ PEREIRA, *op. cit.*, pp. 29-45.

identidade paranaense diferenciada do resto da nação.²⁰⁴

Temos também, nos textos estudados, iniciativas louváveis que pretendiam fundar uma história e uma pré-história do Brasil, preferencialmente uma na qual as três etnias "que concorreram para a formação do povo brasileiro" - brancos, negros e índios – aparecessem dando suas contribuições. Nesse sentido, não fugiram daquilo que foi o modelo de história no Brasil do século XIX, encabeçado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: forjar uma tradição no passado, com vistas ao presente.²⁰⁵

A crença no progresso e na evolução do homem acentuara-se muito, no século XIX, a partir da publicação da obra de Charles Darwin, *A Origem das Espécies*, em 1859. Assim, após suas idéias terem sido difundidas, passaram a surgir estudos em ciências sociais baseados nos estudos evolutivos darwinianos, pregando a sociedade como um organismo vivo, e que como tal, estava sujeito as mesmas regras dos seres biológicos, isto é, a luta pela sobrevivência, a importância da "força" – entendido aqui como o poderio militar – como propulsores da evolução da nação. A idéia de luta, por mais paradoxal que pareça, entretanto, não excluía os conceitos de paz e harmonia; pelo contrário, deveria levar a eles, de acordo com Herbert Spencer – um evolucionista cujas idéias apoiavam-se em Lamarck e seus conceitos de herança biológica. Quando esses conceitos começaram a ser aplicados às sociedades, permitiam pensar o progresso social de uma geração para outra, assim como uma crescente complexidade do sistema social à medida em que o progresso avançava.²⁰⁶ A paz e a harmonia – conceitos também positivistas – só seriam alcançados após um período de lutas. Esses pensamentos estão bem claros no comentário com o qual Dario Vellozo fecha seu artigo sobre o Descobrimento:

O 4º. centenário assignala para o Brasil o encerrar de um cyclo de luctas para a formação de uma Patria. Será como incruento signo de paz, reunindo a família Brazileira num intimo sentimento de amor fraternal, ao raiar esplendoroso

²⁰⁴ Idem, pp. 45-53.

²⁰⁵ SCWARCZ, *op. cit.*, p. 133-134.

²⁰⁶ BAUMER, *op. cit.*, p. 121 e ss.

do século XX.²⁰⁷

A ciência dava sua contribuição na busca de um povo paranaense, tanto no passado como no presente. Lembremos que este é justamente um período na história brasileira em que se buscava uma alternativa – ou pelo menos uma justificativa – para a população mestiça que compunha a maior parcela do povo brasileiro, e até que ponto essa população constituía o "povo brasileiro" necessário para construir uma nação. As várias teorias propugnando o "branqueamento" da sociedade como forma de progresso defendiam principalmente a extirpação do elemento negro da sociedade, de forma a minimizar a influência negativa que essa raça teria ao misturar-se com as outras.²⁰⁸ Ao mesmo tempo, a imigração do europeu torna-se bastante desejável, posta a superioridade do homem branco sobre as outras raças. É este tipo de análise que também encontramos na *Revista do Club Coritibano*, onde os intelectuais paranaenses exaltam a imigração européia no Estado, transformam em heróis os índios que não existem mais e propõem civilizar os poucos que sobraram, e virtualmente "ignoram" a participação do negro na composição étnica paranaense.

Isso está exposto no artigo de José Grillo, "Paleoethnologia do Paraná", onde o autor faz referências sobre *nos ancêtres les Sambaquis*, povo ameríndio que teria habitado a costa paranaense e sido "medianamente civilizado": nos sítios arqueológicos (também chamados de sambaquis, na verdade formações de conchas encontradas em quase todo o litoral brasileiro) onde alguns desses esqueletos foram encontrados, pontas de lanças e pedras esculpidas também foram achadas, o que indicava um certo grau de evolução mental. Seu estado de barbárie, no entanto, ficava comprovado ao não se encontrar perto ou junto aos esqueletos traços de rituais fúnebres, o que leva Grillo a concluir mesmo que os Sambaquis não possuíam religião: "A raça dos Sambaquis não

²⁰⁷ VELLOZO, *op. cit.*, p. 13.

²⁰⁸ Ver, principalmente, SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 81 e ss; SHWARCZ, *O Espetáculo...op. cit.*, p. 43 e ss.

tinha pois crenças religiosas, porque do contrario encontraríamos nos túmulos a primeira das manifestações religiosas: a religião dos mortos."²⁰⁹ O paleoetnólogo paranaense considera essa raça, antepassada dos paranaenses, antiqüíssima, pois comenta: "observando os diversos ossos de um craneo d'esta raça, pareceo-me ver um dos craneos tão celebres descobertos nas grutas de Neanderthal, de Canstatt, ou de Brux, tão differente e a conformação d'esses craneos da dos craneos actuaes."²¹⁰ Por fim, José Grillo oferece uma teoria sobre a ocupação do continente, defendendo a tese que os sambaquis teriam sido suplantados, em um passado mais recente, pelos índios vermelhos vindos da América do Norte, e estes, mais tarde, sabidamente exterminados pelos brancos, pois "é um phenomeno ethnologico indiscutivel que as raças inferiores desaparecem em presença das raças superiores."²¹¹

Buscava-se também, em um passado mais recente, uma expressão do que seria a cristalização do povo paranaense tradicional. Dois elementos surgem com mais força, o índio e o sertanejo. Vimos, no primeiro capítulo, como Romário Martins e Sebastião Paraná utilizar-se-iam da visão romântica do índio como raça cavalheiresca e guerreadora, antepassada dos paranaenses, como justificativa para a adoção do nome *Guaíra* para o teatro da cidade, ainda no mês de maio de 1900.

O mesmo Sebastião Paraná, em seu texto sobre a geografia do Estado, na *Revista*, discorre sobre a situação dos índios naquele momento: largados nas florestas, compunham cerca de dez mil "brasileiros", como faz questão de frisar várias vezes. A solução era simples, porém:

Devemos nos utilizar de tantos elementos de produção, dispersos inutilmente pelas florestas; convém adicional-os com solicitude á população civilizada que occupa ainda pequena porção do nosso immenso territorio.²¹²

A análise de Sebastião Paraná foi corroborada por Romário Martins,

43. ²⁰⁹ GRILLO, J. Franco. "Paleoethnologia do Paraná". in *Revista... op. cit.*, p.

²¹⁰ Idem, ibidem.

²¹¹ Idem, p. 46.

²¹² PARANÁ, Sebastião. "O Paraná Geographico". In *Revista do Club...op. cit.*, p. 25.

"maravilhado com as potencialidades civilizadoras" dos índios, especialmente a tribo guarani, que na obra romariana é caracterizada mesmo como predisposta a aceitar as normas da civilização branca.²¹³

Por outro lado, Júlio Pernetta, no seu artigo intitulado "Lendas e Tradições", é quem representa melhor o romantismo de caráter regionalista que, segundo Antônio Cândido, caracteriza a transição entre o romantismo nacionalista brasileiro da 2ª metade do século XIX e a consolidação do modernismo da Semana de 22, consagrando o conto sertanejo, que nas palavras do crítico foi um

gênero artificial e pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, a pretexto de amor da terra, [e] ilustra bem a posição dessa fase que procurava, na sua vocação cosmopolita, um meio de encarar com olhos europeus as nossas realidades mais típicas.²¹⁴

Em seu texto, J. Pernetta vai justamente defender o uso do presépio ao invés do pinheiro germânico nas comemorações natalinas, por ser um costume dos nossos antepassados portugueses que o caboclo do interior do Estado teria preservado. Júlio, conhecido entre os amigos como ávido colecionador de piadas e anedotas, publicou seus contos regionalistas tanto na *Revista do Club*, como no *Cenáculo*, assim como escreveu *Pelas Tradições*, livro que lhe renderia uma discussão acalorada com a portuguesa radicada Mariana Coelho, uma das poucas mulheres identificadas com o grupo do *Cenáculo* em termos de produção.²¹⁵ duas questões centrais para o grupo que procurava organizar uma nova identidade para o Paraná: em primeiro lugar, a sua contribuição à história do Estado, e o estabelecimento de uma determinada tradição do "povo" paranaense; em segundo, é indicativo que o pinheirinho germânico seja o alvo das acusações de Júlio, pois o rápido crescimento de um setor do

²¹³ SVARÇA, O Forjador... op. cit., p. 60.

²¹⁴ CÂNDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000, p. 105.

²¹⁵ SILVESTRIN, Mônia. *Do Bom Uso da Palavra: o intelectual na obra de Mariana Coelho*. Monografia de Conclusão de Curso. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1999.

comércio dominado pelos imigrantes alemães preocupava os tradicionais habitantes luso-brasileiros da cidade, como veremos abaixo.

Ainda na busca do espírito paranaense, Júlio explica ainda que o passado verdadeiro de uma nação está em suas lendas, que encontram-se no seu estado mais puro no coração do *sertanejo*. Defende o conhecimento das lendas paranaenses, e de seu expoente maior – Bento Cego, um poeta popular do interior²¹⁶ - e que somente o contato com a tradição desses caboclos pode ensinar ao brasileiro como amar verdadeiramente a história da Pátria:

A alma Brasileira só se manifesta sinceramente na sua angelica primitividade, quando fala pelos labios ingenuos do *caboclo*. É esse bello sertanejo, que habita o coração das mattas, que ahí guarda e transmite, religiosamente, a seos filhos as lendas e tradições que recebeo de seus paes. (...) Como é bello ouvil-o narrar á sua família as lendas e tradições da sua terra, despertando asssim naquelles corações simples o amor pelo berço e pelo passado de luz da alma nacional.²¹⁷

Júlio Pernetta, que chocara a sociedade curitibana com suas orações e litânias a Satã e à Morte na época do Cenáculo, fincava seus pés no sertão paranaense, em busca do espírito do povo nos contos do *sertanejo*, depositário das *tradições* paranaenses – mais uma vez, reforçando a sua tese de que o pinheiro de Natal era uma invasão germânica na cultura paranaense, e que o presépio, este sim integrante da tradição portuguesa do sertanejo, deveria ser adotado pelos paranaenses. Realizava, assim, uma aspiração de Sílvio Romero, o intelectual sergipano – citado diretamente por Júlio – que declarara que uma obra literária só deveria ter valor na medida em que contribuía para a diferenciação do caráter nacional.²¹⁸

A posição anti-germânica, adotada com grande intensidade por Júlio e Romário, principalmente, vem do fato de muitos alemães terem adotado

²¹⁶ DICIONÁRIO HISTÓRICO... *op. cit.*, p. 366.

²¹⁷ PERNETTA, Júlio. "Lendas e Tradições". in *Revista...* *op. cit.*, p. 61.

²¹⁸ MOTA, M^a. Aparecida R. *Sílvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 52.

a atividade comercial em Curitiba, ao invés de irem para o campo, como havia sido "planejado" para eles no Império. Bem organizados, competiam assim com a comunidade luso-brasileira e a nascente comunidade italiana, fundando sociedades exclusivas, como a *Thalia*, e vários jornais e periódicos. Décio Svarça observa esse sentimento em seu estudo sobre Romário, apontando a ferocidade com que condena o "elemento alemão" que, justamente por viver em comunidades muito fechadas e conservadoras – e portanto sem amor ao país que o recebeu – conseguiu alcançar posições políticas e econômicas suficientemente fortes para que figuras reconhecidas do poder local como Romário Martins e Júlio Pernetta o atacassem freqüentemente.²¹⁹

Em *O Paraná Antigo e Moderno*, escrito em março de 1900 para também figurar como uma homenagem ao centenário do Descobrimento, Romário Martins culpa a falta de critério durante o período imigratório pela concentração dos alemães nos estados do Sul. Romário escreve, horrorizado, sobre os mapas do Brasil divulgados na Alemanha, que mostrariam os três estados da região sul como colônias ultramarinas germânicas.²²⁰ Por fim, Romário Martins define o alemão como sendo pernicioso e ingrato, e dá a justa medida da disputa que ocorria na capital causada pela expansão da influência alemã:

Pernicioso porque tem desnaturado os nossos costumes e tradições, porque nos suplanta pelo numero dentro de nossas cidades, absorvendo o commercio, principalmente o pequeno commercio; porque forma sociedade a parte; porque é monopolizador; porque é uma perigosa força política; porque não é nosso amigo; e porque o seu olhar e o seu pensamento estão, sempre, fixos do outro lado do mar, a espera que a Alemanha se disponha a tentar a conquista desta terra.²²¹

Assim, a festa nacional é utilizada para fornecer imagens que incitam mesmo o ódio racial na oposição à influência da colônia alemã, desprezada por ter fugido daquilo que deles se esperava quando aportaram no país: o

²¹⁹ SVARÇA, *O Forjador... op. cit.*, p. 62 e ss.

²²⁰ MARTINS, Romário. *O Paraná Antigo e Moderno*. Curitiba: Typ. da Livraria Econômica, 1900, p. 67.

²²¹ Idem, p. 66.

desenvolvimento da agricultura e das terras desabitadas. Nesse sentido, os italianos e os poloneses são o oposto da imagem que se quer passar em relação aos alemães: são povos que aderiram à agricultura, além de não pregarem o isolacionismo como forma de relacionamento com os outros habitantes da cidade.

Camilo Vanzolini, autor do artigo sobre a colonização e a imigração, dispensa aos alemães, os mais antigos imigrantes chegados ao Paraná, um pouco mais de meia página, observando secamente que são, incontestavelmente, o maior grupo em operação no comércio e na indústria. Aos seus compatriotas, os italianos, dispensa uma página e meia, reivindicando maiores favores dos governos estadual e federal para esta imigração que fora bem planejada e executada. Ao comparar a situação dos alemães e dos italianos, Vanzolini deixa transparecer também a difícil competição existente entre os imigrantes que participavam do comércio da cidade:

O commercio italiano em Coritiba, e no Paraná em geral, nem sequer pode ser comparado com o dos allemães. As causas de sua inferioridade são multiplas, e não é essa a ocasião de enumerar-as. Creio, porem, firmemente, que se existisse entre os portos da Italia e o de Paranaguá uma linha directa de navegação como a que existe entre este porto e o de Hamburgo, o commercio italiano poderia desenvolver-se muito, e, em muitos ramos, se não em todos, competir com o commercio allemão.²²²

Com este testemunho, explica-se também a participação do italiano Luís Tonissi na fundação do Instituto Histórico no fim do mês, transformando-o, então, em representante oficial do Paraná nas negociações com comerciantes italianos que desejassem apostar seu dinheiro no Estado. Contra os alemães, montou-se mesmo um sistema de propaganda que condenava o estabelecimento dessa nova camada urbana que progredia pelo trabalho, mas que julgava-se capaz de manter-se à parte dos outros habitantes e impor seu modo de vida na cidade, contrariando, assim, a expectativa de integração à terra que Romário e seu grupo tinha em relação aos imigrantes.

Os exemplos dessas "invenção simbólicas" das tradições multiplicam-se e podem ser encontrados em todos os textos da *Revista*. O ano de 1900 viu mesmo uma grande quantidade de textos comemorativos: em São Paulo, por exemplo, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo entrou em discussão com o seu semelhante carioca, o IHGB, sobre a validade de um testamento que atribuiria a João Ramalho, português estabelecido na Capitania de São Vicente, a primazia da descoberta do Brasil.²²³ A Comissão Central do Centenário, no Rio de Janeiro, fez concursos literários e também editou um livro para o qual contribuíram os nomes de grande expressão nacional, como Capistrano de Abreu e Sílvio Romero.

O otimismo em relação ao que o século XX deveria trazer, a crença na civilização e na racionalidade do homem faziam acreditar que o século que se encerrava deixava para traz toda a barbárie da espécie humana – houve até quem predissesse que o século XX seria um século sem guerras²²⁴!

Através da palavra escrita, estes homens de ação pretenderam construir imagens de progresso e civilização para a sociedade paranaense, através de conhecimentos histórico-científicos irrefutáveis e de um movimento literário que buscou dotar o Estado de características singulares que o destacariam das outras unidades da federação. Após o período de experiências do século XIX, estabelecem já no início do século XX as bases do *Movimento Paranista*, que além da palavra impressa valeu-se também da arte na criação de imagens para criar o sentimento de pertencimento ao Estado.

A festa do 4º. centenário em Curitiba foi, assim, um primeiro "ensaio geral" de uma geração que experimentara uma década de combates de todas as formas, alimentados pelas possibilidades que novos conhecimentos delineavam, mesmerizados pela velocidade da marcha

²²² VANZOLINI, C. "A Colonização". *Revista do Club...* op. cit., p. 106.

²²³ FERRETTI, D. J. Z.; CAPELATO, M. H. R. "João Ramalho e as origens da nação: os paulistas na comemoração do IV Centenário da descoberta do Brasil". *Revista Tempo*, no. 8, p. 67-87.

²²⁴ BAUMER, *Modern European...* op. cit., p. 371.

inexorável do progresso que os impulsionava em direção às oportunidades em aberto, colocadas pelo novo regime republicano no país.

Considerações finais

Ao voltarmos nosso olhar para as celebrações dos 400 anos do Brasil no Paraná, através da ação dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico no estado, procuramos evidenciar a circulação de diferentes correntes de pensamento na capital curitibana, na virada do século XIX para o XX. Interessou-nos mostrar também como o grupo de "homens de ação", dentro do cenário político paranaense, utilizou-se do vocabulário fornecido pela poesia e pela ciência da sua época para estabelecer um projeto identitário para uma população bastante diversa em sua origem e ligação com o estado, em um momento que exigia da parcela letrada da sociedade uma ativa participação pública, como afirmou Nicolau Sevcenko:

As décadas situadas em torno da transição dos séculos XIX e XX assinalaram mudanças drásticas em todos os setores da vida brasileira. Mudanças que foram registradas pela literatura, mas sobretudo mudanças que se transformaram em literatura. Os fenômenos históricos se reproduziram no campo das letras, insinuando modos originais de observar, sentir, compreender, nomear e exprimir. (...) Poucas vezes a criação literária esteve tão presa à própria epiderme da história *tout court*.²²⁵

Independentemente de o grupo ter "vencido", isto é, tornado-se hegemônico, dominante ou não, o que nos interessa sobre o pensamento da virada do século são as várias possibilidades colocadas, e como elas foram diversamente apropriadas por esses homens de ação, e que, conforme Benjamin, o historiador organiza de modo que o passado se torne uma experiência única, "saturada de agoras", isto é, do presente do próprio historiador.²²⁶

A mesma experiência ocorre no processo de criação da identidade paranaense que analisamos, através da citação de episódios do passado que procuram criar uma continuação no presente, como é o caso da busca da tradição (luso)sertaneja contra a iminente "infiltração alemã" sentida

²²⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo : Brasiliense, 1985, p. 237.

²²⁶ BENJAMIN, *Magia e Técnica...* op. cit., pp. 229-230.

pelos fundadores, da glorificação ao índio e do ataque à Igreja Católica, e mesmo ao procurar antepassados longínquos através da arqueologia. É evidente que outros passados são "esquecidos", e substituídos de acordo com as necessidades do presente: os Campos Gerais, dos tradicionais fazendeiros criadores de gado, têm sua importância diminuída frente aos imigrantes e sua contribuição para o desenvolvimento da agricultura.

Para Eric Hobsbawn, o processo de invenção das tradições encerra três possibilidades: 1) as que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou dão condição de acesso a um grupo ou comunidade; 2) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou ainda, relações de autoridade; e 3) as que buscam a socialização, ou a inculcação, de sistemas de valores e padrões de comportamento.²²⁷ Podemos ver que o movimento que se configura no Paraná atende, na verdade, as três instâncias colocadas por Hobsbawn, o que mostra o grau de coesão do grupo mesmo durante a constituição do movimento que viria a denominar-se *Paranismo*.

Estamos também de acordo com Roger Chartier, que em conhecido trabalho mostra como a história deve renunciar à "cartografia das particularidades por uma busca das regularidades"²²⁸, o que forçosamente extrapola o nível regional. Para Chartier, o estudo das *representações coletivas*, conceito que para ele substitui o das *mentalidades* por articular melhor três formas de relação do historiador com o mundo social: primeiro, o trabalho de classificação que identifica "as configurações intelectuais múltiplas através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos" presentes na sociedade; depois, "as práticas que buscam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de ser no mundo"; e finalmente, "as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais os "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos) marcam de maneira visível e perpétua a existência do grupo, da

²²⁷ HOBSEBAWN, A *Invenção... op. cit.*, p. 17.

²²⁸ CHARTIER, R. "Le monde comme représentation" in *Au Bord de la Falaise: l'histoire entre certitudes et inquiétude*. Paris: Albin Michel, 1998, p. 72.

comunidade ou da classe".²²⁹

Faltam também para a historiografia paranaense estudos mais aprofundados sobre a intelectualidade da virada do século no Paraná, do ponto de vista de uma história das idéias. A *Revista do Club Coritibano*, todo o grupo envolvido na sua produção e de tantos outros periódicos da época são um material muito fértil para estudos desse tipo, dado o ecletismo dos próprios autores, e que ninguém soube condensar tão bem como Dario Vellozo.

Admirado pelos companheiros, Dario era leitor voraz, e esteve em contato com várias correntes de pensamento da época, como o orientalismo, o espiritismo, o positivismo, o simbolismo, os vários cientificismos, para citar os mais conhecidos. Como mencionamos, foi um grande defensor da educação – tanto que muitos de seus alunos o seguiram, mesmo após concluírem seus estudos com o professor de História Geral e do Brasil, para o Instituto Neo-Pitagórico, inspirado na antiga Escola de Crótona, e que foi fundado em 1912. Assim o definiu Andrade Muricy, no seu *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*:

As doutrinas ocultistas, introduzidas no Paraná por João Itiberê da Cunha, tiveram em Dario Vellozo o seu mais apaixonado e dedicado prosélito. Os livros de Saint-Martin, Swedenborg, Péladan, Saint-Yves d'Alveydre, Papus, Stanislas de Guaita, Fabre d'Olivet, Jules Bois, Schuré; os poemas iniciáticos do Oriente; o wagnerismo ortodoxo; o esteticismo inicial de Huymans; Dante Alighieri; a poesia simbolista e a de Luis Murat; o socialismo humanitarista, o anticlericalismo radical, apaixonado e proselítico, a filosofia grega: eis as fontes que contribuíram para formar sua personalidade, que um legítimo dom lírico harmonizava, num todo que tinha traços de grandeza, e sempre singular, e nunca vulgar ou tedioso.²³⁰

Da poesia à ciência, caminhos que se cruzaram e entrecruzaram na virada do século, e que, no momento oportuno, convergiram para a criação e divulgação de um projeto identitário que, devidamente inculcado na população, sobrevive até hoje no discurso oficial do Estado. As festas dos 150 anos da emancipação da ex-5ª Comarca de Curitiba serão

²²⁹ Idem, p. 78.

²³⁰ MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. vol. 1. Rio de Janeiro: Depto. de Imprensa Nacional, 1952. p. 341.

testemunhas da eficácia, ou não, deste atual velho discurso.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES:

Jornais

O Commercio. Curitiba, 1900.
O Diário da Tarde. Curitiba, 1900.
A República. Curitiba, 1900.

Periódicos

Revista do Club Curitibano. Curitiba. Impressora Paranaense, 1890-1900.
Revista Azul. Curitiba. Impressora Paranaense, 1893.
O Cenáculo. Curitiba. Impressora Paranaense, 1895-1897.
Galáxia
A Penna. Curitiba: Typ. Adolfo Guimarães, 1897.
Esphynges. Curitiba: Dario Vellozo, 1897.
Almanach do Paraná. Curitiba: Impressora Paranaense, 1896-1900.
O Sapo. Curitiba. Livraria Econômica, 1898-1900.
Pallium. Curitiba: Livraria Econômica, 1898 e 1900.
Jerusalém. Curitiba: Dario Vellozo, 1899.
Azul. Curitiba: Der Beobachter, 1900.
Breviário. Curitiba: s.ed., 1900.
Turris Eburnea. Curitiba. Impressora Paranaense, 1900.

Livros

MARTINS, Romário. *O Parana Antigo e Moderno*. Curitiba: Liv. Econômica, 1900.

POMBO, José Francisco da Rocha. *O Paraná no Centenário*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BALHANA, Altiva P; MACHADO, Brasil P; WESTPHALEN, Cecília M. *História do Paraná*. 1º. vol. Curitiba: Grafipar, 1969.

BALHANA, Carlos Alberto. *Idéias em Confronto*. Curitiba: Grafipar, 1981.

BEGA, Maria Tarcisa Silva. *Sonho e Invenção do Paraná: geração simbolista e a construção da identidade nacional*. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

- BAUMER, Franklin L. *Modern European Thought: continuity and change in ideas*. New York: MacMillan Publishing, 1977.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. *Rua de Mão Única*. Obras Escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- _____. *Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas III. São Paulo, Brasiliense, 1997.
- BERBERI, Elizabete. *Impressões: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba*. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998.
- BERMAN, Marshall. *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.
- BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARANAENSE. Ano 1, vol. 1-2, fasc. 1-4. Curitiba: Livraria Mundial, 1918.
- BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARANAENSE. Ano 2, vol. 1-2, fasc. 1-4. Curitiba: Livraria Mundial, 1919.
- BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE. Ano 32, vol. 6, fasc. 1-4. Curitiba: Ed. Guaira, 1950.
- BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO, GEOGRÁFICO E ETNOGRÁFICO PARANAENSE. Ano 58, vol. 23. Curitiba: A.M. Cavalcante, 1974.
- BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARANAENSE. Ano 72, vol. 51. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000.
- BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1836-1880)*. 2 vol. São Paulo: Martins Fontes, 1971
- _____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.
- CARNEIRO, Newton. *As Artes Gráficas em Curitiba*. Curitiba: Ed. Paiol; Fundação Cultural de Curitiba, 1976.

- CAROLLO, Cassiana L. *Decadismo e Simbolismo no Brasil: crítica e poética*. 2 vol. Rio de Janeiro: LTC; Brasília, MEC/INL, 1980.
- CARVALHO, Alessandra I. de. *Nestor Victor: um intelectual e as idéias de seu tempo*. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998.
- CARVALHO, José Murilo. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- _____. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CASTRO, Nestor de. *Obras*. Curitiba: Liv. Mundial, s.d.
- CHARTIER, Roger. *Au Bord de la Falaise: l'histoire entre certitudes e inquiétude*. Paris: Albin Michel, 1998.
- _____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.
- CORDIOLLI, Marcos A. "O Olhar de um Ponto Diverso – As Gênesis de um Idílio. A trajetória de Dario Vellozo." In *BOLETIM DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA*, 1(6):6-25. Curitiba, 1989.
- COSTA, Vidal A. de Azevedo. *Visões Ascendentes: fragmentos do olhar curitibano ao mais leve que o ar*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- DE BONI, Maria Ignês M. *O espetáculo Visto do Alto: vigilância e punição em Curitiba (1890-1920)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- DENIPOTI, Cláudio. *A Sedução da Leitura: livros, leitores e história cultural: Paraná (1880-1930)*. Curitiba/UFPR : Tese de Doutorado em História, 1998.
- DICIONÁRIO *Histórico-Biográfico do Estado do Paraná*. ed. por Luis Roberto N. Soares. Curitiba: Livraria do Chain; BANESTADO, 1991.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- FERRETTI, Danilo; CAPELATO, Maria H.; "João Ramalho e as origens da nação: os paulistas na comemoração do IV centenário da Descoberta do Brasil". *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, UFF. v. 4: no. 8; Dez. 1999.
- GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio... modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

- GUMBRECHT, Hans U. *Em 1926: vivendo no limite do tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. (orgs). *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- IPARDES. *O Paraná Reinventado: política e governo*. Curitiba: IPARDES, 1989.
- LACAPRA, Dominick. *Rethinking Intellectual History: texts, contexts and language*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1983.
- LEÃO, Ermelino A. de. *Dicionário Histórico e Biográfico do Paraná*. Curitiba: Instituto Histórico, Etnográfico e Geográfico do Paraná, 1968.
- LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1967.
- MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos Galhos das Acácias: anticlericalismo e clericalização em Curitiba 1896-1912*. Curitiba/UFPR. Dissertação de Mestrado em História, 1996.
- MARTINS, Romário. *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.
- _____. *Terra e Gente do Paraná*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, s/d.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1877-1896)*. vol. 4. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- MOREIRA, Júlio E. *Dicionário Bibliográfico do Paraná*. Curitiba: sled., 1954.
- MOTA, Ma. Aparecida Rezende. *Sílvio Romero: dilemas e combates no Brasil da virada do século XIX*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- MOYSES, Massaud. *Literatura Brasileira. Simbolismo (1893-1902)*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Depto. de Imprensa Nacional, 1952.

- _____. *O Símbolo: à sombra das araucárias*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1976.
- NEGRÃO, Francisco. *Genealogia Paranaense*. Curitiba: Impressora Paranaense, 1926-1930.
- PAZ, Francisco Moraes. *Na Poética da História: a realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: Ed. UFPR, 1997.
- _____. *História como Arte: ensaios sobre historiografia contemporânea*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.
- PÉCAUT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil: entre povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- PEREIRA, L. F. L. *Paranismo: o Paraná inventado: cultura e imaginário no Paraná da I República*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.
- PEREIRA, Magnus R. de Mello. *Semeando Iras Rumo ao Progresso: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense, 1829-1889*. Curitiba: Ed. UFPR, 1996.
- _____.; SANTOS, Antônio César de A. *O Poder Local e a Cidade: a Câmara Municipal de Curitiba, séculos XVII a XX*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.
- PERNETTA, Emiliano. *Obras Completas* (org. de Erasmo Pillotto). 4 vol. Curitiba: GERPA, 1945.
- PILOTTO, Erasmo. *Dario Vellozo: cronologia*. Curitiba: s.ed., 1969.
- PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de Imprensa no Paraná (1854-1954)*. Curitiba: Instituto Histórico, Etnográfico e Geográfico do Paraná, 1976.
- PILOTTO, Valfrido. *A Estirpe Apostolar de Dario Vellozo*. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico; Edição do autor, 1990.
- POMBO, J. F. da Rocha. *Para a História: notas sobre a invasão federalista no Estado do Paraná*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1980.
- QUELUZ, Gilson. *Rocha Pombo: romantismos e utopias 1890-1905*. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 1998.
- ROUANET, Sérgio Paulo. "As Minas iluminadas: a ilustração e a inconfiência." In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

- RUTHERFORD, Ward. *Pitágoras*. São Paulo: Mercuryo, 1991.
- SCHORSKE, E. C. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. Campinas: Ed. Unicamp; São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- SCHWARCZ, L. M. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870 – 1930*. São Paulo : Cia. das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo : Brasiliense, 1985.
- SILVESTRIN, Mônia. *Do Bom Uso da Palavra: o intelectual na obra de Mariana Coelho*. Monografia de Conclusão de Curso. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1999.
- SIRINELLI, Jean-François. "Le Hasard ou la nécessité? Une histoire en chantier: l'histoire des intellectuels". In: *Vingtième Siècle: Revue d'Histoire*, no. 09, jan.-mar., 1986.
- SKIDMORE, Thomas F. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo : Cia. das Letras, 1987.
- SZVARÇA, Décio. *O Forjador: ruínas de um mito. Romário Martins 1874-1944*. Curitiba : Universidade Federal do Paraná. Dissertação de Mestrado em História, 1993.
- TRINDADE, Etelvina. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na I República*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996.
- VELLOZO, Dario. *Obras Completas*. 4 vol. Curitiba: Instituto Neo-Pitagórico, 1975.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870 – 1914*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- VEYNE, Paul. *Como se Escreve a História*. Brasília: Ed. UNB, 1995.
- VICTOR, Nestor. *Terra do Futuro: impressões do Paraná*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996.
- WEHLING, Arno. *A Invenção da História: estudos sobre o historicismo*. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Gama Filho; Niterói: Ed. Universidade Federal Fluminense, 1994.

_____. *Estado, História e Memória: Varhagen e a construção da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

WHITE, Hayden. *Meta-História: a imaginação histórica do século XX*. São Paulo: Ed. USP, 1995.

WILSON, Edmund. *Axel's Castle: a study in the imaginative literature of 1870 to 1930*. New York: Charles Scribner's Sons, 1959.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:

AUREVILLY, Jules Barbey. "À *Rebours* par J-K Huysmans." Versão eletrônica:
<<http://www.huysmans.org.uk/areboursrev/arebour1.htm>> em 01 ago. 2002.

BAUDELAIRE, *Les Fleurs du Mal*. Edição eletrônica.
<<http://www.gallica.bnf.fr>> em 01 ago. 2002.

_____. *Les Paradis Artificiels*. versão eletrônica:
<<http://www.chez.com/wildlove/baudprincipal/paradis/paradismenu.htm>> em 01 ago. 2002.

DOLE, George F., "Emanuel Swedenborg: An Introduction to His Life and Writings". versão eletrônica:
<<http://www.swedenborg.com/emanuel.html>> em 01 ago. 2002.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA. *Histórico*. "História". versão eletrônica:
<<http://www.ihgsc.org.br/historia.htm>> em 01 ago. 2002.

HUYSMANS, J-K. *À Rebours*. 1884. versão eletrônica: <<http://www.huysmans.org.uk/arebours/arnotice.htm>> em 01 ago. 2002.

LEÃO XIII. *Rerum Novarum*. Versão eletrônica:
<http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_en.html> em 01 ago. 2002.

MOREAS, Jean. "Le Manifeste du Symbolisme". Versão eletrônica:
<<http://persocite.francite.com/loryuno/xix-siecle/maureas-symbolisme/manifeste.htm>> em 01 ago. 2002.

SWEDENBORG, Emanuel. *Arcana Celestia*. versão eletrônica do texto.
<http://newearth.org/frontier/arcanal/>

SWEDENBORG, Emanuel. "Preface to Heaven and Hell". versão eletrônica:
<[http://swedenborg.newearth.org/hh/hh01.html#Swedenborg's Preface](http://swedenborg.newearth.org/hh/hh01.html#Swedenborg's%20Preface)> em 01 ago. 2002.